O

HARMONIAS

FANTASTICAS

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA LISBOA & C.ª
132—Rua Aurea—134

1875

HARMONIAS

FANTASTICAS

HARMONIAS

FANTASTICAS

SOUSA VITERBO, Francisco Marques de

HARMONIAS

FANTASTICAS

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA, LISBOA & C.ª
132—Rua Aurea—134

1875

LIVRO I

LENDAS DO CORAÇÃO

I

CASTELLOS

I

Eu passei toda a noite a scismar n'ella,
vi-a sorrir, espanejando as azas.
Meu pobre coração, como te abrazas
n'este fogo d'incognita procella!

Meu pobre coração! eu reconheço
quanto é medonha a profundez do abysmo...
Eu soffro d'um cruel somnambulismo,
vivo osculando um idolo de gesso!

Meu pobre coração! As alegrias
fugiram, como foge um aureo sonho,
e eu bebo a solidão dos longos dias
como encerrado em carcere medonho.

Como o cego que a luz do sol ignora
vejo-me entregue a mil contrariedades...
Deixa que um raio me illumine as grades!
deixa que eu morra abençoando a aurora!

II

Porque não has-de amar-me? Eia! ajuntemos,
como duas torrentes n'um só lago,
ao teu meu coração cheio d'extremos,
o nosso amor indefinido e vago.

Amando, a nossa vida é como um jorro
d'argentea luz em gothica vidraça.
Sem teu amor, eu desfalleço, eu morro...
Bebamos o prazer na mesma taça!

Sim, libemos! descubro a tua imagem
desenhada n'um fundo prateado.
Como é suave e doce a paisagem
quando te vejo trémula a meu lado!

O meu amor, como leão fogoso,
precisa quem o afague, quem o amanse...
Amansa-o tu em impetos de gôso...
Comecemos emfim nosso romance!

III

Vês este quadro? O legendario Rheno
passa abraçando as nayades formosas,
e ao longe o mago sol pende sereno
envolvendo-se em labaro de rosas.

No cimo das inhospitas quebradas,
restos do feudalismo, olha o castello
a desenhar-se no infinito, bello
qual palacio de mouras encantadas.

Ergue os teus olhos, ergue, lê, decora
os poemas formados de granito,
tão cheios de mysterio como o Egypto,
tão cheios de harmonia como a aurora.

Como tudo é soberbo! Entre as ameias
passam as brisas, destrançando as heras,
e a castellã de quinze primaveras
sonha embalada em côro de sereias!

IV

Tal é meu coração, ó Margarida,
maravilha ideal d'architectura;
é deserto, porém; vem-lhe dar vida!
vem enchel-o com tua formosura!

Fez-se harem para ti; falta a sultana.
Ao clarão d'uma lampada argentina,
repoisarás em flaccida ottomana,
meia cerrada a palpebra divina.

Ao longe, entre os jardins luxuriantes,
hão-de-se ouvir os mandolins saudosos;
sonharemos os sonhos dos amantes,
e acordaremos pallidos esposos.

Vem, ondina, entre as lucidas ondinas,
habitar de minha alma no castello!..
Se a luz do sol o encontra agora bello,
dentro de pouco vel-o-has ruinas!

II

A EMBRIAGUEZ DAS FLORES

A A. D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO

I

Quando voltei do baile era já quasi dia;
vinha cheio d'amor e cheio d'ambrosia,
vinha cantarolando o ultimo *evohé*.
Trazia na cazaca um pallido *bouquet*
colhido com audacia em seio feminino,
um seio que endeusára a téla d'um Urbino.

Havia no meu quarto um vaso de crystal;
enchi-o a trasbordar de vinho oriental
e disse — é este o vaso artistico em que deve
conservar-se um *bouquet* feito de flores de neve;
se o homem se embriaga, embriague-se tambem
o lyrio que estremece ao perpassar d'alguem!

Deitei-me e dentro em pouco um sonho d'alegria
jorrou ondas de lava ao mar da fantasia,
e vi passar então em rapidos corceis
as nymphas do prazer soltando os seus anneis;
quiz meus braços lançar á lucida choreia,
mas apenas senti da trémula cadeia
baterem-me no peito uns ferros a escaldar...

Soceguei um momento; ouvi depois cantar,
extranha melodia, extranha linguagem!
um murmurar de vento em flaccida ramagem!
era o côro gentil das flores do meu *bouquet*...
oh! bella embriaguez—*evohé! evohé!*

II

Disse-me então não sei que flor mimosa
formada de velludo e renda branca:
«Eu sou aquella flor que não se arranca
«sem que verta uma lagrima saudosa.

«A tua mão cruenta, indelicada,
«duas vezes cortou minhas raizes:
«duas vezes fiquei sem madrugada,
«sem o cantar dos rouxinoes felizes.

«Mas tu nunca has-de ter aquelle seio,
«aquelle paraizo d'innocencia,
«aquella branca e magica opulencia,
«em que eu mesma cheguei a ter receio.

« Ah! se as flores nascessem entre as azas
« de duas pombas ao formar o ninho,
« então não receára d'esse arminho,
« em cuja onda o coração abrazas.

« Não penses que os teus versos mais risonhos
« vão cahir gota a gota no seu peito,
« bem como os braços d'ella no seu leito,
« quando deixa das mãos voar os sonhos.

« Ella ha-de-te fugir á similhança
« dos flexiveis ramos do salgueiro,
« e, quando te alvoreça uma esperança,
« has-de sentir o engano derradeiro.

« Ah! não a beijes, não; quando a beijares,
« has-de tremer na sensação mais louca
« e vêl-a-has desfeita em tua bôca
« — languida espuma d'esplendentes mares.

« Vê bem! nós somos a primeira folha
« d'aquella flor que murchará bem cedo...
« nós vimos revelar-te este segredo,
« deixamos o destino á tua escolha.

« Que queres tu? Tens fogo nas ideias:
« são bellas, mas calcinam tão de perto!
« Como o vento que passa no deserto,
« deves queimar unicamente areias.

«E nós? Seremos ámanhã apenas
«o perfume que encher a tua alcova...
«Deixa que o cysne com brandura mova
«no lago de crystal as suas pennas!

«Ficaremos aqui, perfume ethereo,
«alma externa que em sonhos te acompanha,
«e viverás então n'este mysterio
«cheio de dôr d'uma volupia extranha!»

III

Ao despertar, lancei pela janella fóra
a taça crystalina; o doce clarão da aurora
illuminou na rua o pallido *bouquet*,
mas eu nunca mais disse — *evohé, evohé!*

III

DELIRIOS

Hei-de afogar-te, ó ave, no teu ninho,
no teu ninho forrado d'esperança;
hei-de beber o sangue da vingança,
como quem bebe um deleitoso vinho.

Ninguem diz que és mulher, ninguem; és ave,
ave do paraizo das crianças,
ave do céo das magicas bonanças,
voando ao som de musica suave.

Quem palpasse o teu collo alabastrino
sentíra a flaccidez d'alva plumagem;
e a tua harmoniosa linguagem
é como a voz d'um rouxinol divino.

É cedo ainda p'ra morrer: espera
que a verdura floresça, além, no prado,
e hei-de envolver-te o corpo delicado
no manto virginal da primavera.

Hei-de lançar-te o ninho côr d'aurora
ao verde rio de mais fina prata;
vae nas ondas a imagem de quem mata
e ha-de ficar o olhar de quem não chora.

Não, não hei-de chorar na sepultura
aquelle bem que perco voluntario...
Quero queimar o deus do santuario
e queimar-me na minha desventura.

Meu Deus! meu Deus! se eu vejo aquella santa
sorrindo ao meu delirio brandamente,
como posso esmagar tão cruelmente
o coração que puro me levanta?

É que eu sinto vergado o pensamento
diante de uma tal benignidade;
quero apagar a minha claridade,
mergulhar-me nas sombras do tormento.

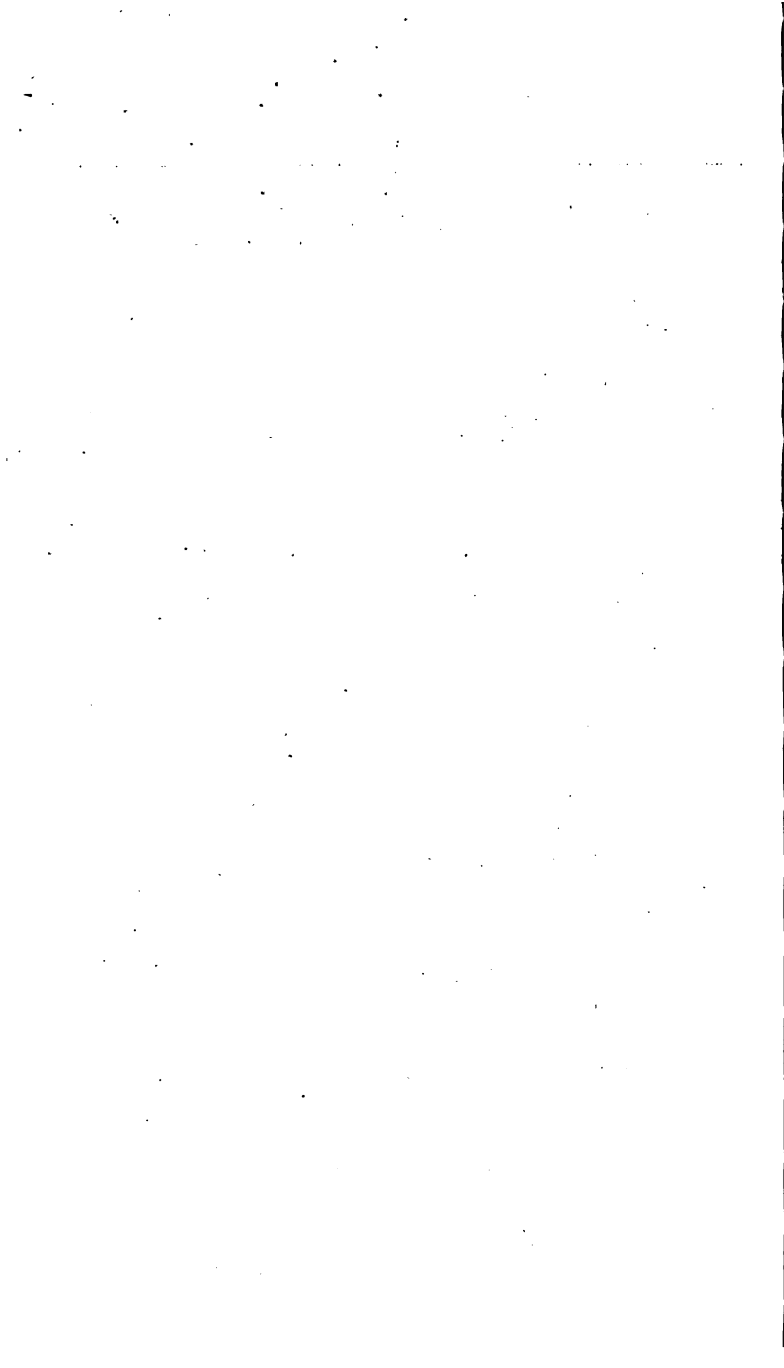
Ó soberano inferno da existencia,
se inda é pequeno o teu martyrio infrene,
que minha alma perdida se envenene
nos mais doces perfumes da innocencia!

Que eu me perca no bem e na bondade,
que eu me perca n'uns braços carinhosos,
como outr'ora os archanjos orgulhosos
se perderam no amor da divindade!

Quero trazer gravado no meu seio
um remorso famelico e selvagem,
e que, ao tremer da mais subtil ramagem,
me trema o corpo no mais rude anceio.

Sim, que eu traga um remorso extranho e ardente,
um remorso de sonhos de gigante,
em que o rosto febril da minha amante
me queime como um ferro incandescente!

Que algum deus vingador, um deus despotico,
crave em mim seu olhar mais duro e frio,
e que eu fique suspenso por um fio
d'um abysmo insondavel e cahotico!

Onde é que desce o olhar do criminoso?
Onde se perde a mente do assassino?..
Esmaguemos um peito alabastrino
e bebamos no sangue o infame goso!

IV

BERÇO E TUMULO

Quem te deitou n'esse funereo leito?
quem te embalou, criança?
Quem desfolhou em teu marmoreo peito
as rosas da esperança?

Como inda apertas nos franzinos dedos
a pallida violeta!
Levas comtigo os mellicos segredos
dos beijos de Julieta.

Não vês que o teu escravo inda é vendido
na feira dos amores?
Levanta-te, resgata um opprimido,
um coração de dores!

Quem te cerrou a palpebra mimosa,
ó virgem dolorida?
Quem te apagou, esphera luminosa
do génesis da vida?

E não haver beijo de amor materno
que lhe incendeie a face!
E eu condemnado ás sombras d'este inferno!
— escravo n'este *in-pace!*

E eu a cuidar que inda rompia a aurora
do dia da ventura!..
Levanta-te, criança, vê quem chora
na tua sepultura!

V

A VISCONDESSA

Conhece-a o rouxinol. Como gorgeia
embebido em phrenetica alegria,
quando a vê entre a densa ramaria,
á vaporosa luz da lua cheia!

Eu não sei como a gente se inebria
ante o olhar seductor da semideia...
A sua voz deixou-nos uma ideia
de graciosa e vaga melodia.

Acordou com a luz da madrugada;
vem desfolhando a ramaria espessa
com a varinha trémula de fada.

É ella, é; curvemos a cabeça,
formemo-nos em ala namorada...
Vae passando a senhora viscondessa!

VI

TRISTEZA

Decerto serás tu, minha tristeza,
a noiva que me dê o infindo abraço;
a noiva que me leve pelo espaço
a perder-se no azul da Natureza.

Não ha, não póde haver em todo o mundo
uma noiva mais bella e mais risonha,
um anjo que os seus labios sobreponha
nos labios terreaes d'um moribundo.

Sahi do ninho, ó aves da saudade,
vinde cantar-me o dithyrambo agreste;
quero ter uma c'rôa de cypreste,
conviva do festim da eternidade.

Ondas do mar — captivo impenitente —
brancas ondas da fonte e do ribeiro,
levae o meu queixume derradeiro
ás derradeiras praias do occidente!

A minha mágoa ergueu-se com a aurora,
desfez-se n'uma nuvem luminosa,
e quando desce, orvalho n'uma rosa,
com rapidez de novo se evapora.

Não me busqueis no rosto macilento
a dôr que me esphacela n'agonia...
Eu sou o pó que descançou do vento!..
eu sou a noite que acompanha o dia!

VII

FEBRE D'AMOR

Hei-de atirar-me á torrente,
beber na torrente o goso...
Dá-me a vida do Oriente
no teu seio voluptuoso!

Eu sinto a immensa harmonia,
sinto o giro das espheras,
na doidejante alegria,
no viço das primaveras.

Sei que em minha alma vegeta
um arvoredo fragrante,
onde descanta poeta
um rouxinol teu amante.

Vem recostar-te em meu seio,
hão-de embalar-te os rumores
d'este animado gorgeio,
d'este poema d'amores.

Não vês tu que se evapora,
como o odor das tuas tranças,
o orvalho da minha aurora,
o orvalho das esperanças?

Repara! Minha alma gira
como em orbita estrellada,
e a minha bôca delira
buscando os beijos da amada.

Em volta de mim se inflamma
a nuvem de Thyoneia;
no centro da mesma chamma
vem morrer, ó semideia!

Quero ter a noite escura
do teu olhar feiticeiro;
gosemos, emquanto dura
a febre do amor primeiro!

Entre os verdes arvoredos
estendem seu leito as rosas...
Eu sei todos os segredos
das noites mysteriosas!

VIII

DESDENS

A SANTOS NAZARETH

I

E tu cuidas que eu penso nos amantes
que te envolvem agora com delirio!
E tu cuidas que eu morro de ciume
no silencio das lobregas leituras!..

Atravez da folhagem da janella
vê-se a luz do teu quarto amortecida;
na setinea almofada tu reclinas
brandamente a cabeça; a loira trança
ensombra-te o romance escandaloso
que lês com indolencia; os teus olhares
de quando em quando accendem-se no fogo
do perfumado livro. O mais fidalgo

de teus escravos balbucia a mêdo
umas phrases subtis que decorára
no folhetim da vespera.. O piano
está silencioso... Tu sacodes
do vestido de seda as pobres flores,
que murcharam no seio alabastrino.
E mais e mais a luz do candieiro
se vae amortecendo, e o teu amante
sente o vulcão das noites de volupia
a queimar-lhe a cabeça, a devorar-lhe
os mêdos de criança!...

II

No meu quarto
existe a grande lucta concentrada
n'um cerebro de fogo: eu sinto o cahos,
as negras tempestades, o delirio
d'um coração que vôa sobre os mares,
que vê de cima a bôca dos abysmos
e não se assusta do rugir do inferno.
Inda ninguem me disse: —eia, precito,
vive longe do céo, longe dos astros,
exilado da patria dos amores!..
E que o dissesse—embora!.. eu tenho azas,
e azas de condor; conheço o espaço,
conheço a voz dos anjos; a poesia
é minha irmã, eu vivo das estrellas
que enxameiam seu manto purpurino.

III

A noite dos poetas! Tu não sabes
que embriaguez no calice fragrante
da inspiração divina! que riqueza
na rosea cornucopia dos poetas!
És bella, sim, mas inda mais formosas
surgem da mente as nayades em grupo...
Venus dá-me a cintura; eu desfalleço
no regaço das virgens deslumbrantes.
Habitas n'um palacio? Eu sonho alegre
em leitos de marfim; os cortinados
são formados de perolas, o aroma
das rosas tropicaes inunda a camara.

IV

A noite dos poetas! Que prodigio
n'essas phrases que jorram luminosas
quaes centelhas d'um astro, cujo nucleo
n'um encontro fatal se dispargisse.
Deus baixa ao nosso peito; cada fibra
do nosso coração é como corda
da lyra immensa que elle tange...

É negro,
bem negro o céo? Restruge o vento irado,
sacudindo a folhagem do arvoredo,
alastrando de neves a montanha?
Reina soturno inverno?...
A quadra amena
resurge de repente; as aureas flores
enlaçam-se nos troncos; os regatos
deslisam com doçura; as borboletas
ao novo sol deixam raiar seus íris!

V

A noite dos poetas!.. O universo
desenrola-se em verdes panoramas
e no contorno azul dos horisontes
surgem d'um novo mundo as novas praias.
D'entre as ondas d'espuma colorida
rebentam ilhas de coral: as selvas
mandam de longe os callidos perfumes.
As palavras do Génesis baixaram
ao fundo dos abysmos sonorosos
e o facho do poeta inunda as grutas
de fantastico alvor. O paganismo
fez rolar sobre as ondas prateadas
o carro de Neptuno: o nosso coche
leva após si o côro das sereias;

o grupo dos tristões segura as redeas
dos nitidos cavallos; as estrellas
doiram a madreperola da concha,
onde o poeta os hombros seus reclina.

VI

Vês tu?.. Em nosso inferno não se inscreve
o distico do Dante; sim, soffremos,
mas cada espinho que se enterra n'alma
na propria alma se converte em flores.
Uma sombra te segue — a formosura,
sómente a formosura, que se apaga
de dia para dia. Nos teus sonhos
a nuvem matutina dissipou-se.
No deserto da florea mocidade
has-de encontrar os fructos da palmeira,
has-de encontrar um pequenino oasis,
mas desce do ideal á consciencia,
e uma voz te dirá — o paraizo,
esse mimoso éden que te espera,
florejou n'este mundo ao som da lyra,
d'uma lyra coberta de saudades!

VII

Consulta a consciencia: o teu orgulho
ha-de cahir emfim aniquilado.
Pensavas tu vencer? Vias na arena
exangue o luctador? Imaginavas
que o seu canto de cysne moribundo
te pedia perdão, te supplicava
um sorriso de languida ternura?
Elle é que tinha o raio, elle é que tinha
o poder de partir a sua estatua,
o idolo envolvido em ouro e seda,
mas de barro na essencia.
Sim, consulta
ou a voz da razão ou do remorso,
interroga o passado, o teu presente,
procura decifrar o teu futuro,
e sempre o mesmo fogo, as mesmas lettras,
sempre a mesma sentença fulminante!

VIII

Preparou-se o teu côche... No theatro,
entre o fulgir das rosas e dos lumes,
lá te esperam os deuses de casaca,
esses *ninguens* faustosos, Lovelaces,

sem crenças, sem espirito, uns ilotas
da nossa sociedade corrompida.
«—Eil-a emfim, dizem elles, assestando
os eburneos binoculos—que linda
a camelia que prende as suas tranças!
como resplende o seio mal coberto
de rendas d'Alençon! com que donaire
reclina a fronte, descobrindo o braço!»
Tu sorris de vaidade, a sala inteira
solta um vago murmurio; em tua frisa
concentram seu olhar as outras bellas.
És a suprema actriz; na tua face,
no teu seio offegante, no teu riso,
ha a vida do drama e da comedia.

IX

Pois bem! eis ante mim um outro palco!
São dous os personagens tão sómente...
Eu e tu!—Eu evoco a tua sombra
e surges radiante de belleza
como quem sahe do harem. Que ethereo fluido
n'esse apertar de mãos! A branca lua
vem, confidente, illuminar-te o rosto.
Que mimosos dialogos!.. A noite
inspira-nos as santas harmonias,
dá-nos perfume aos labios sequiosos
e envolve-nos em ondas de mysterio!

Ora na bôca trémula suspira
uma doce elegia; ora n'um impeto
de raiva, de ciume, de delirio,
faço tremer teu coração latente.
Umas vezes — que terna suavidade! —
imagino que estreito Julieta,
que sou o teu Romeu: todas as phrases
do eterno Shakspeare não diriam
ò que te digo então com tal meiguice
que te deixas morrer languidamente
sobre os meus braços que te sentem viva.
És minha! toda minha! Eu te contemplo,
beijo-te a fronte, os olhos; adormeço-te,
acordo-te de novo... A mocidade
não tem no seu thesouro mais caricias,
não tem no olhar mais seducções magneticas!

Outras vezes irrompem violentas
as mais negras paixões; então te áccuso,
então te lanço em rosto as mil perfidias,
então eu te injurío desvairado,
então, ora te abraço como vibora,
então, ora repillo com fereza
os teus braços de neve; então no cóllo
te cravo, doudo, o meu punhal luzente
e ás minhas plantas te sacudo morta!

IX

NOIVA DE NEMROD

(A J. B.)

Caçadora! caçadora!
Pois é possivel, senhora?!

A madrugada formosa
beija as flores da campina;
toma ao hombro a carabina,
parte contente — que esperas?
Similhante á madrugada,
tu tens nas tranças pendentes
os lyrios sempre innocentes
d'essas vinte primaveras.

Sim, lá vaes; entre as arcadas
da solitaria deveza
sôa a voz da natureza
no gorgear incessante.
O rouxinol pensativo,
ferido de teus olhares,
solta mais doces cantares
no berço da sua amante.

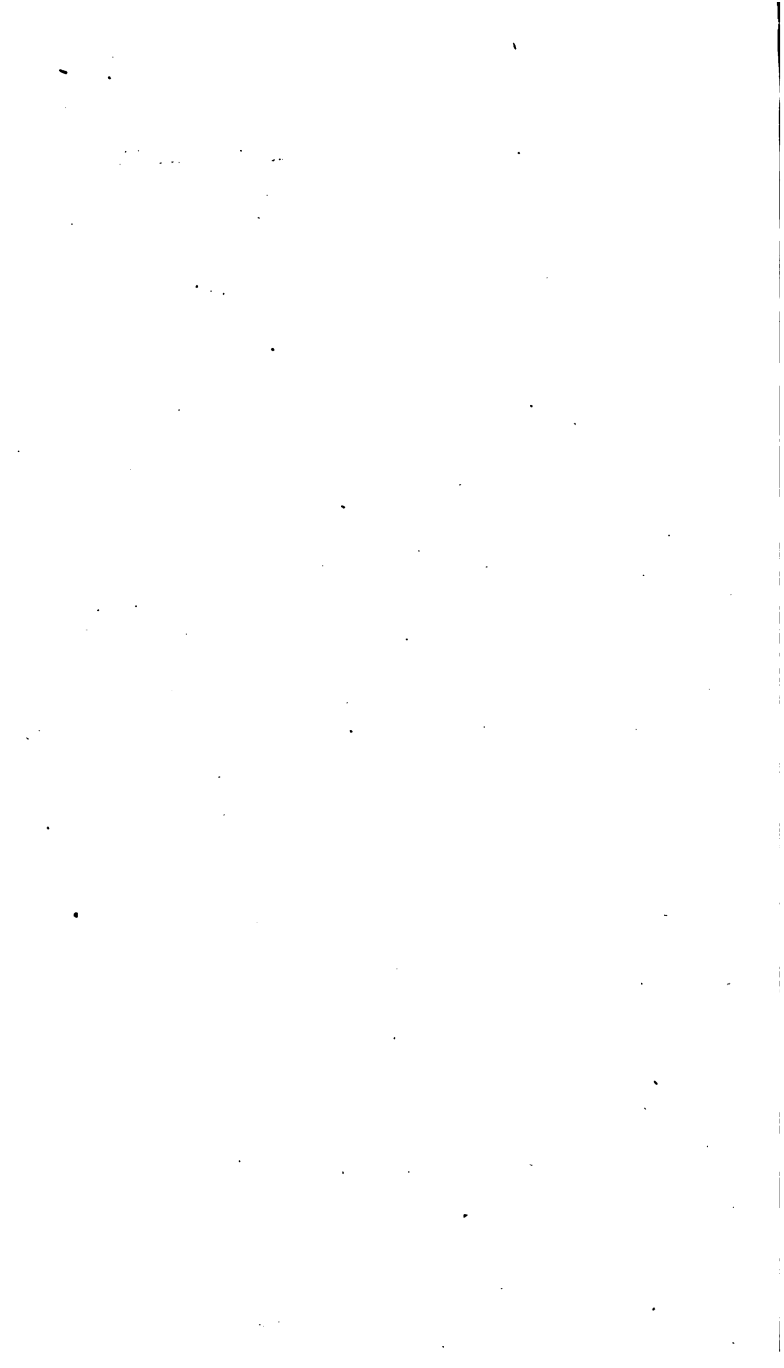
Mas ai! a nuvem de rosas
fôra um signal de agonia;
fez-se noite onde era dia,
onde era um dia de amores.
Desfechando a carabina,
tua mão, alva, de arminho,
fez calar o verde ninho,
fez tingir de sangue as flores.

Similhante á madrugada,
não, não és. Fôra loucura
crêr em tua formosura
como em livro sacrosanto.
Teus olhos são dous poemas,
dizem tudo o que ha mais doce;
mas o poeta olvidou-se
de pôr-lhe as notas do pranto.

Ao vêr-te o rosto cercado
de vaga melancolia,

quem é que te não diria
a Virgem meridional?
E no emtanto, lá no intimo
do templo da tua alma,
tem tambem festiva palma
o negro genio do mal.

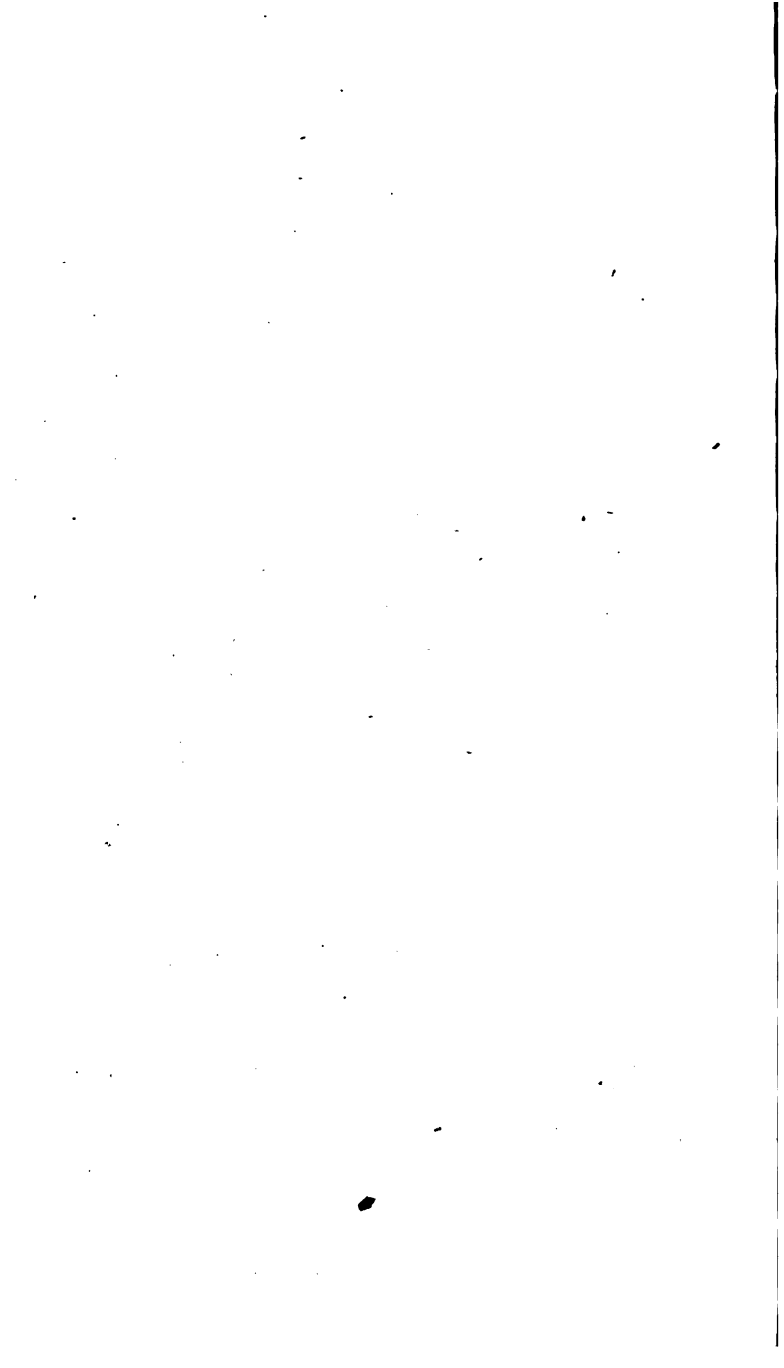
És bella, és moça; as grinaldas
da virente laranjeira
hão-de ornar-te a cabeceira,
não hão-de cahir no pó.
No livro da velha raça
tens o noivo á tua escolha;
volve uma folha, outra folha,
e a teus pés verás Nemrod!

Caçadora! caçadora!
Pois é possivel, senhora?

X

LYRIO

Lyrio nascido em urna do Oriente
e acalentado em seio pudibundo,
lyrio que Deus mandára de presente
aos que bebem as lagrimas do mundo;

Lyrio nascido em urna do Oriente,
quem te partiu a haste melindrosa
e te arrojou á onda paludosa,
sem um raio d'amor, indignamente?

Lyrio nascido em urna do Oriente,
que olhar de fogo te queimou assim?..
Podésse-te eu guardar eternamente
n'um herbario de folhas de setim!

XI

ONDAS

Ó ondas que passaes, onda do mar dourado,
ondas de fogo e luz, ondas de tentação,
não me deixeis perdido, absorto, abandonado,
levae-me corpo e alma em vosso turbilhão.

Já não me conheceis, já não, ondas d'outr'ora,
ó ondas que rugis no canto do prazer!..
Levaes na vossa espuma o brilho d'uma aurora,
e a mim vem-me na sombra as viboras morder!

Trazeis do mar profundo as perolas brilhantes;
de perolas cobris as hastes dos coraes,
e emquanto que beijaes o seio dos amantes,
eu fico repetindo um misero jámais!

Jámais! jámais! jámais! Maldito pensamento!
palavra que fulmina o que fitar os céos...
Negaes-me sem piedade a luz, o movimento,
e eu fico a rocha negra á flor dos escarcéos!

XII

A TAÇA

I

« Tu serás meu conviva! A natureza
« suspira nas copadas laranjeiras.
« A lua é candelabro á nossa meza
« e hão-de ser-nos as aves companheiras.

« Não invoques a musa da tristeza
« no doce alvor das illusões primeiras!
« Cede á noite, ao prazer, cede á belleza,
« cede ao rumor das virações fagueiras!

« Encosta-te ao meu seio, ao seio brando,
« revê-te bem na minha pallidez,
« no meu olhar te vae electrisando!

« Bebe! Perdida em tua embriaguez,
« desejo vêr-te o coração nadando
« n'um crystallino copo de Xerez! »

II

Com que delirio a noite se não passa
entre o olhar da mulher e a luz dos vinhos,
ao murmurio do vento que esvoaça,
ao papear harmonico dos ninhos!

Que linda que não era aquella taça!
encontrasse-a no lodo dos caminhos,
contivesse o veneno da desgraça,
e eu bebêra entre as rosas os espinhos!

Bebi; bebi! Passados uns momentos,
senti não sei que vaga turbação,
em alegre vae-vem os pensamentos.

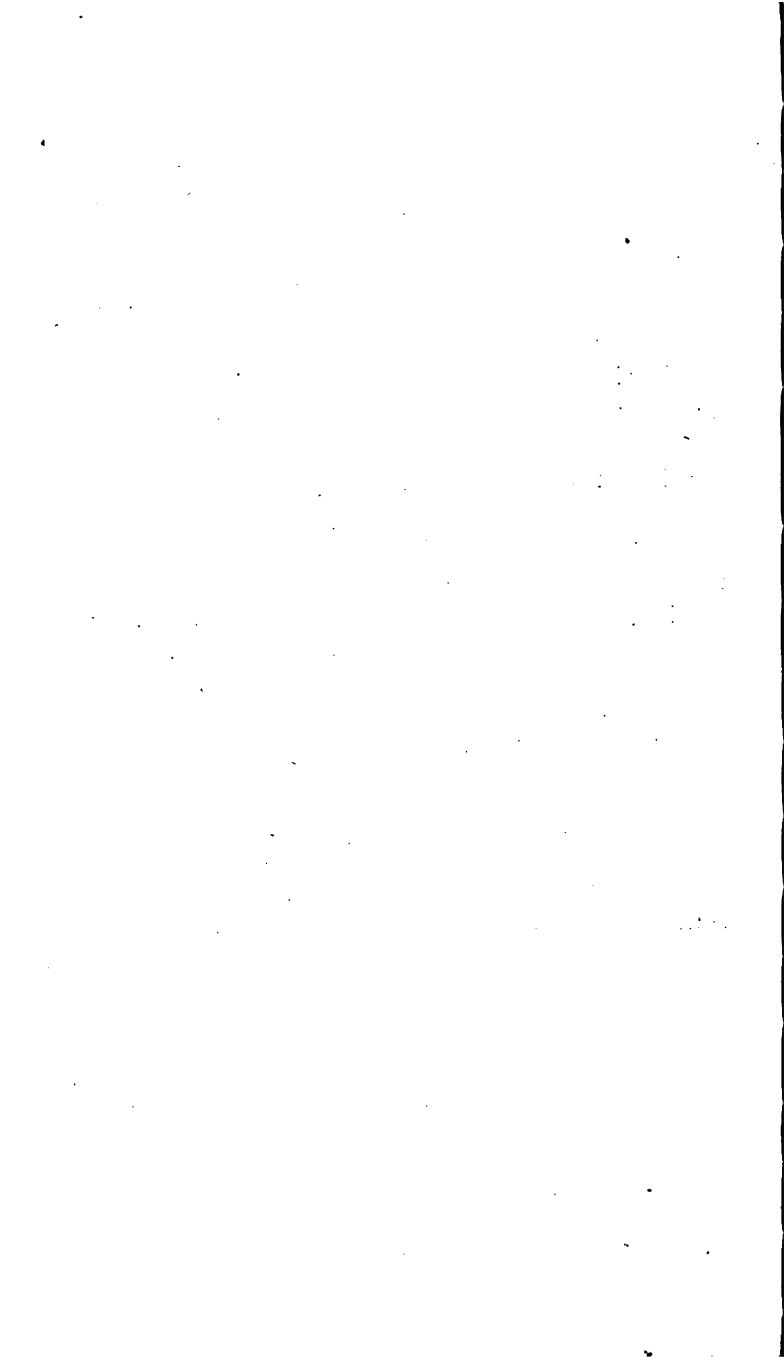
Inclinei-me — inaudita sensação!
sobre a cabeça — a luz dos firmamentos,
debaixo d'ella — ardente coração!

III

Sonhar! sonhar assim! Quanto quizera
dar corpo e vida ás fulgidas miragens!..
Quando evoco outra vez estas imagens
a minha mente em vão se desespera.

As rosas do sendal da primavera
não tinham tal odor, taes rendilhagens...
Oh! sonhos que fugis, sonhos selvagens!..
aureas visões das noites de chimera!

Quando acordei já despontava o dia...
Ergui-me c'o cabello descomposto
e só restava a taça emfim vasia.

E ella? Nunca mais lhe vi seu rosto...
E eu chorando essa noite de alegria
sem ter quem me console em meu desgosto!

XIII

A FOLHA DE HERA

A mimosa folha de hera
arremessei-a á torrente...
Ai! pobre de ti, demente,
sem amor, sem primavera!

Como um idolo quebrado
em selva outr'ora virente,
tambem foste indignamente
esquecido, abandonado.

Disse tudo o que sentia
n'uma palavra sómente,
e vi levar-me a corrente
os meus sonhos de alegria.

Sob uns olhos tentadores
d'uma candura apparente,
lancei á onda fremente
o cofre dos meus amores.

Lá me foi no verde escuro
d'uma folha transparente
o consolo do presente,
a aspiração do futuro!

Quem fôr ao rio lavar
veja se encontra o meu cofre;
tenha pena de quem soffre,
de quem só vive a chorar.

XIV

A SEREIA

A FRANCISCO GOMES D'AMORIM

Como o lago está limpido! As estrellas
choram as suas lagrimas douradas,
e a noite, desatando as tranças bellas,
bebe o perfume ás rosas orvalhadas.

As arvores, que pendem taciturnas,
são poetas de triste melodia,
depositando a mágoa n'estas urnas
de bella e cambiante pedraria.

Ó sereia de lucida roupagem,
ó sereia do lago crystallino,
quantas vezes tens visto a minha imagem
cançada de chorar o seu destino?

Eu conto á noite, eu conto aos arvoredos
o sonho que não vi realisado...
Tu conheces a fundo os meus segredos,
tu lês no meu olhar o meu passado.

Nunca verei de longe o paraiso,
nunca verei o rosto á formosura;
em vão no coração eu diviniso
uma estatua de amor e de ventura.

Eu tinha — não passava de criança —
aberta a Biblia sobre o meu joelho;
concebi n'essa Biblia uma esperança,
sonhei sobre o Evangelho outro Evangelho.

Mas ai! o livro ardeu n'um só momento,
n'uma noite de festa e de saudade...
Chorei! quando chorei, levou-me o vento
os poemas da minha mocidade.

Ó sereia, tu sabes como eu vivo,
tu sabes como soffro o captiveiro,
sem ter sequer um doce lenitivo,
um regaço de amigo verdadeiro.

Só teu canto, sereia, me arrebata,
fascina-me essa voz melodiosa...
Oxalá que em teu seio côr de prata
possa fartar a bôca sequiosa!

Em manhãs de serena primavera
o azul do céo reflecte-se no fundo,
e a gente scisma então n'uma chimera
e sente-se enlevado a outro mundo.

Vê-se atravez das aguas outra flora,
mais rica, mais brilhante do que esta,
que se espaneja, ao despontar da aurora,
como embalada em canticos de festa.

Tu, sim, tu tens um verdadeiro Éden
no coração do globo inda candente...
que noites de prazer se não succedem
ao murmurio da limpida corrente!

Da tua voz de angelica pureza
de quando em quando escuto as doces mágoas,
e scismo se o negrume da tristeza
penetrou no mysterio d'estas aguas.

Ó leva-me, sereia, á tua gruta,
conduze-me aos teus floridos retiros,
embora a doce voz que alli se escuta
seja um perenne côro de suspiros.

Eu não terei o minimo receio
de abandonar o mundo em que vegeto.
Abriga-me contente no teu seio,
serena o meu olhar sempre inquieto!

4

Tu vês que eu venho sempre solitario
— satelite d'um astro fugidio —
colher a flôr que enfeite o meu calvario,
e a flôr mirrou-a o suppedaneo frio.

Attrahisses-me a ti e levaria
apenas, como uns traços de gravura,
essa visão d'esplendida magia,
esse raio d'esquiva formosura.

Talvez que um dia a sua imagem veja
reflectir-se no lago transparente...
Hei-de fazer-lhe então sentir a inveja,
veneno do seu peito d'innocente.

No recesso das grutas rumorosas
hei-de expandir o coração vingado,
e emquanto que ella colhe as niveas rosas,
sahem do lago os hymnos do noivado.

E perdida na musica sonora,
e embriagada em ondas d'harmonia,
ha-de suppor-se amada pela aurora
e o nosso amor é quem a delicia!

Havemos d'embalal-a, adormecel-a,
junto á margem dos cactos multicores,
e quando acorde a natureza, ao vêl-a,
ha-de-lhe encher o coração de flôres!

XV

POEMA PERDIDO

Eu escrevi um canto perfumado,
todo cheio d'ignotas melodias,
onde encerrei as minhas alegrias,
o meu porvir d'estrellas recamado.

Mas em dia de subita loucura
arremessei á perfida voragem
o meu quadro d'etherea paisagem,
toda a minha riqueza e formosura.

Contemplo as solidões do mar sonoro
e vejo que me falta o magnetismo,
com que possa attrahir do fundo abysmo
o thesouro que em lagrimas adoro.

*

Sinto a medonha noite da tristeza,
sinto as lugubres azas da saudade,
e quanto mais imploro piedade,
mais o mar me responde com fereza.

Ao clarão do luar sereno e brando,
vae-te sentar nas humidas areias,
e has-de escutar, no canto das sereias,
o meu amor nas ondas fluctuando.

Estendo a mão dorida e colho apenas
a espuma que me foge traiçoeira...
E eu sem a aurora da manhã primeira!..
sem o candor das minhas açucenas!

Salva-me tu! dá-me a ventura extrema!
Restitue-me a perdida creação,
a chave que me abria o coração,
a luz da minha luz, o meu poema!

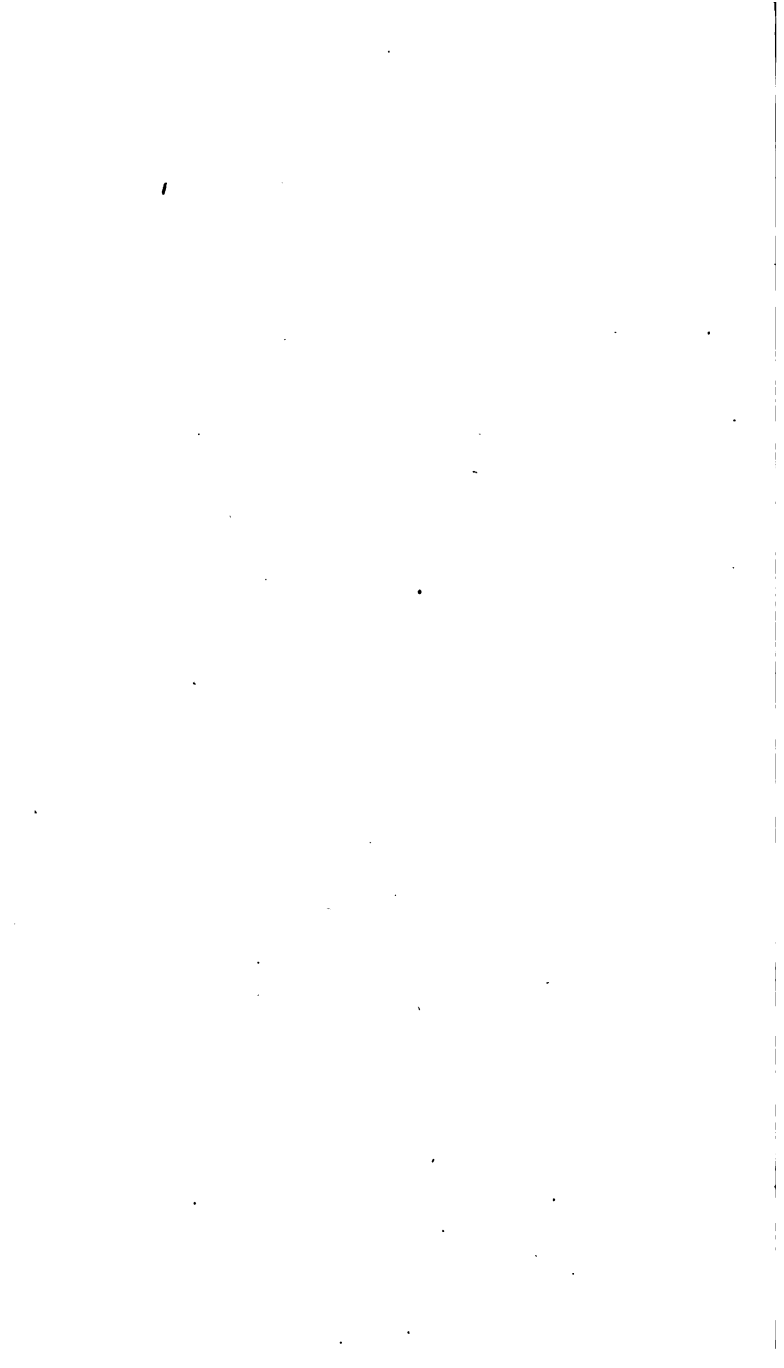
XVI

NAS VARETAS D'UM LEQUE

I

Quem vê teus olhos, languidos, quietos,
suppõe extincto o fogo dos amores,
mas tu, ó minha amada, és como os fétos,
que escondem sob a fronde as aureas flôres.

II

Teu corpo fragil, nitido, elegante,
como um carro de deusa vaporosa,
dobra-se ao pêso de setinea rosa,
mas sustenta nos braços um amante!

XVII

IRMÃS

(A J. B.)

Ás vezes, nos meus sonhos embebido,
formo quadros d'etherea formosura,
mas nunca realisei úma pintura
de tão bello e suave colorido.

Vão-se os olhos n'aquella magestade,
n'aquella divinal delicadeza,
e tanto mais me fica a vista prêsa,
tanto mais reconheço a realidade.

No centro d'essa téla radiante
destaca-se o teu rosto avelludado,
como se Deus o houvera conformado
e n'elle se revêra delirante.

Teu rosto assim sereno, imaginario,
tem por moldura as louras cabecinhas
das infantis irmãs, innocentinhas,
como dous cherubins de sanctuario.

Tu tens uma ideal melancolia,
ellas tem o sorrir da primavera,
e é para vêr que bem se não tempera
com a tristeza magica a alegria!

Como deixas prender-te docemente
nos laços virginaes do amor fraterno!..
És a sombra no estio, o sol no inverno,
a luz que dia e noite está patente.

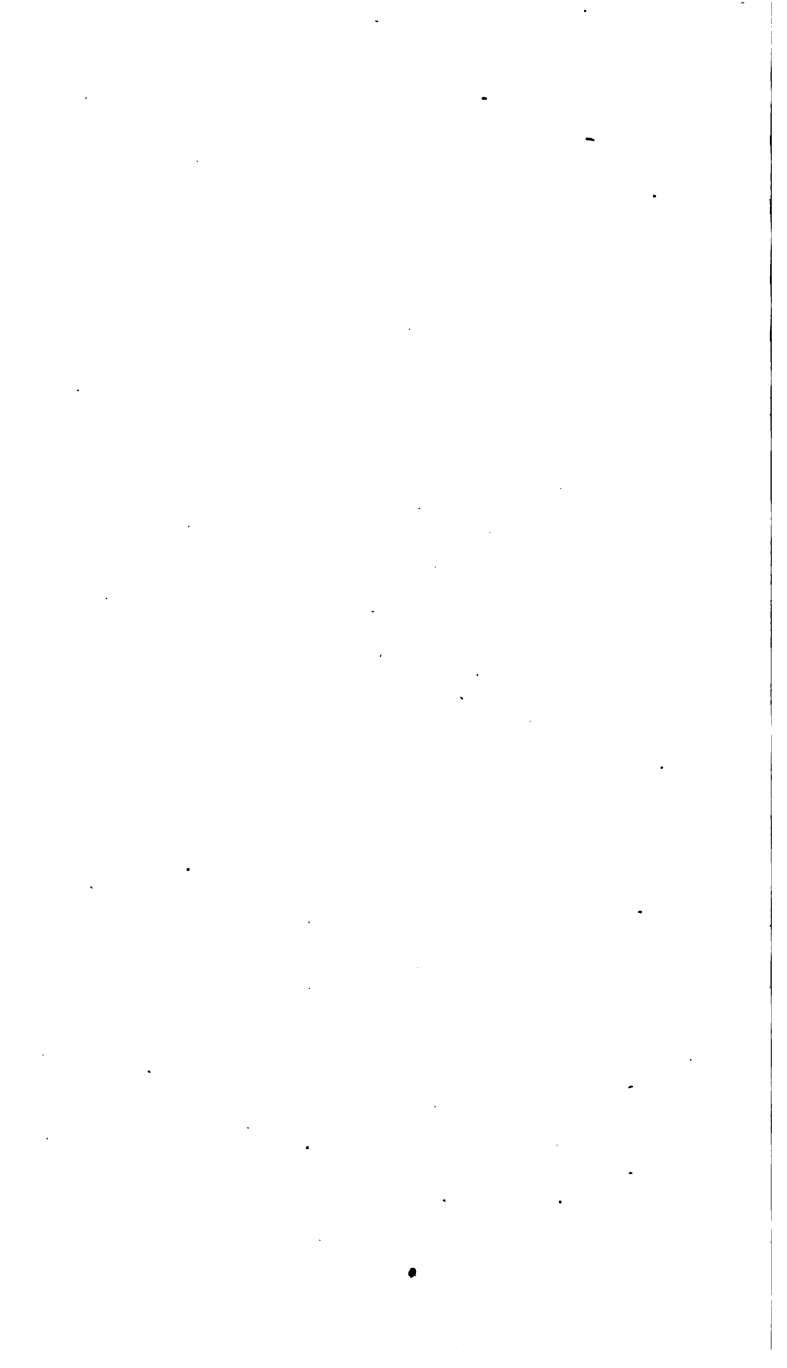
Coubera em teu regaço! Eu sei, senhora,
que tu és como as pombas carinhosas...
Quem póde desfolhar-te as duas rosas
sem te partir a aza protectora?

Se acaso Deus quizesse novamente
castigar a soberba do universo,
e, depois de o deixar em sombra immerso,
ficasse o cahos a reinar sómente...

E te dissesse — « Ó virgem dos cantares,
não temas, não pranteies, não delires;
só para ti ha-de raiar meu iris
na immensa noite dos profundos mares...

Serena as tuas queixas doloridas,
só para ti formei no pensamento
a arca que te leve a salvamento
ao cimo das montanhas refloridas...»

Tu volvêras—«Senhor, as minhas mágoas
jámais as poderás tranquillisar,
se entre o negro tropel eu vir boiar
minhas mortas irmãs á flôr das aguas.

Despenha-me, Senhor! As verdadeiras
raizes de minha alma onde é que estão?
Quero levar comigo o coração!..
Quero levar as pombas mensageiras!»

XVIII

NARRATIVA DO PAGEM

A CANDIDO DE FIGUEIREDO

Era formosa e meiga, abrira-me os thesouros
do seio crystallino aos meus cabellos louros.
No seu olhar mimoso em mimos me perdi.
A flôr da madrugada attrahe o colibri...
O pomo, quem n'o fez, fel-o p'ra ser colhido...
eu fui o pomareiro, eu fui o atrevido...
Em noites de luar, nas sombras do jardim,
tremente lhe apertei os dedos de setim,
beijei-lhe as mãos de jaspe. A negra ramaria
extatico me viu na douda idolatria.

Os troncos, se tém alma, abrigam nosso amor.
Murmuram? Seu murmurio acaso é de traidor?
Decerto que não é; a virida ramagem
não ia delatar o aventuroso pagem.
A intriga onde nasceu? A intriga é do covil;
não foi seu ninho a rosa; é filha do reptil.

Disse o fidalgo um dia, olhando-me sombrio:
—« Em ferros chorarás, ó louco, o desvario.
Hei-de partir-te o vôo, ousado rouxinol!
Se te fascina a luz, não te condemna o sol?
Pois bem, terás a sombra, a sombra que regela,
e nunca mais verás passar a imagem d'ella!»

Mentiste-me, fidalgo!.. Eu via-a perpassar,
no meu delirio atroz, como um delfim no mar.
Sorria-me envolvida em magica tristeza,
e o pranto do seu rosto enchia-a de belleza...
Os miseros, senhor, nunca ficaram sós!

Um dia em que sonhava, alguem desfez os nós,
alguem me transmittiu ignota ebriedade,
alguem disse ao captivo: « Eu trago a liberdade,
são nossos outra vez os dias de prazer...
Fujamos!.. quem morreu deseja renascer!»

Fujamos, sim, Leonor! Nós temos os caminhos
adeados de sombra e entre a verdura os ninhos.
Sorri a primavera, a deusa das manhãs.
Hei-de colher p'ra ti as humidas romãs,
deitar teu roseo corpo em leito de amaranthos,
e envolver-te a dormir na onda de meus cantos.

Fugimos. No castello havia só mudez.
A lua inda dourava a nossa pallidez.
Havia um só cavallo. Eu apertei-a ao seio.
No ardente galopar, julgava-me no meio
d'uma nuvem de fogo e fogo abrasador...
cahiam-me no peito as lagrimas d'amor!

Seguimos a floresta; a fôsca ramaria
roubou-nos o fulgor da luz do meio dia.
O cavallo pisava o denso matagal
sem nunca vacillar — intrepido animal!
A espuma que cahia em flócos sobre a hervagem
era o signal tão só da rapida passagem.

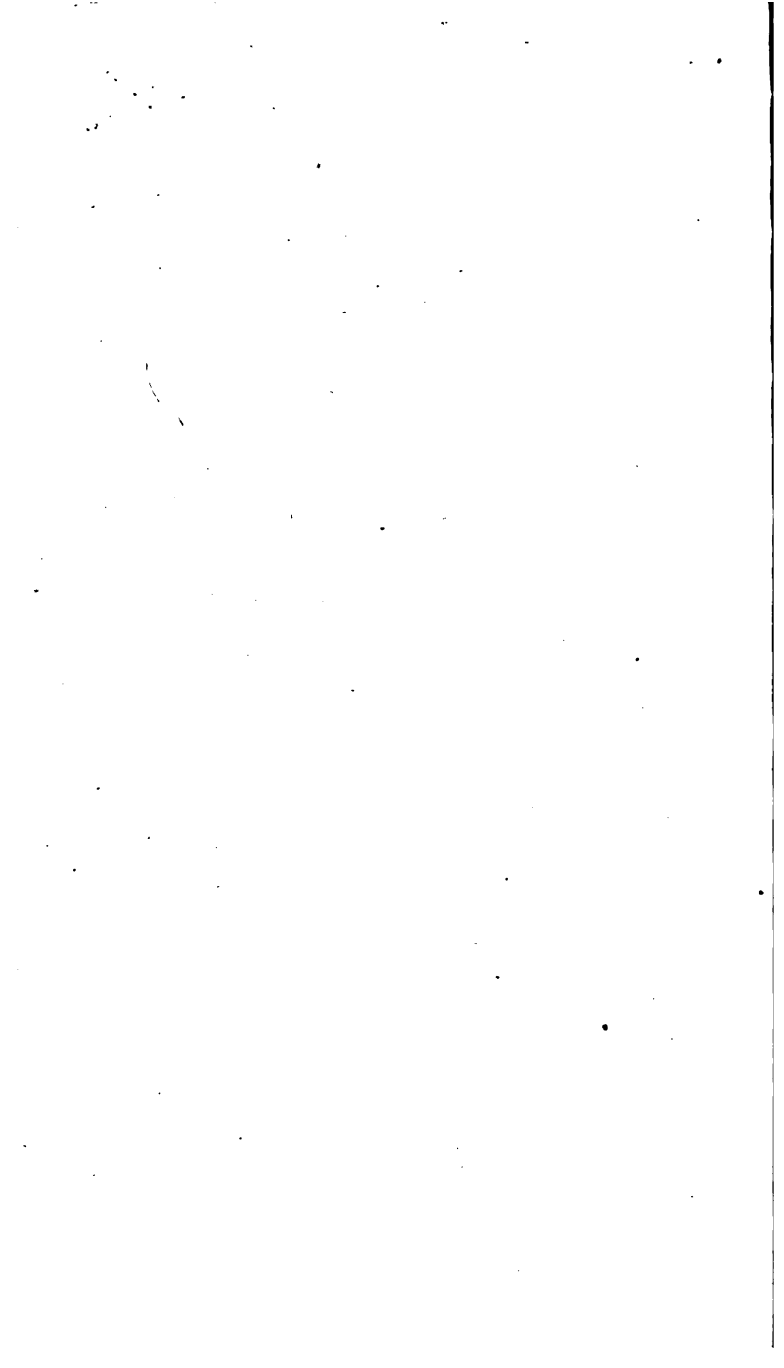
Paramos. — Eis aqui o paraizo emfim!
Eis aqui o teu céo, querido serafim!
Já pódes abrigar-me em tuas niveas azas,
já pódes saciar a sêde em que te abrazas!

A abobada de musgo ha-de-nos ser docel.
A lympha da cascata é como um hydromel.
Reina um doce silencio em derredor da gruta...
Aqui a Natureza apenas nos escuta!

Tinha-a d'encontro ao seio, ia a beijar-lhe os pés...
tremeu, qual tremeria o berço de Moysés
ao ser lançado á flôr do Nilo susurrante.
Eu era o pedestal d'aquella estatua amante,
eu era o terreo vaso, ella era a flôr do bem...
o raio que a feriu, ferira-me tambem.

Olhei em derredor—a chamma do sol posto!—
mas junto d'um penedo eu descobri um rosto,
um olho de cyclópe, um vulto de Cain,
sorrindo com malicia e olhando para mim.

Era o supremo insulto, era o atroz cynismo!
De onde é que elle se ergueu? de que profundo abysmo
surgiu á flôr da terra o sordido espião?
Quiz-lhe o peito rasgar, do negro coração
extrahir-lhe a peçonha, e quasi tive medo
que me chamasse fera o druidico arvoredo.

Que importa? Se eu manchasse as mãos no sangue vil,
Leonor diria rindo — é menos um reptil!
Ella seguiu-me anciosa, eu ia desvairado,
quiz-me fugir o monstro, irrompo-lhe do lado,
com impeto o detive; o infame não luctou!
Fiz d'elle catapulta; o corpo volteou;
nos angulos da rocha esmigalhei seu craneo.
No golpe que vibrei, febril e subitaneo,
o sangue espadanou...
Á luz crepuscular,
julgava vêr no sangue uns olhos a espreitar!

XIX

EXTRANGEIRA

Quem és tu? D'onde vens? Que linguagem
borbulha de teus labios pudibundos?
És mytho ou és visão? fada ou miragem?
Estrella do Senhor, onde os teus mundos?

Quando te vejo, em tudo se revela
mysteriosa origem da existencia.
Conheço que és a aurora da innocencia,
e que outra, como tu, não ha tão bella.

És por acaso a minha Galateia,
concebida n'um sonho de ventura?
És tu a imagem que sómente dura
emquanto dura a febre d'uma ideia?

Não és estatua, não! Vaso de aromas,
embriagas a mente dos poetas,
e as estrellas da noite sempre inquietas
reflectem-se a tremer nas tuas cômas.

Não és estatua, não! Quando passeias
melancolica, á tarde, na deveza,
sinto ferir-me um raio de belleza
e a volupia d'um canto de sereias.

Não és estatua. Em tudo me fascinas.
Um teu olhar, alvorotando o seio,
é qual raio de sol batendo em cheio
n'uma gruta de arcadas crystallinas.

Não és estatua. Quem negar podéra
essa vida que jorra esplendorosa?
Ao calor de teus labios côr de rosa
quem dirá que tu és uma chimera?

Sei que não és estatua, sei; comtudo,
sinto ao do rei de Tyro egual tormento,
porque não sei vasar o pensamento
na tua linguagem de velludo.

Onde é que tu nasceste? Que idioma
sahe d'essa tua bôca d'açucenas?
És a Madona e não nasceste em Roma!
És grega e o berço teu não foi Athenas!

É tua patria o norte? As louras tranças
revelam-me talvez a tua origem.
Eis aberto o teu Fausto! eis a vertigem!
Margarida, sorri; dá-me esperanças!

Ah! não pendes a fronte pensativa
diante d'esse abysmo de belleza!
E sempre a tua imagem rediviva
enchendo-me de dôr e de incerteza!

Lê, pois, as ORIENTAES, lê NOTRE DAME;
falle por mim o Homero do presente,
e diz-me se ha no mundo quem te ame
com o delirio d'este amor ardente!

És bella como Eva. No teu riso
ha vislumbres do Eterno. Tens o encanto
das biblicas pinturas... Lê portanto
os versos divinaes do PARAIZO.

És filha de Venesa? Quando o espaço
fulja do sol ao brilho derradeiro,
vem, querida, serei teu gondoleiro,
hão-de embalar-te os canticos do Tasso.

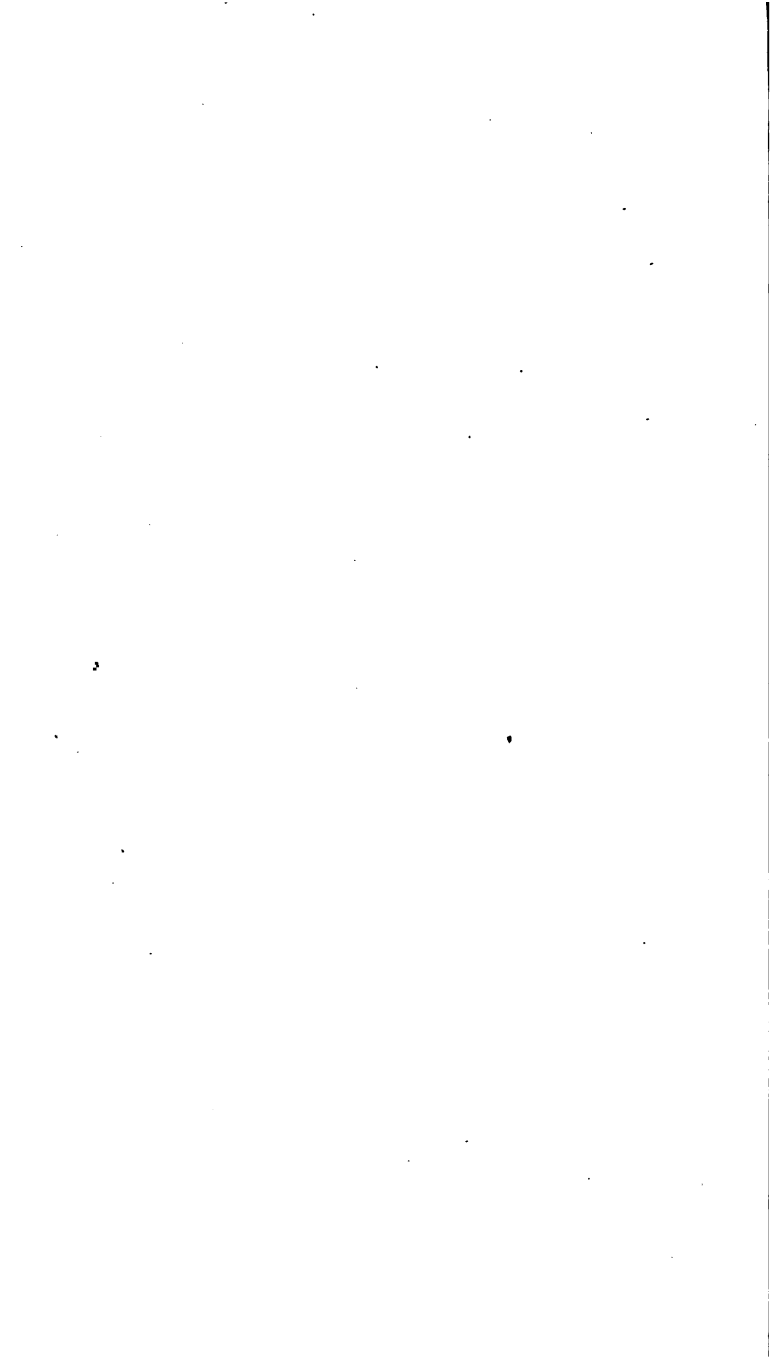
Esquece o teu piano. A lua é bella,
sobre o lago quieto a noite brilha;
vem debruçar-te, languida, á janella,
vem ouvir-me as estróphes de Zorrilla.

Não vens, não comprehendes o meu canto!
Com fantasmas de amor em vão me illudo!..
Que sorte a minha! Eu não soffrêra tanto
se Deus acaso me fizera mudo!

Se eu conhecesse os méllicos segredos
da musa de Mosart ou Palestrina,
desafiára a tua voz divina,
occulto nos sombrios arvoredos.

Vês que martyrio o meu? Vês tu, Aurora?
Se eu possuisse ao menos a magia
que tu tens n'esse olhar, eu te diria
este inferno d'amor que me devora.

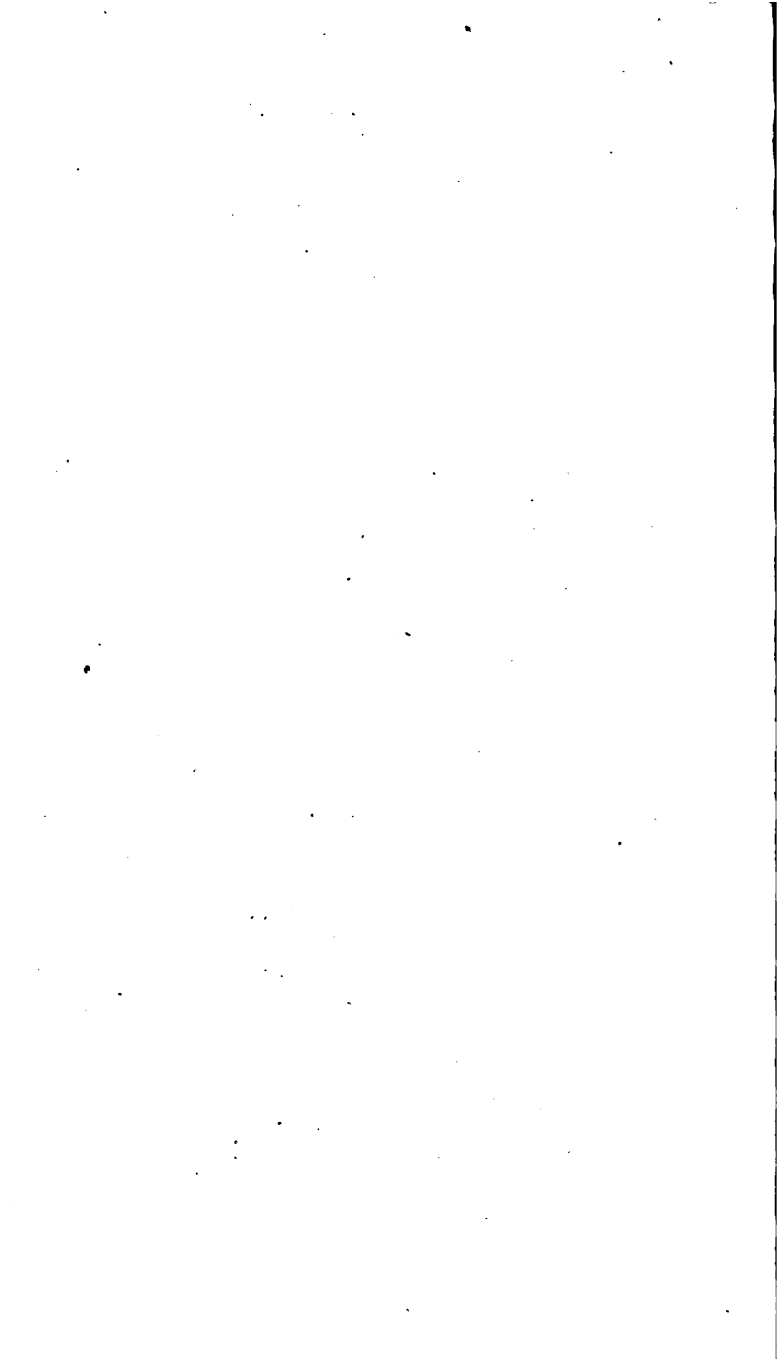
E que não desça o fogo do Evangelho
e me ensine essa lingua que tu fallas,
anjo que passas rindo pelas salas,
reflectindo-te bella em cada espelho!

Quem és tu? D'onde vens? Que linguagem
sahe d'essa bôca, ó flôr da madrugada?
Se tens no céo a patria idolatrada,
deixa-me triste, mas desfaz-te, imagem!

XX

LUCTA INTIMA

Não seres tu de marmore dourado,
não seres tu de alabastrina cera,
que, ao vêr-te assim, contente adormecêra
n'um extasi supremo arrebatado.

E sahir do teu seio o resplendor
d'essas visões do arabico propheta!..
E eu a sentir o coração poeta!..
e o meu corpo a sentir-se peccador!

E pensar eu que em dias de ventura
te hei-de cobrir de beijos anhelante
e embalar-me na tua formosura...
Antes tu fosses morta, minha amante!

XXI

A NOIVA

A EDUARDO COELHO

I

Porque não é a vida similhante
ao fumo d'um charuto! Eu bem quizera
destruir d'uma vez estes fantasmas,
pulverisar meus sonhos mentirosos,
mas dentro de minha alma existe o oceano
e a maré sóbe sempre! Ah! se eu podéra
sentar-me nas ruinas do passado,
chorar toda uma noite sobre ellas,
e erguer-me com a luz da madrugada
já livre emfim do pesadêlo insano!..

Mas não, eu vejo-as sempre combatentes
as chimeras da noite, abrindo as azas
como um bando d'abutres esfaimados.
Ás vezes, o silencio do Mar-morto
domina as solidões do meu espirito,
e julgo-me tranquillo; de repente
resurgem as imagens caprichosas,
as idéas sombrias; tudo acorda
ao clarim da phantastica batalha,
e vejo-os desfilar, os pensamentos,
como enorme e inquieta caravana,
fugindo do simun.
Descesse acaso
ao fundo de minha alma a mão potente
d'um poeta de genio, e elle arrancára,
como um novello de raizes velhas,
os poemas cahoticos da duvida,
as fataes epopeias d'um Manfredo!

II

Levantemos a perola partida!..
Eu préso esta saudade, esta reliquia
do meu primeiro amor. De entre os caprichos
da minha phantasia desvairada,
só este me consola, flor occulta,
nos bravios da minha desventura.

Quando ás vezes medito sobre a Historia,
perpassam ante mim, cheias de arminho,
as mulheres de fronte coroada,
as rainhas de seios opulentos,
as princezas de labios seductores,
as filhas da nobreza mais fidalga,
e sinto estremecer-me, nem que visse
rodear-me um harem de mil sultanas...
Pois dissesse-me a ignota providencia,
o quer que seja que domina tudo,
«aperta nos teus braços delirante
essas fórmas divinas, essas deusas,
resuscitadas no esplendor supremo
da sua juventude», e eu não trocára
esse prazer phrenetico, sem termo,
pela minha aventura, doce pagina,
escripta com amor n'um seio virgem.

III

Eu tinha a exuberancia dos vinte annos:
trazia a face quente dos mil beijos
de minha mãe, a santa educadora,
que me ensinou a decorar o livro
da honra e do dever. Em nossa casa
havia um paraiso em miniatura.

Minha irmã era o anjo, era a cadeia,
que docemente nos prendia. A noite
passava-se tranquilla, á luz serena
d'um candieiro antigo, cujos raios
me douravam a fronte pensativa,
emquanto lia os biblicos poemas.
Formavamos um grupo similhante
aos dos quadros flamengos. A invernia
rumorejava triste no arvoredo,
mas via-se o raiar da primavera
de minha irmã na fronte crystallina.

IV

Um dia abandonei o meu remanso,
como folha que voga na corrente,
e busquei nova vida em novos tectos,
nova chamma de amor em novos risos.
Já não brincava atraz das borboletas,
perdido nos maciços da verdura,
com minha irmã, a pomba do meu seio
Já me não reclinava no regaço
de minha mãe, ao despontar da noite;
já não lia os meus versos em segredo
ás minhas duas musas... eu quebrára
um dos braços da cruz, eu já não era
a terceira pessoa da trindade.

Encontrára outra irmã, era Carlota;
via n'ella a ternura, a gravidade
de minha boa mãe, o meigo riso,
o fratèrno sorriso da innocencia.

V

O gigante poeta da Allemanha
nunca deu ao seu Werther mais pomposo,
mais risonho painel da formosura.
A Carlota do Rheno, não, não era
mais delicada rosa que o meu lyrio
nascido ás margens do formoso Tejo.
Ella tinha a certeza dos encantos,
sabia o seu poder de feiticeira,
mas era a timidez, era a modestia,
era a pureza intacta. Eu perguntava
de quando em quando á minha consciencia
se ella podéra ser um dia a esposa,
em cuja fronte ardesse palpitante
a vértigem dos languidos affectos,
e chorava, julgando-a destinada
ao côro das vestaes.
Criança ingenua,
eu era o sacerdote que sahia
das velhas catacumbas, celebrado

o culto prohibido. A luz da aurora
quasi que me cegava, pouco e pouco
fui apalpando a senhoril estatua
e conheci que o marmore cedia.

VI

Eu era recebido em sua casa
com um certo carinho respeitoso.
Meu coração desabrochava em flores;
o perfume que d'elle rescendia
não levava o veneno que estonteia.
Eu era similhante á *bougainvillea,*
que vae de tronco á tronco e os une a todos
com festões de verdura. Na palavra,
ardente, musical, apaixonada,
eu tinha um certo enlevo, a sympathia.

Foi então que senti a grande seiva,
a grande primavera da poesia.
Passava o dia inteiro no meu quarto
compondo os meus poemas, rendilhando
os idyllios formosos, espontaneos,
inspirados na luz d'aquelles olhos.

Á noite recitava os meus sonetos
quasi ao ouvido á trémula Carlota,
e em seu collo offegante conhecia
que a mesma embriaguez nos dominava.

VII

Ella disse-me um dia: «Sê mais franco,
desce do teu orgulho, não me obrigues
a dizer que te amo loucamente.
Tens mêdo? Não te anima este sorriso?
Eu scismei toda a noite, todo o dia,
quiz-me conter, não pude; era mais forte
teu predominio. Amemos, insensato!
Vês! eu sou a vencida: eu propria algemo
nas cadeias do amor meus debeis pulsos.
Dize, falla, desejas por ventura
que aos pés de tua mãe eu vá pedir-lhe
o coração do filho? Eu, a captiva,
supplicar-lhe um senhor, beijar-lhe a face,
como quem beija a piedosa Virgem!»

E chorava e tremia! E eu socegado
ante aquelle delirio! desdenhoso,
como quem se vingava d'uma affronta!

Desviei meu olhar indifferente,
affectei um sorriso, e a vez primeira
menti na minha vida... Era preciso
soprar com violencia áquelle sonho,
esmagar cruelmente os devaneios,
desilludir o espirito inquieto.

Eu era o Christo morto, não podia
consolar a chorosa Magdalena...
Amal-a! Pois havia de perdel-a?
havia de votal-a ao sacrificio?
condemnal-a ao desdem de seus parentes?
Eu era um convidado, era um parceiro
da meza do xadrez: fôra loucura
colher o fructo do jardim vedado,
entrar, á similhança do bandido,
no augusto sanctuario da familia.
Eu amava Carlota, porém nunca
ousaria dizer-lh'o face a face:
ella era a formosura, ella era rica,
e eu só tinha de dote o meu talento!

VIII

Fugi; voltei de novo ao lar materno.
Minha irmã viu-me triste, perguntou-me

se eu estava doente; os seus carinhos
foram ligeiro allivio ás minhas mágoas.
Andava taciturno, a cada instante
assomavam as lagrimas furtivas,
e tinha de esconder o rosto pallido.

Trazia dentro em mim o desespero,
procurava com ancia um lenitivo,
mas o nectar bebido era um veneno.
Lembrára-me o viver da minha aldeia,
e disse a minha mãe: «partamos breve,
quero subir aos pinheiraes longiquos,
respirar todo o ar de que preciso.»

Partimos pr'a provincia, era em setembro;
o Minho estava em festa, com seus pampanos
pendentes dos carvalhos. Os caminhos
eram cheios de cantos ruidosos.
Aos pés da nossa quinta murmurava,
sob a arcaria dos choupaes frondentes,
o Ave crystallino. Os pintasilgos
vinham dar-me o signal das alvoradas.
Eu abria a janella, as margaridas
enchiam de perfumes o meu quarto.
Ouvia-se o murmurio da corrente,
borbulhando nas rodas do moinho.
Os rudes pinheiraes assobiavam
ao perpassar das brisas matutinas.

Nós tinhamos um barco pequenino,
airoso, similhante aos de Veneza.
Em noites de serena claridade
desciamos o rio; os gondoleiros
eramos nós, os dois irmãos queridos.
Ás vezes minha irmã tomava os remos,
e eu deitava-me á pôpa, olhando os astros,
perdido no cantar imaginario
das dryadas occultas nos salgueiros.
Suppunha então que o céo me contemplava
e que tinha uma noiva em cada estrella!

IX

Era feliz, quasi feliz, a chaga
fôra cicatrisando a pouco e pouco.
A imagem de Carlota, aquelle vulto
todo candura e mimo, diluiu-se
e apenas leves traços indistinctos
me ficaram gravados como a sombra
que deixa sobre um lago transparente
a pomba que esvoaça nas alturas.

Como era bom aquelle esquecimento!
aquelle esboroar dos meus castellos!

Foi um livro lançado na fogueira,
um livro de saudades pungitivas,
um romance de dôres; quem me déra
que nunça o vento revolvesse as cinzas!

X

O outono ia findar: triste silencio
dominava as florestas desfolhadas.
Viuvaram os ninhos; não se ouviam
ao desafio os rouxinoes amantes.
Minha irmã, similhante ás andorinhas,
esperava o momento da partida,
com ancia, febrilmente, em desespero.
Onde faltava a musica da aurora,
o concerto dos ninhos, a harmonia
das fontes, do ribeiro, da folhagem,
era bem que tivessemos saudade
do nosso melancolico piano!

Chegamos a Lisboa. A natureza
inda tinha arrebiques outoniços:
era tepido o vento e azul o Tejo,
os montes verdejantes, os moinhos,

com as azas de neve, brandamente
recortavam o céo: a meiga lua
refulgia fantastica no bronze
das estatuas dos reis e dos poetas.

XI

Uma noite, voltando de S. Carlos,
encontrei sobre os livros um bilhete,
rescendendo perfumes; quiz rasgal-o,
porque me vinha a morte da leitura.
Estontiei, cahi sobre a cadeira;
quando acordei, rompia a madrugada,
e julguei-me somnambulo: ao espelho
vi meu rosto funereo, tive mêdo
de enlouquecer então: fôra um engano
quando suppuz cicatrisado o peito.

Que dizia o bilhete? Era um convite
para festa de nupcias, para um baile.
Assignava-o Carlota... Era possivel?
Era, sim! No bazar da sociedade
um Creso arremessára com seu ouro,
e a familia sorriu perante um titulo
de grosseiro fidalgo; sim, venderam-na
a troco da libré de dous lacaios!

E ella? Consentiu? Como devia
entender o bilhete? Era um escarneo,
um sorriso de mófa? era a vingança
de eu a ter esquecido, abandonado,
orgulhoso dos brios da pobreza?
Talvez! A tempestade allucinou-me.
Só tarde recobrei serenidade
e julguei meu dever mostrar coragem.
Sejamos dos convivas! beberemos
o phalerno por taças de brilhantes,
e no doudo prazer embriagado
soltaremos o cantico da victima!
Seremos o histrião d'aquella meza,
mas as rosas dos versos dithyrambicos
hão-de ferir as mãos de quem as colha!

XII

Era o dia tremendo. Anoitecia,
eu entrei, melancolico, abatido,
a porta do jardim; buscava Ophelia,
queria aniquilar-me inteiramente;
era a ultima folha da existencia,
que via esvoaçar aos quatro ventos.
Perdi-me nos profundos corredores,
e quiz esmigalhar o craneo altivo
no marmore espelhento das paredes.

Era infame talvez!.. o meu cadaver
deveria servir de negra ponte
ao prestito festivo. O suicida
morreria contente, se a mortalha
fosse o véo coruscante do noivado!

XIII

Vira luz imprevista; entrei na sala:
a mão de Belial encaminhou-me.
«Entra, Fausto, ahi tens a Margarida!
Está longe da flor o jardineiro,
pódes colher sem mêdo os seus aromas!
Não sejas outro Mario ante Fantina,
não córes, innocencia dos vinte annos,
não fujas, coração de casto enlêvo,
não vacilles, arcadico poeta!»

Assim fallava o côro dos malditos,
e mais e mais crescia a gargalhada
das sombras, das visões que me envolviam.
Eu era então Macbeth, era o perdido
na floresta das negras feiticeiras.

Tinha entrado na alcôva de Carlota.
Preparava sósinha o seu toucado;

quando me viu, a flor da alvura extrema
cahiu-lhe da cabeça engrinaldada.
Tentei fugir-lhe, eu era inconsciente
n'esta especie de crime, não queria
que me julgasse um vil, um miseravel;
mas ella me deteve com seus braços;
faltava-me o vigor da mocidade;
era o roto mendigo que estremece,
ao receber um beijo de fidalga!

XIV

Eu hei-de morrer cêdo, já presinto
cahir no coração a grande noite.
Gravassem-me na pedra do sepulchro
o que me disse a bôca de Carlota,
e morrêra ámanhã, como quem julga
saborear, morrendo, o paraizo.

Ao principio era o raio, era a violencia;
accusou-me de tudo; a sua ira
tinha a grandeza dos heroes de Homero;
era a chamma do Olympo concentrada
n'um coração de monja: nunca vira
tão bello, tão sublime desespêro.

Depois, depois, as lagrimas cahiram
como finos cordões de stalactites.
Ao suave frescor d'aquelle pranto,
brotaram as palavras maviosas,
as queixas misturadas de saudades,
as promessas, as supplicas ferventes,
as imagens risonhas do futuro.

Considerae no cimo da montanha
o sombrio mosteiro: a tempestade
ameaça ruir as negras torres:
lá dentro a escuridão medonha e funebre;
de quando em quando a etherea labareda,
atravessando os vidros coloridos,
circumda a fronte da marmorea Virgem:
de repente serena a ventania,
accendem-se os argenteos candelabros,
principia gemendo o velho orgão,
e as virgens do Senhor enchem as naves
do seu canto d'angelica pureza.

Assim fôra o delirio de Carlota!

Eu quiz-me arrepender, quiz arrancar-lhe
do alabastrino peito o ignoto ferro
que lhe tinha enterrado o meu capricho,
quiz lançar-me em seu collo: aventureiro,
quiz leval-a em meus braços sem destino.

Ella mesma dizia: vem, fujamos!..
mas eu tinha a frieza d'um espectro.

XV

Ella então levantou com todo o orgulho
a formosa cabeça, inveja a Phidias,
e sorriu, nem que houvera destruido
a minha resistencia inabalavel.
Já não era a mulher que se estorcia,
como que tinha aos pés pisado a vibora:
tinha na fronte o raio da victoria.

E disse-me: «Vês tu? palpíta o seio,
esperando o momento da ventura;
menti-te, fui actriz, tinha ensaiado
defronte d'este espelho as minhas dôres.
Recitei-te o monologo d'um drama,
julgaste realidade, era a comedia!

Vem! eu quero que sintas a opulencia,
quero que vejas o oceano d'ouro,
em que me vou nadar voluptuosa!»

Tomou-me pelo braço, conduziu-me
aos salões de marmoreo pavimento,
forrados de setim; a luz a jorros

batia nas esplendidas molduras
dos quadros, dos espelhos: as estatuas,
envolvidas na gaze das cortinas,
sorriam-nos a furto com malicia.

Emquanto ella mostrava aquellas pompas,
mais proprias d'um palacio d'Oriente,
ia eu recitando, absorto, extatico,
no silencio mais intimo do peito,
a fulgida poesia da pobreza.

XVI

De repente, apagou-se por encanto
a luz festiva dos salões faustosos,
sómente havia os timidos reflexos
que vinham do jardim, illuminado
com balões de Veneza. Então, levei-a
diante d'um espelho gigantesco,
e disse-lhe: «Que vês?.. só duas sombras,
duas negras imagens indistinctas.
Qual d'ellas representa a formosura?
qual d'ellas tem o brilho fascinante?
a luz de Deus, a luz dos escolhidos?
Baixemos todavia a nossa vista
aos espelhos da alma: tu tens mêdo,

tu duvidas da minha probidade,
imaginas que a sombra me fascina,
que te posso perder covardemente,
que te neguei a chamma dos amores
para te dar o gêlo da vergonha.

Não, não temas; a flor da laranjeira
ha-de cahir sem mancha no teu leito.
É meu amor quem te proteje, eu amo-te,
niveo cysne do lago de minha alma.
Passe um dia por sobre o meu sepulchro,
relinchando, o cavallo do guerreiro,
revolva a terra que me cobre os ossos,
e inda assim esses restos de cadaver
hão-de nutrir o amor que sinto agora.

Esquece-te de mim, não imagines
que me verás na sombra de teus passos,
scismador D. Juan, trahido amante,
cantor de serenatas, vagabundo,
que estende a mão, onde o punhal s'esconde.
Quando beijes um dia os teus filhinhos,
não deixarás na sua fronte candida
a peçonha da adultera; é veneno,
que não sei preparar; não sei, nem quero.

Nunca podéra ser-te amado esposo!
É tarde; vae: faltára-me a coragem
se quizesse arrancar-te com violencia

dos braços de teu pae, que te idolatra,
e dos braços do noivo que te espera!
Eu estou socegado, não deliro;
não temas que endoudeça, já possuo
o condão de soffrer; o meu martyrio
não nasceu com as lagrimas formosas,
nasceu com teu sorriso, a vez primeira
que te ouvi murmurar meu pobre nome.

Vae, socega, compõe teu rosto alegre.
Pertencem-me essas lagrimas de fogo,
no fogo d'outro pranto irei queimal-as.
Eu sei compendiar as tuas dores,
farei do teu martyrio o meu martyrio,
e na mesma cabeça hão-de abysmar-se
dous infernos d'amor n'um só inferno!»

XVII

Dirigi-me á capella do palacio.
N'um painel da parede estava o Christo,
de joelhos, no horto: ajoelhei-me,
rojei a fronte pelo chão sagrado,
mas ergui-me depressa, confundido,
vergonhoso de mim, cheio de febre.

As amigas da infancia de Carlota
assistiam risonhas, levianas,
como se fôra um acto de comedia.

Quando assomou Carlota, houve um murmurio;
tudo a saudava, tudo, era um delirio:
uma chuva de rosas inundou-a
e encheu-se de perfumes a capella.
O seu véo similhava as azas niveas
d'um anjo das pinturas vaticanas,
e em seu rosto de fulgida pureza
havia a nitidez da estatua grega.

N'um recanto da egreja quasi occulto,
vi toda a ceremonia; o velho padre
tinha os cabellos a cahir na espadua,
alvos, tão alvos como o véo da noiva.

Ella tremeu, ao receber no dedo
a alliança, cadeia d'esmeraldas,
que a havia de prender a vida inteira.
Relanceou por toda a egreja os olhos,
mas não me viu; curvada ao sacrificio,
sabia essa mulher que entre os convivas
encontraria alguem muito mais digno
de receber com ella a benção santa!

XVIII

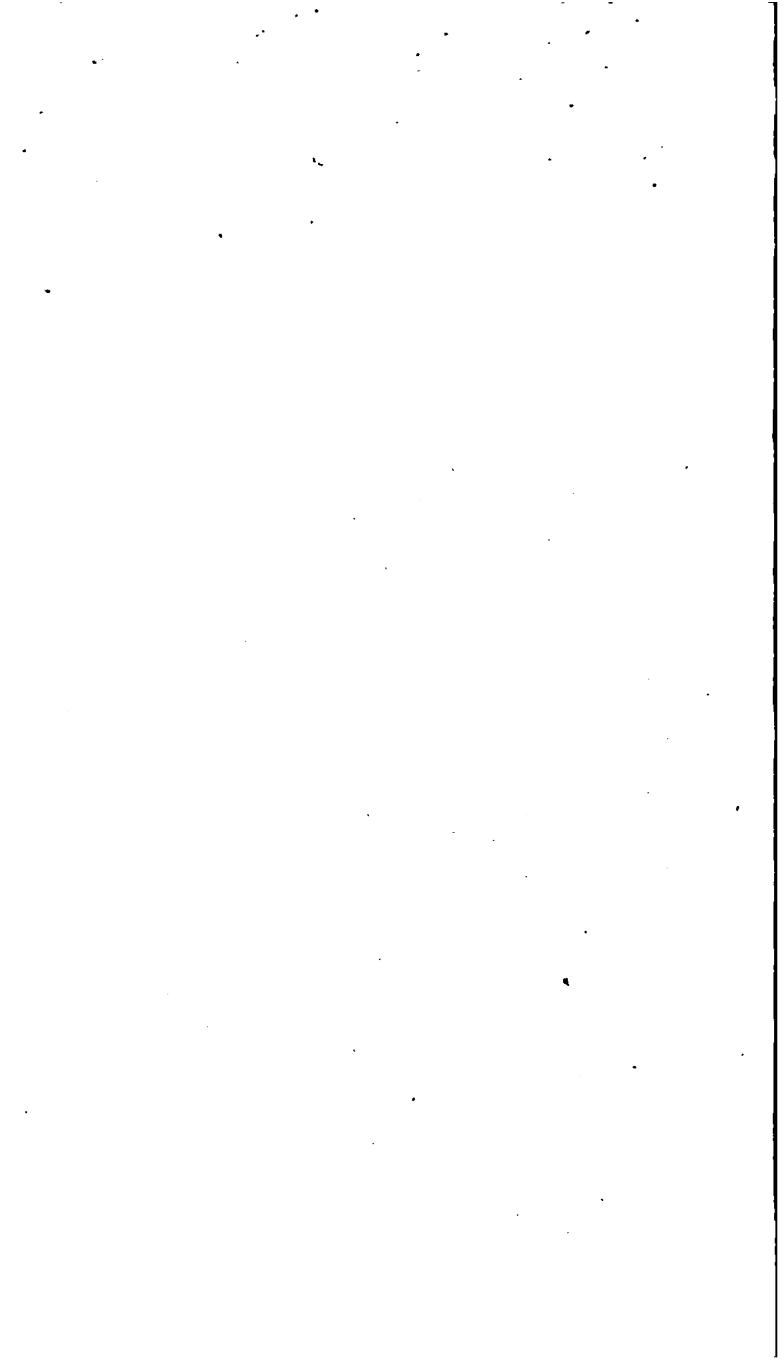
Começou o festim, sahi; chorava,
mas o vento seccou-me desde logo
o copioso pranto da amargura.
Atravessei a fila das carruagens,
olhando para traz, como temendo
que me expulsasse alguem: anjo cahido,
lembrava-me do céo com dôr e raiva.

A orchestra suspirava maviosa,
tudo era languidez nas harmonias,
ensinavam volupia aquellas walsas.

Fosse eu a orchestra! fosse! no delirio,
no frenesi da dança diabolica,
haviam de expirar antes da aurora,
sobre os coxins de fulgido escarlate,
confundidos em grupos delirantes,
nús os seios de marmore, cahidas
em revoltos anneis as negras tranças,
os mil convivas do banquete; os noivos
dormiriam tambem somno de morte,
chegando ainda com tremor aos labios
da laranjeira as petalas floridas.

Que rumo segui eu? Introduzi-me
no meandro das ruas tortuosas,
mas vinha sempre dar ao mesmo centro.
Era a attracção fatal que me guiava;
sempre o mesmo fulgor dos candelabros,
sempre a mesma harmonia a perseguir-me!
Como que tinha a indole do lobo,
via fugir-me a ovelha appetecida
e em volta do redil rangia os dentes.

Nada me fatigou, vi pouco e pouco
ir do festim esmorecendo o brilho,
mas o carvão em braza do meu peito
continuava intenso a devorar-me.

Que noite aquella! O quadro do diluvio
existia decerto no meu peito.
Subira á mór altura o mar da angustia!
só se ouviam as vozes agourentas,
os gemidos dos naufragos, o choro
medonho e triste das medonhas victimas!
E a noite d'ella, a noite das delicias,
a noite do pudor arrebatado,
noite de Salomão, noite dos lyrios,
quem me sabe pintar aquella noite!?
Talvez, eu sei! talvez que m'a pintasse,
rindo e cantando, a penna de Boccacio!

LIVRO II

LENDAS SOCIAES

I

A REPUBLICA

Tremeis? Vêde-a dormindo socegada,
a deusa dos combates sempiternos:
rugem-lhe em torno os horridos invernos
e tudo é para ella uma alvorada.

Não penseis que ella durma, embriagada
no sumo grato dos reaes phalernos;
como Dante, desceu aos vis infernos
e repousa momentos da jornada.

Filhos do negro val, filhos da serra,
erguei os vossos gladios coruscantes,
á luz d'aquelle olhar que se descerra.

Ide, apertae-lhe os seios uberantes!..
De cada gôta que cahir na terra
hão-de surgir impavidos gigantes!

II

GRITOS

A FERNANDES COSTA

I

Jm dia o mar ergueu as vagas ululantes
as vagas a tremer, cabeças de gigantes,
oltavam um rugido impavido e feroz:

—«Ó cupula do céo, espalha sobre nós
ı tua maldição e a tua claridade,
nas diz se o captiveiro é como a eternidade,
e temos de viver no barathro sem fim,
ortes como o trovão, molles como o setim,
ıltivas como a rocha, escravas como a areia,
—harpas da ventania e lyras da sereia:

se temos de chorar, nos ramos de coral,
a dôr do paraizo, a dôr universal,
se temos d'esmaltar os rubidos diademas
aos deuses immortaes das choleras supremas;
se temos, ao clarão do lubrico luar,
o nefando poder de em sombra amortalhar
a todo o homem que passa ovante nas galeras
em busca d'outro clima e d'outras primaveras!?

«Não basta que em nós haja a musica infernal
dos córos que levanta a voz do temporal,
inda é preciso a encher a bôca dos abysmos
os gritos do naufragio, o horror dos paroxismos!
Que dupla mágoa envolve o nosso dorso azul!..
Levae a nossa raiva, ó virações do sul!..
Ó céos, alumiae a dôr d'este mysterio!
Nós não somos o mar, somos um cemiterio!
Nós somos a materia exposta á irrisão!
Estupida existencia! estupida prisão!
Ou rocha a transformar-se em novo continente,
ou aguas a gemer rolando eternamente!
Sempre o pezo fatal, sempre a cadeia aos pés!..
Subir, para descer—o inferno das marés!»

Longo tempo se ouviu o temeroso brado:
sorriu-se o firmamento e o mar ficou gelado.

II

O bosque solitario ouviu ao longe o mar,
sentiu a mesma dôr, quiz-se tambem queixar:
o sol queimou-lhe o orvalho, e as folhas resequidas
pareciam chorar o sangue de mil vidas.

«Nós somos — murmurava o côro florestal —
o amor feito perfume, o incenso universal.
Tentamos ascender ao mundo dos planetas,
de flores enastrar o nucleo dos cometas,
de balsamos banhar os corpos sideraes...
vamos nós a subir, descem os temporaes,
e o pollen dourado e o nosso casto aroma
vem cahir outra vez na lama de Sodoma,
e a nossa branca flora ornando, em seios vis,
a hypocrisia — Roma, a crápula — Paris!

«Nós temos a envolver a nossa desventura
um manto de illusões, o manto da verdura:
encobre-nos a mágoa, assim como um setim
póde encobrir n'um baile um rosto de Cain.
Não ha ninguem que saiba ouvir-nos os lamentos.
Vae-se rindo de nós a cáfila dos ventos!

Quando o outono nos vem cobrir de pallidez,
cantam os rouxinoes a sua viuvez,
e tudo então nos deixa — atroz melancolia!
Tem sorrisos crueis a madrugada fria!
O inverno é um cylindro esmigalhando os nus...
Passa o trovão rugindo e, á pavorosa luz,
o tronco que desaba em dias infelizes
vae servir de repasto á fome das raizes!»

Sorriu-se o firmamento a tão terrivel dôr,
e vingou-se, afiando o ferro ao lenhador.

III

Era a vez do vulcão: no centro da montanha
ouvira-se uma voz, assustadora, extranha:

«Vivamos a luctar!.. Um mortuario véo
ha-de envolver-te um dia, abobada do céo!
Não penses que fiquei eterno prisioneiro...
o fogo nunca foi escravo do fogueiro!
Hei-de lamber, fundir, a escoria dos metaes,
e hei-de arrojar-t'a á face em jactos colossaes.
Quando sintas aberta a rubida cratera,
has-de vêr como ruge a insaciavel fera.
Vivi a devorar-me e nunca me extingui...
irás então saber quem te devora a ti!»

No cimo da montanha, envolta na fumaça,
erguêra-se do fogo a trémula ameaça:
rugiu um mez inteiro, e ao cabo d'esse mez
tudo era fria cinza e tudo era mudez!

IV

Pois bem! eu quero ser a voz do grande oceano!
Quero ser o trovão do sentimento humano!
Quero vêr onde chega a cholera da dôr
e em que mundos se espraia a vaga do terror!

Eu atirei-me um dia, heroe da velha raça,
ás ondas da miseria, aos ventos da desgraça;
desci ao velho abysmo, onde se abriga o mal,
de chapa recebi o olhar de Belial;
queimei-me na tormenta, ergui-me ao céo irado
e cahi outra vez no abysmo do peccado!..
Luctei, despedacei as carnes côr do anil.
Sahia-me do peito um halito febril,
sentia borbulhar nos trémulos ouvidos
a voz da maldição e o côro dos gemidos;
sentia o desespêro a dilatar-se em mim
e fóra, a comprimil-o, um circulo sem fim!..
De quando em quando o olhar, fechado ao mundo externo,
ao cerebro levava umas visões do inferno,

horrivel panorama, onde avultava Job,
tão triste como eu e como eu tão só!..
Mas eu não me afoguei no choro dos lamentos,
lancei as mãos febris aos desgrenhados ventos,
n'um impeto infernal calquei o oceano aos pés,
tornei a vêr o sol, fitei-o de revez,
e ao descançar meu corpo em praia abandonada
trazia inda na bôca a luminosa espada!..

A lucta é para mim um verdadeiro Deus!..
Verteram-me no sangue o sangue dos Anteus.
Minha alma é feita d'aço, e feita de metralha.
Não ha como nadar no fumo da batalha...
Leão que sahe do bosque e entrou no Colysseu,
a Cesar bradarei: — «aqui me tens, sou eu;
eu tenho no rugido o côro das vinganças,
meus dentes são de ferro, agudos como lanças,
hão-de rasgar sem dó a carne dos crueis,
os que amarram a vida á cauda dos corceis,
os que vendem, á noite, ás portas da cidade,
a santa mãe do povo, a santa liberdade,
os que bebem o vinho e zombam de Noé,
os que não sabem ter nem coração nem fé,
os que fazem do amor torpissima iguaria,
os que decretam morte, aos fumos de uma orgia,
os que insultam a Christo e curvam-se a Caiphaz...

Justiça de leão! sabei o que ella faz!»

V

Ó lagrimas subtis dos flócos das torrentes,
ó lagrimas a arder em rostos innocentes,
pranto da madrugada e pranto dos amores
—um inundando o seio, outro inundando as flores—
untae-vos n'uma só, n'uma lagrima enorme,
e esmagae a cabeça a Satanaz que dorme
no seio da luxuria, á triste claridade
da maldição que vem de toda a eternidade.

Vibrae no fundo d'alma, ó gritos lancinantes!..
poemas d'afflicção, suspiros dos amantes,
gemidos que passaes cobertos de tristeza,
agonias sem fim de toda a natureza...
vibrae! fazei de mim a noite do diluvio!..
Ó saudades azues do mais suave effluvio,
não posso acalentar-me em vossa melodia;
eu sou a tempestade, eu sou a ventania,
eu sou a dôr athleta, a dôr envelhecida,
o protesto feroz da vida contra a vida!

Fortalecei minha alma, ó dôres inclementes!
Rasgae-me o coração, insaciaveis dentes!
Quanto mais augmentar a dôr que me fulmina,
mais hei-de sacudir a juba leonina!

Vereis! — hei-de ajustar aos hombros umas azas,
sombrias como a noite, ardentes como brazas,
e hei-de voar, voar, até que alguem me siga
com seu olhar de monstro, e pavido me diga:
— ó aguia, quem és tu? ó aguia da desgraça!
« Eu sou a dôr altiva, eu sou a dôr que passa,
escurecendo o céo, escurecendo o mundo,
rasgando o coração no grito mais profundo! »

VI

Quem é que nos dictou a lei do soffrimento?
Ha rosas do prazer? Desfolha-as um momento.
A vida é um esquife illuminado a *giorno*....
Que importa que scintille alguma luz em torno,
se tudo é sombras dentro? Ó miserias eternas,
vós sois como um pulmão rasgado de cavernas!
Quanto mais respiraes, mais podridão se exhala...
E não podeis morrer!.. e não existe valla,
onde emfim descanceis!.. No homem, no granito,
ha-de ser sempre a vida um erro do infinito...
Viver! que é pois viver?! — é roda cambiante,
onde o raio da mágoa apenas é constante!

Ah! sim eu quero ser o centro do systema!..
a fronte, onde se engaste o pallido diadema

las dôres mais crueis, das mágoas irritantes...
entre as constellações que brilham radiantes
a-de surgir tambem na cupula celeste
—forte como um leão, terrivel como a peste—
m bando sideral d'extranhas nebulosas,
s dôres, que a poesia atira luminosas
face do Increado, ao coração de Urania...
—desespêro fatal e divinal insania!

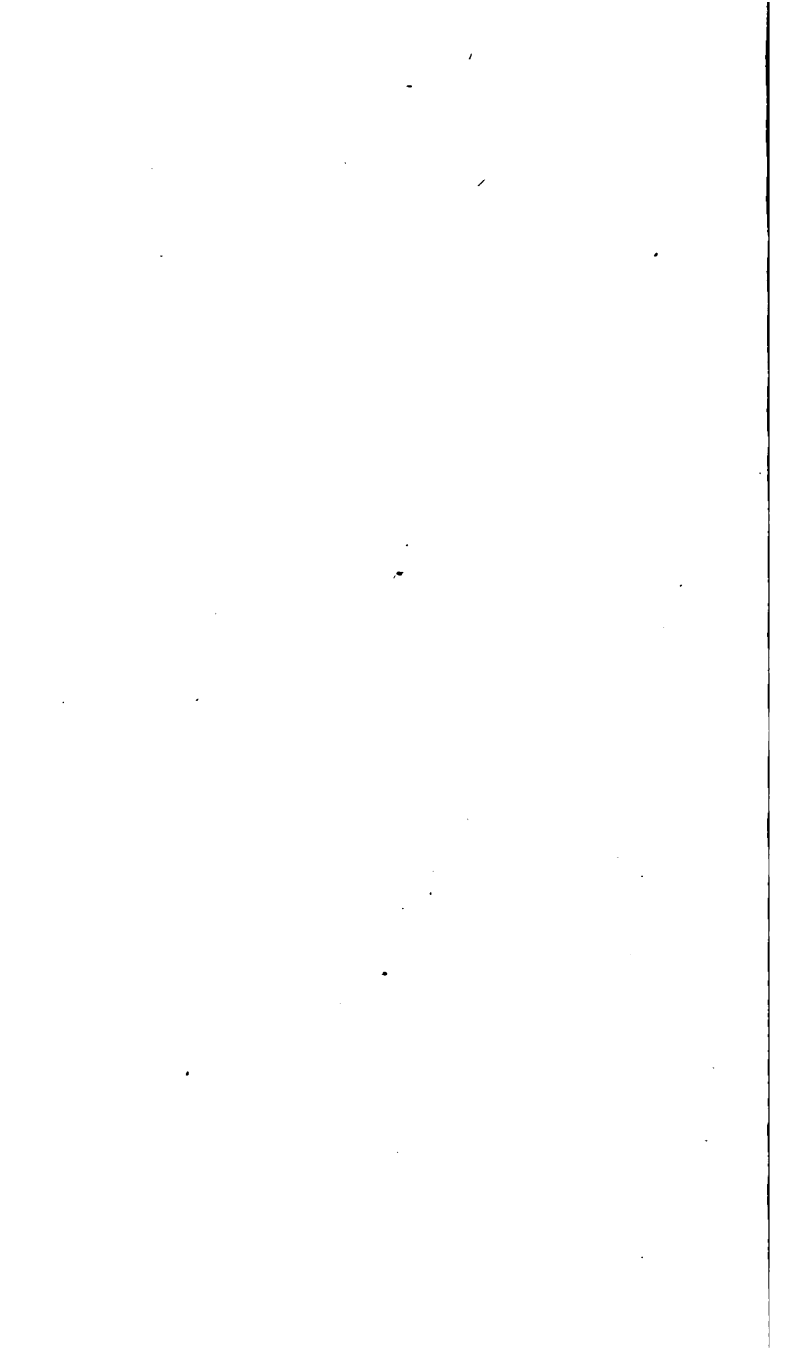
VII

Ninguem me escutará? Ninguem? É certo
que sou misera voz perdida no deserto?
que sou a gôta d'agua ao sol d'ardente julho?
que sou um nada vil na podridão do orgulho?
Que importa que eu aspire a ser a lei etherea
das lagrimas senis que brotam da materia?
Que importa que eu aspire a ser a estrella pura
em volta da qual gire a horrenda desventura
e a miseria a tremer? Que importa que eu traduza
na lyra de metal a multidão confusa
dos gritos da existencia?
Ó duvida maldicta,
eu posso-te rasgar como delgada fita!..
Accusas meu orgulho? O orgulho não me engana!..
Vejamos! Assim como a grande industria humana

manda de mundo a mundo, entregue a um debil fio,
as bellas concepções que brotam como um rio
da mente creadora, assim tambem eu creio
que existe dentro em nós, no intimo do seio,
no fundo da razão, uma electricidade
que faz communicar o mundo e a divindade!

Alguem ha-de soffrer o quanto nós soffremos!..
Abandonae a barca, abandonae os remos
e a barca inda navega ao som das aguas mansas!
Palpita dentro em nós o deus das esperanças!
Que sinta em seu abysmo, isto é, no nosso peito,
o quanto ha de maldade e o quanto ha de imperfeito!
O creador existe em sua creatura!
Respiram juntamente a mesma desventura...
Que elle avalie a fundo o mal que nos devora,
que nos depure á luz de mais brilhante aurora...
Elle ha-de conhecer que a sua divindade
é feita do Universo e mais da humanidade!

Mas quando seja falsa a minha theoria?..
Então é quando eu quero o extremo d'agonia...
Que tudo me acompanhe em meu feroz lamento,
os mares e o vulcão, as florestas e o vento,
a trémula cascata, o somnolento lago!..
Rosto de Caliban, e coração d'Iago,
hei-de subir, subir, sem me importar o raio.
Eu sou o Prometheu! Vingae-vos! derrubae-o!

'az apagada a fé, traz diluida a crença,
penas traz a arfar a sua raiva immensa.
)h céos, com que delirio eu entro na peleja!..
ie ha um Deus vingador, que o proprio Deus me veja!
ue os astros colossaes ajudem o seu idolo!
Convertam minha voz no grito mais estridulo,
ondemnem-me de noite á bôca dos abysmos,
açam tremer o céo no horror dos cataclismos,
smaguem-me na mão da crua Providencia,
: digam-me se morre a minha consciencia!

III

SÊDE DE COMBATE

A LUCIANO CORDEIRO

Eu tenho a sêde, a sêde do combate...
Dae vosso exemplo, ó velhos luctadores!...
Eu tenho o coração cheio de dôres,
quero expandir o coração que bate!

Ergamos a bandeira do resgate,
e cantemos os hymnos vencedores
e bebamos no craneo dos senhores
sangue azul de finissimo quilate!

Eia á peleja, á gloria, á morte austera!
Que me importa morrer na primavera,
qual victima pagã do ferreo Marte?

Deve ser grandioso e lisongeiro
exhalar o suspiro derradeiro
sob o altivo corcel d'um Bonaparte!

IV

O CARRASCO

Elle é feito de barro e de miseria,
o seu olhar é como o olhar do abutre,
bebe sangue, de sangue é que se nutre;
creação hedionda de Satan.
Elle vive ao ruido das correntes,
elle vive na noite da enxovia,
matar é para elle uma alegria,
um sorriso de prospera manhã.

Os seus dias de ignobil existencia,
conta-os pelo rolar de mil cabeças:
entre sombras horrificas, espessas,
senta-se á meza do cruel festim.

O mytho de Thyestes realisa-o
na fereza impassivel do seu vicio,
como quem se presára d'esse officio,
como quem se presára de Cain!

Elle tem o sorriso amargurado
d'essas visões do pavoroso Dante;
se tem feros delirios de bacchante,
abraça-se na propria hediondez.
Elle tem o dinheiro da justiça,
elle tem a harmonia da desgraça,
elle bebe contente em sua taça
o pranto da orphandade e da viuvez!

Quando afia o cutelo ensanguentado,
julga ter completado o seu destino.
Encerrou-se na torre de Ugolino,
devorou com seus crimes a razão.
Nunca passam na sua consciencia
os remorsos em funebre cortejo;
sente apenas na fronte arder-lhe o beijo
de concentrada raiva e maldição!

Elle é de barro? Não. É de granito!
Não treme, não vacilla, não se inquieta,

ante o collo gentil d'Antonietta,
ante a fronte orgulhosa de Rolland.
Elle rasgára com egual pericia
de sua mãe o seio palpitante:
calcára aos pés a sua propria amante,
e a cabeça infantil de sua irmã!

Que lhe importa que a victima que esmaga
tenha em tudo a belleza peregrina?
Elle é cego; só vê na guilhotina,
cheia de crepes, um festivo altar!..
Que lhe importa que os martyres que passam
levem no rosto a livida tristeza,
que sejam os heroes da Marselheza,
que morrem, como os cysnes, a cantar?

Elle assiste á tragedia, inabalavel,
como sinistra apparição nocturna;
elle sahe como o tigre d'uma furna
e senta-se ao portão do tribunal.
Não treme a cada voz condemnatoria;
no espelho d'essa bruta intelligencia,
não se reflecte a limpida innocencia
envolvida nos mantos de Vestal.

Elle arremessa as flores da piedade
ao negro fundo do seu rouco abysmo:
elle despreza em seu feroz egoismo
a santa abnegação dos Cyreneus.
Que lhe importam as lentas agonias
de uma alma do céo predestinada?
Elle fundiu seu braço, Torquemada,
nas fumegantes cinzas dos judeus.

E sempre esta vergonha! Sempre a nodoa
na epopeia viril da liberdade!
Falseia-se o direito! A humanidade
desceu onde nem desce a meretriz.
Creou-se um monstro onde pullulam monstros!..
quando a fronte sacode entre ruinas,
qual Medusa de tranças viperinas,
inunda a terra de crueis reptis!

E ha-de haver quem lhe aqueça o lar amigo,
quem lhe dê beijos, sensuaes, risonhos,
quem sonhe, par a par, os mesmos sonhos,
que o demonio na mente lhe depoz!
E ha-de haver corações envenenados,
filhos da noite e filhos d'uma orgia,
que bebam delirantes a ambrosia,
a ambrosia na taça d'um algoz.

E ha-de haver quem se sente em seu regaço,
quem lhe estreite os bracinhos na cintura,
quem lhe dê os extremos da ventura
n'uma syllaba só, que, rindo, cahe
dos labios innocentes da criança,
que não sabe — ignorancia bemfazeja! —
que beija a mão do crime, quando beija
a mão trémula e rude de seu pae!

É justo que na dôr se nos depare
a risonha visão que o mal serena.
É justo que se banhe a Magdalena
no sangue immaculado do seu Deus.
É natural que tombem na vertigem
as mulheres de pallidos semblantes,
que se percam nos braços dos amantes,
que se queimem nos labios dos Romeus!

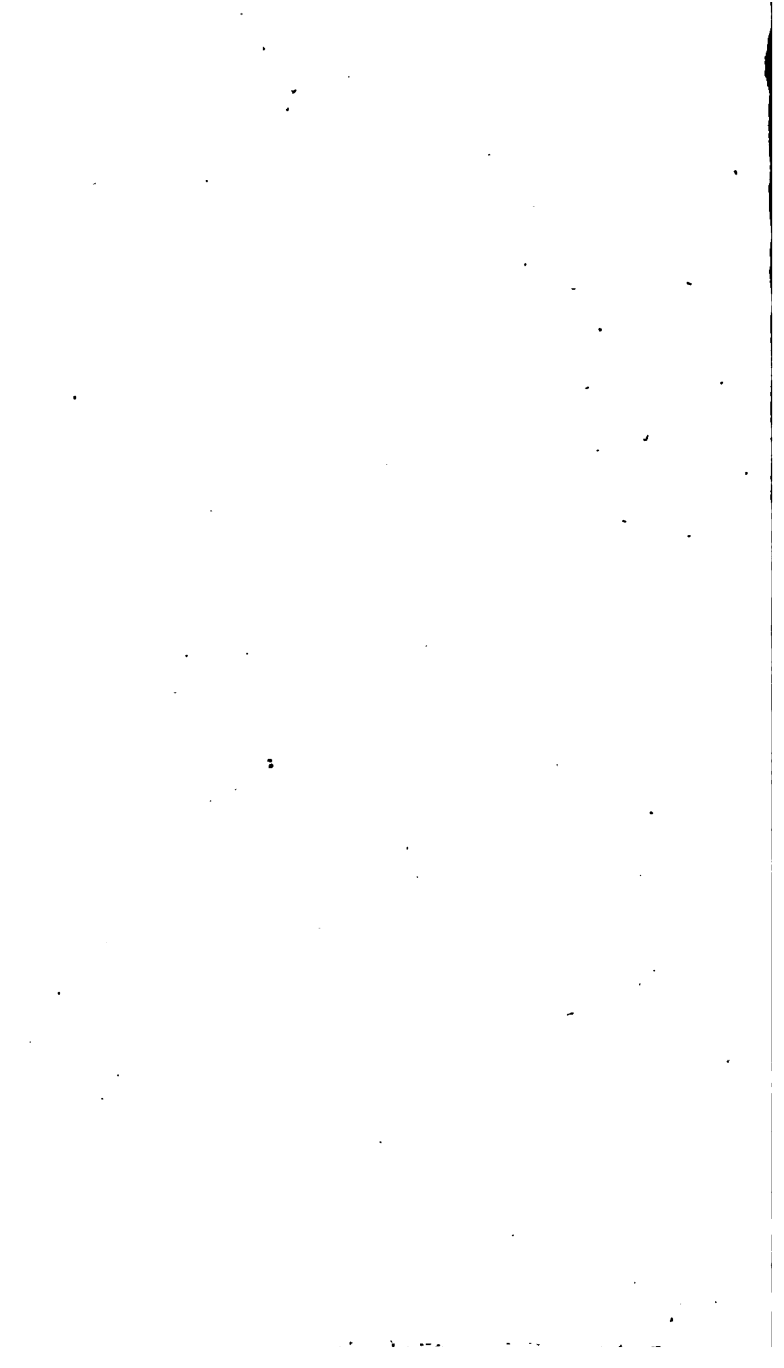
É natural que a filha desherdada,
a mulher sem pudor, venda a dinheiro
ao rude proletario, ao marinheiro,
o seu leito d'infame embriaguez.
É natural que o crime audacioso
fascine com delirio outra existencia,
e que o suave aroma da innocencia
o aspire na taverna a malvadez.

Mas custa a crêr como é que, dia a dia,
sob um olhar que a propria noite inquieta,
sem orvalhos do céo, nasce e vegeta
a familia—alvo lyrio de Syão.
Custa a crêr como a alma do carrasco
possa formar na terra um sanctuario,
e custa a crêr que um peito mercenario
possa dourar-lhe o infame coração.

É natural que as lubricas princezas,
as mulheres dos Cesares ordeiros,
envolvam juntamente os escudeiros
nos seus mantos de purpura e matiz.
Mas custa a crêr que vivam na harmonia,
como não se repellem—fratricidas!—
as mãos que ao peito acalentaram vidas,
e as mãos que á morte se prestaram vis!

Ó mulheres, deixae o miseravel
entregue ao seu miserrimo abandono,
qual lazarento cão, que não tem dono,
e ladra á lua que prateia o mar.
Que elle pise tremendo as velhas ruas,
onde os fantasmas a seus pés assomem,
que elle sinta a vergonha de ser homem,
a vergonha que o ha-de esmigalhar!

Vae só, como uma lampada apagada
que o vento despegou d'uma parede;
sem ter quem lhe mitigue a infame sede,
sem ter quem refrigere o seu calor?
Deixae-o sem bordão de peregrino,
deixae-o sem um lume d'esperança!..
Que elle forme no barro da vingança
seu ideal de famulento amor!

Se esse mesmo juiz que lavra a pena
fosse tambem algoz sequer um dia,
não tivera a insana cobardia
de matar, quando a lei pende da mão.
Ó cega, ó louca, ó pérfida justiça,
queres assim purificar o povo?
Pois bem, construe um Colysseu de novo,
nomeia algoz ao rábido leão!

V

Á FRANÇA

A F. L. DA FONSECA JUNIOR

Fosse eu teu filho, ó desditosa França,
e sempre á tua mente apavorada
havia de mostrar ensanguentada
a triste sombra da cruel vingança!

Como é que a tua fronte inda descança
na vergonha dos Cesares herdada?
Arranca a tua heroica e nobre espada,
terás na espada um raio d'esperança!

Fosse eu teu filho! e as torres legendarias,
que o velho Rheno suspiroso banha,
soltariam mil queixas mortuarias.

E á voz da minha musa, ardente, extranha,
e, ao clarão das estróphes sanguinarias,
esmagaria a pavida Allemanha!

VI

O EVANGELHO DAS MÃES

A JOAQUIM GONÇALVES

Ó mães, fitae o olhar sereno e puro
no olhar sereno e puro das crianças.
Vêde que é nossa a aurora do futuro!
Colhei em flôr as verdes esperanças!

Outr'ora, das espadas aos lampejos,
compozeram-se os livros do Alcorão...
Brote a Biblia ao calor dos nossos beijos!
Nasça a Biblia do nosso coração!

Subamos nós ao cimo do Calvario,
abrindo os braços, formaremos cruz,
onde se abrace o Christo legendario,
envolto em nuvens de carminea luz!

Pombas, subi ao mundo dos eleitos!
abri as azas sem temor, abri!
Não é preciso a resguardar os peitos
a espada fulgurante de Judith!

Inclinae a cabeça docemente
sobre esses berços que embalaes aos pés...
Não deixeis que se percam na torrente
os ninhos fluctuantes dos Moysés!

Vêde! as trevas da noite se condensam,
sobre a deserta estrada expira o nú...
Não fique Isaac a jubilar co'a benção,
não se desherde o misero Esaú!

Nós temos a eloquencia dos affectos,
podemos mais que a voz de Mirabeáu.
Alegremos os lares inquietos!
Salvemos os que dormem sobre o pó!

Póde existir ainda a mãe-verdugo,
a mãe-miseria, a mãe sem pão nem lar?
Quem não tem forças pr'a quebrar o jugo?
Quem não tem forças pr'a querer luctar?

Luctar! Perante nós o mar Vermelho
abriu as ondas de rugir feroz.
Ávante, caminhemos! O Evangelho,
o livro d'ouro, a quem pertence?.. a nós!

Um só livro, compendio de poemas,
ha-de illustrar o dia d'ámanhã;
ante o livro fundiram-se as algemas,
e a mãe vê n'outra mãe a sua irmã!

A India, a velha India dos mysterios,
ha-de fechar os *Vedas* immortaes,
e ha-de aprender os canticos sidereos,
que junto ao berço com amor cantaes!

Um Christo! Pois acaso é necessario
que se immole outro filho—talvez meu!—
que o vejamos no ingreme Calvario,
martyr sem mãe, e cruz sem Cyreneu?

Oh não! não póde ser! fôra loucura
deitar ao lodo a flor das esperanças.
Ó mães, regosijae-vos da ventura!..
Morrei pelo futuro das crianças!

VII

FILHA DO PECCADO

A A. B. RAPOSO

Quando sahes deslumbrante da modista,
mostrando a furto as tentadoras botas,
envolve-te uma roda de janotas,
envolvem-te os sorrisos da conquista.

Todos tremem de ti!.. se a tua vista
accende n'alma as sensações ignotas!..
No teu collo gentil, cysne do Eurotas,
adormecêra alegre um communista!

E o pobre, que te estende a mão tranzida,
ao conhecer-te filha do peccado,
chora na rua as lagrimas da vida.

E tu nem sequer pensas que um bocado
do velludo que rojas, atrevida,
póde matar a fome ao desgraçado!

VIII

CONTRASTE

A RODRIGO A. PEQUITO

Emquanto que te sentas ao piano
e alguem te embala os candidos filhinhos,
aves mimosas em mimosos ninhos,
ceruleas conchas em ceruleo oceano...

outras então esperam na miseria,
na sombra dos casebres em ruina,
que os rotos filhos tragam da officina,
para matar a fome, o pão da feria.

E se tu, nos harmonicos ambientes,
não escutas as vozes da desgraça,
nem vês a nuvem que sombria passa
sobre tantas cabeças innocentes...

não haverá em toda a natureza
um coração ardente e delicado,
consolador do eterno desgraçado,
refrigerio sublime da tristeza?

Não sei! e o teu piano não me deixa
ouvir a etherea voz consoladora,
e eu sei que morro, ao exhalar, senhora,
a minha grande e dolorida queixa!

IX

ÁS SENHORAS FIDALGAS
DA CONFRARIA DE S. TARTUFO

Podeis peccar, esplendidas senhoras,
podeis cahir da tentação no abysmo.
Para o peccado velho ha o baptismo,
e para os de hoje, ó santas peccadoras,

ha-de haver umas rezas, uns bentinhos,
a benção telegraphica de Roma.
Eia, envolvei-vos n'esse casto aroma,
e embriagae-vos nos celestes vinhos!

*

Não tenhaes mêdo; o Christo que se adora
nas vossas perfumadas sacristias,
é um Christo que vive das orgias
e que da cruz sorrindo vos namora.

Podeis arder nos fogos da impureza;
decerto que o theologo mais fino
dirá do vosso amor que elle é divino
e que sois tal e qual Santa Thereza.

Podeis peccar. Eu sei d'uns niveos braços
que envolveram um dia o seu vigario,
e não foram pregados no Calvario
porque os salvou Nosso Senhor dos Passos.

Podeis peccar. Ao dar a vossa esmola,
vi tremer de vergonha a caridade,
mas que importa que chore a castidade,
se está contente Ignacio de Loyola?

Podeis peccar! Vós sois as carnes alvas,
sois a grave e terrivel formosura:
amaes no carnaval os Marialvas,
e durante a quaresma o padre-cura...

Podeis peccar, podeis; agora eu
já não tenho ninguem que me proteja;
deitou-me um sacristão fóra da egreja
como cão miseravel, como atheu.

X

JUNTO D'UM BERÇO

A H. BARCELLOS

Teu pae era a cabeça desvairada,
teve um dia caprichos d'estudante,
e se dormiu no coração d'amante,
não sonhou com a mãe abandonada.

Pobre mãe! sem familia, desgraçada,
quer esquecer o perfido semblante,
mas tu és como *elle* insinuante
e ella envolve em seu pranto a flor sagrada.

Tens o teu bello corpo feminino
cheio das rosas brancas da innocencia...
fossem ellas as rosas do destino!

Oxalá que te salve da indigencia,
ó meu suave e pallido menino,
esse olhar de precoce intelligencia!

XI

A MORTE DO ESCRAVO

A TITO A. DE CARVALHO JUNIOR

I

Chamava-se Dinah; era circassiana,
formosa como a luz que trémula dimana
de Venus, o planeta. Os seios tentadores
são, quaes azas de neve, abrigo dos amores;
a negra sobrancelha é tal qual o segmento
d'um arco debuxado em doce firmamento.

E todavia a flor de magica fragrancia
cahiu no captiveiro ao despontar da infancia.
Que pena que era vêr aquellas mãos gentis
pisando dia e noite o grão no almofariz!

Que pena aquella bôca, alegre e perfumada,
não se abrir livremente aos raios da alvorada,
não se poder fechar, abrindo o coração,
em labio que respire a mesma commoção!

II

Havia entre o rebanho dos captivos
um mancebo oriundo do Oriente,
cheio d'amor nos grandes olhos vivos,
e cheio de paixão intimamente.

Captivo duas vezes—que tormento!
Ter prêso o corpo e prêso o coração,
e abafar o seu livre pensamento
como se abafa a lava do vulcão!

Elle tinha a viril musculatura
d'esses homens que vivem pelos montes,
e reflectem a rude formosura
no susurrante espelho das mil fontes.

Creou-o Deus um roble frondejante,
mas negou-lhe a frescura do maná,
e negou-lhe os sorrisos de uma amante,
e negou-lhe os abraços de Dinah!

III

Ao voltar uma noite das florestas,
encontrou, como sempre, lacrimosa,
a misera Dinah, aquella rosa,
que ha-de murchar sem vêr a luz das festas.

E disse-lhe baixinho e muito a medo:
—«Vejo sempre, Dinah, a tua imagem,
quando o sol doura a lubrica ramagem,
quando a lua se espelha no arvoredo.

E sempre me confrange a tua lida,
esse martyrio enorme, infame, obscuro,
e penso então no meu e teu futuro
e maldigo a cadeia fratricida.

Choro, mas o chorar não nos resgata.
Não ha Deus que receba em sua urna
essa lagrima ardente e taciturna,
que vae molhar teu seio côr de prata.

E disse para mim: se Deus existe,
esse Deus em mim proprio se revela...
E vi passar a tua imagem bella
e fiquei orgulhoso e menos triste!

E esse Deus, que em minha alma se escondia,
ergueu-se fulgurante n'um momento,
e senti creador o pensamento,
e nadei n'uma onda d'alegria!

Oh! nunca mais, Dinah, eu te asseguro,
hei-de vêr teu olhar insinuante
abaixar-se e tremer a cada instante
sob o olhar do senhor altivo e duro.

Que pena que me faz vêr-te o cabello
coberto de suor e desgrenhado,
e pensar que tu vales no mercado
muito menos que um nitido camello!

Oh! nunca mais, Dinah, ó doce encanto,
hei-de vêr os teus braços de rainha
a moer esse grão, cuja farinha
sahe sempre humedecida do teu pranto.

Inspirei-me na minha soledade,
na minha e tua inhospita tristeza,
e roubei um segredo á natureza,
que nos ha-de alegrar a mocidade.

Ha-de ámanhã raiar-nos o primeiro
dia d'amor e dia d'esperança...
Chora as ultimas lagrimas, criança,
sobre o nosso nefando captiveiro!»

Ella envolveu as faces melindrosas
n'um sorriso de placida amargura,
como quem sabe ao certo que a ventura
tem visões que embriagam mentirosas.

E disse-lhe:—«Saul, nas tuas veias
corre em ondas d'amor sangue divino,
mas não pensas sequer que um vil destino
nos prende á terra em miseras cadeias.

És a machina viva do trabalho,
és aguia prisioneira no teu ninho,
e eu sou de dia a escrava do moinho
e sou de noite a escrava do serralho!»

E Saul respondeu-lhe:—«Que delirio
é esse que te passa pela mente?
Se tenho n'alma os sonhos do vidente,
tenho tambem a audacia do martyrio!

Confia cegamente em quem te adora,
hei-de ser-te o clarão da Providencia.
Ah! se eu morrer, a minha intelligencia
morre gritando contra quem a explora!»

IV

No outro dia Saul buscou o seu senhor
e disse-lhe: — «Bemdita a luz que dá calor
aos trigos do teu campo, ás hervas dos teus montes,
aos peixes do teu lago, ás crystallinas fontes,
bemdita a luz que assoma ao rosto das manhãs,
bemdita a luz que beija as tuas bellas cãs,
a luz que inflamma e doura as luas da mesquita,
a luz que sahe do mar!»

Disse o senhor—«bemdita!»

O escravo proseguiu: — «Eu chamo-me Saul:
no cimo da montanha as virações do sul
disseram-me um segredo. Abri meu pensamento
e d'esse abysmo ignoto erguêra-se um invento.
Senhor, não ha ninguem egual á solidão!
Satelite fiel d'um triste coração,
orvalho que refresca a nossa intelligencia,
é ella quem transforma a nossa terrea essencia,
é ella quem eguala aos anjos triumphaes
aquelle que nasceu infame entre os mortaes!

Não me importa soffrer; o soffrimento alheio
é vibora que bebe o sangue de meu seio.
Eu choro quando vejo uns olhos a chorar.

Eu obedeço á dôr, como obedece o mar
á lua sensual que lhe prateia o dorso...
Para sentir-me triste, eu não preciso esforço!

Já vês quanto hei soffrido, ao vêr as tuas mil
escravas de hombros nús—ovelhas n'um redil—
entregues á mais rude e improba canceira.
Para ellas não ha o encosto da lareira
em noites de invernia, e em noites de luar
diz-lhes agreste voz—trabalhar! trabalhar!

Mas uma sobretudo, uma das mais mimosas,
lyrio que sobrenada em mar d'obscuras rosas,
me torna estes grilhões mais barbaros e vis.
Quando a vejo, senhor, n'estas visões febris,
como animal sem nome ao jugo do moinho,
enterra-se em meu peito o mais cruel espinho
e sinto distender-se o latego sem fim,
que ha-de punir um dia a raça de Cain.

Se em toda a natureza existe um elemento,
que póde auxiliar o nosso pensamento,
se o sol, como tu vês, é ente creador,
se é força dentro em nós o sol chamado amor,
porque não se aproveita a força inconsciente,
a força que não soffre, a força da corrente,
a força que provém dos paramos de luz,
a força que não morre e só se reproduz,

a força universal, esplendida, siderea,
o fogo que dá vida aos membros da materia?

Pois bem! eu tive um dia uma allucinação,
vibrou dentro em minha alma o fogo do vulcão,
e o teu humilde escravo, olhando os céos serenos,
baixinho murmurou—haja uma dôr de menos,
haja na humanidade um beneficio a mais!

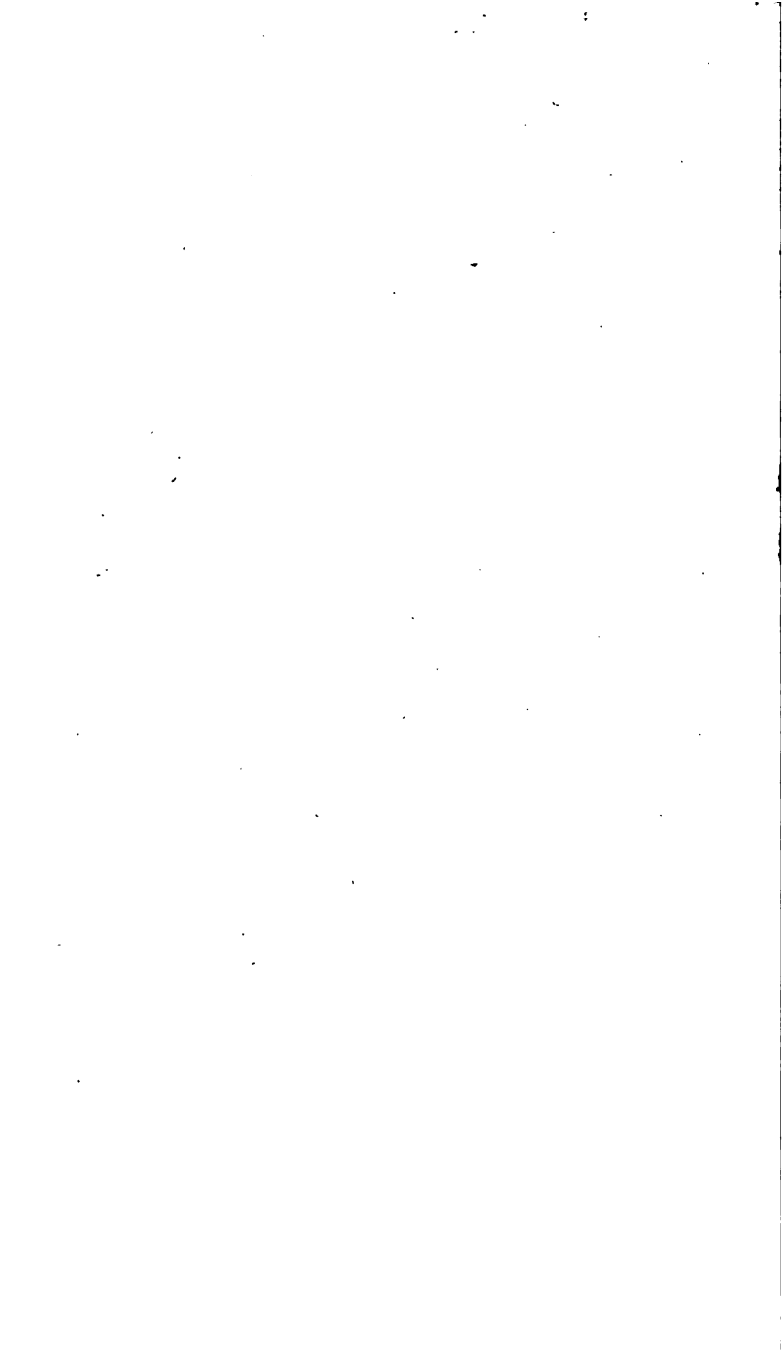
O vento que constella á noite os vendavaes,
foi esse que inspirou a minha phantasia,
e assim como elle agita a densa ramaria,
ha-de servir tambem de impulso, de motor...
Domei o meu leão, domei-o bem, senhor!

Agora só te imploro exigua recompensa;
não peço mais que um grão da tua eira immensa.
Que te importa uma flor que o vento levará?
Deixa que eu gose livre os beijos de Dinah!
Nega-me tudo, tudo; embora profanada,
não me negues, porém, a minha doce amada.
Augmenta, se inda é pouco, a minha escravidão,
mas que ella afague livre o livre coração!»

—Pois sim, disse o senhor, agora põe em obra
a idéa que te envolve e fere como a cobra.—

Cheio de ardor, o escravo em breve levantou
a machina que á noite em sonhos ideou.
Ao vêr sobre a montanha o rustico moinho,
a aguia quiz lá ir formar seu grande ninho,
e as vélas, ao rodar, prendendo o vento sul,
cantavam no seu côro a gloria de Saul.

Disse então o senhor:—«Faça-se a experiencia!
quero vêr onde chega a tua intelligencia,
que a tua fronte, escravo, ao resvalar na mó,
se reduza instantanea ao mais ligeiro pó,
e que Dinah, mostrando os braços de rainha,
amasse no seu pranto esta humanal farinha!»

Saul rugiu, e assim morrêra o inventor,
o martyr do talento, e a victima d'amor!

XII

HETAIRAS

Vós envolveis o corpo nas roupagens
mais finas, elegantes, caprichosas;
vêdes passar, alegres, voluptuosas,
do amor fidalgo as lubricas imagens.

Adormeceis nas flaccidas carruagens,
murchaes no seio as pudibundas rosas,
e queimaes essas bôcas sequiosas
nas bôcas feminis dos louros pagens.

10

Tendes tudo; os theatros, a riqueza,
as noites de delirio e *morbideza,*
todas as tentações, todos os brilhos!

E só não tendes nas estereis pomas,
ó Venus das esplendidas Sodomas,
uma gôta de leite para os filhos!

XIII

HISTORIA D'UMA NOITE

A JOÃO D'OLIVEIRA RAMOS

Elle era um libertino e vinha pela estrada
cantarolando. A lua estava amortalhada
em nuvens côr de cinza. Os negros carvalhaes
soltavam, psalmeando, a voz dos temporaes.
Do escuro do caminho, uma criança nua,
mais loura de que o sol, mais triste de que a lua,
veio pedir-lhe pão em nome do Senhor.
Dar pão áquella fome, um beijo áquelle amor,
era encher de consolo o coração mais rude,
era um dever sagrado, um bem, uma virtude,
era salvar do lodo a rosa mais gentil,
fundir, á luz do sol, um congelado abril.

Mas elle proseguiu cantando... Uma criança
é ninho sem ter ramo, é ramo que se lança
ás iras da torrente...

«Acaso não são teus
os filhos sem familia, omnipotente Deus?!
Tu és um descuidado, um misero patrono,
desprezas a innocencia e nem lhe dás um somno,
materno, harmonioso, em berço de frouxeis.
És forte como a luz, tyranno como os reis;
só sabes castigar envolto na grandeza,
e mandas-nos a nós olhar pela pobreza...
Olhae que eu pagarei... Pagar!.. Bem faço eu!..
Não se fez para esmola o ouro d'um atheu!»

E foi a voz da infancia, a voz do amor mais gemea,
quem fez queimar-lhe a bôca em tão cruel blasphemia!

E elle passou cantando. Em seu altivo olhar
levava todavia, inquieta, a soluçar,
a imagem da criança. A mão, marmorea e dura,
não podia, esfregando, apagar a gravura,
aquella pequenina e trémula visão,
fogo do seu olhar, fogo do coração.
E o vento, ao sacudir os rumorosos ramos,
parece que dizia: onde vaes tu? vejamos
quanto é que dás d'esmola aos miseros sem lar!

E elle a querer cantar e sem poder cantar!

A lua apresentava um doloroso brilho.
«Quem sabe se será, disse elle então, meu filho,
meu filho abandonado á porta do bordel,
á noite confiado, á noite, essa cruel
que ceia em pratos d'ouro os mimos da opulencia
e esmaga sob os pés as joias da innocencia?

Quem sabe?»

E o pensamento erguia-se febril
e tudo lhe dizia: és um infame, um vil;
e as sombras do caminho, as sombras da vingança,
torciam-lhe o pescoço. Um raio d'esperança
lhe veio dissipar o insolito pavor.
«Fructo que eu desprezei, fructo do meu amor,
fructo que delicía e intimamente abrasa,
onde é que existes tu? Se eu te encontrasse em casa!..»
Correu, correu ancioso; abriu a porta; ouviu
um susurrar de leve; um riso lhe floriu
na bôca suffocada. Imaginou decerto
criança a respirar. Miragem do deserto!..
Era apenas a amante em sonhos sensuaes.

E o vento a sibilar a musica dos ais!

Ergueu o cortinado, olhou por todo o leito,
palpou a propria amante, a vêr se no seu peito
enroscados veria uns braços de setim,
entre rosas de branco a rosa de carmim,

entre as pomas de neve a loura cabecinha,
a bôca sorridente, ingenua, innocentinha,
saboreando ainda o leite maternal,
beijando com delicia o seio de crystal.

Mas nada. A solidão moral enchia tudo.
A amante era-lhe crime. Um desespero agudo
fel-o sahir de novo. Os ventos a gemer,
os raios a cahir, os troncos a fender,
nada lhe dava assombro. Errante pela estrada,
buscava o pequenito, a mão enregelada,
que lhe pedira esmola. A estrella da manhã
veio encontral-o só, imagem de Satan,
alquebrado, soturno, olhando espavorido,
soltando sem querer um lugubre gemido,
como odiando o alvor da matutina luz,
prêso de pés e mãos a imaginaria cruz.
E o filho que podia encher-lhe d'alegria
o peito solitario, a casa escura e fria,
apenas alvejava—espectro vingador—
no espirito senil vergado pela dôr!

LIVRO III

LENDAS DOS REIS E DOS DEUSES

I

AO SOL

A MANOEL DUARTE D'ALMEIDA

Tu sim, tu é que tens d'um deus a essencia!
Reconhece-se a tua divindade
na branca luz formada de bondade,
mais bella de que o peito da innocencia.

Teus raios são os raios da existencia,
espadas da justiça e da verdade,
e, n'esse livro azul da immensidade,
és em lettras de fogo a Providencia.

Ah! se um dia a materia desvairada,
perdendo-se em seu proprio cataclismo,
te congelar a esphera abrazeada,

ha-de a terra chorar no teu abysmo,
e quando apalpe a immensidão do nada,
ha-de soltar rugidos d'atheismo!

II

O CORO DOS FAUNOS

A A. S. AZEVEDO

I

Rompia a primavera; o grato alvor da festa
enchia de mysterio as naves da floresta.
Alguem esmigalhava os ramos tropicaes
e, sob o tronco annoso, os ninhos virginaes.
Não era a tempestade, a callida atmosphera,
que insolita queimava a flor da primavera,
não era a mão de Deus: o ferro dos heroes,
era quem perturbava o amor dos rouxinoes.

Aos golpes do machado estremecia a terra.
Os hymnos infernaes da pavorosa guerra
soltava-os o cavallo, ao relinchar feroz.
Prepare-se o caminho! Ahi vem dos Pharaós
a esplendida cohorte. As lanças rutilantes
enchem d'estranho brilho o rosto dos gigantes.

É elle! o seu olhar domina a multidão.
É rei; é mais, é deus! A sua sagração
foi o sangue d'um povo em férvidas torrentes.
Elle repousa á noite em ninho de serpentes,
elle acorda ao cantar da eterna bacchanal
e, como Nero, abraça a lyra sensual
e canta no banquete, engrinaldado em lyrios,
o opiparo prazer d'imaginar martyrios.

É elle, e em volta d'elle os hymnos marciaes!

Por sobre os hombros nús d'escravos orientaes
repousa o palanquim de sedas primorosas.
Em outros palanquins as necessarias rosas,
cuidadas pelo eunucho á sombra d'um harem.
Se o vinho o delicía, a languidez tambem,
a languidez bebida em seios voluptuosos...
ou respirar de lucta, ou respirar de gosos!

É elle! o olhar em fogo, o olhar da impavidez!
leva pintado o sol no deslumbrante arnez.

É elle! abra fileira o bosque taciturno!
É elle! vae passando a imagem de Saturno!
O millenario cedro abata-se-lhe aos pés,
incensem-lhe o caminho as folhas do aloés!
Que importa que a floresta, ao resvalar já nua,
não gose o seu noivado á noite com a lua?
Que importa que não tenha um toldo de rosaes
o rio, cuja urna é feita de crystaes?
Que importa que a andorinha, á volta do deserto,
não encontre sequer n'um tronco um seio aberto?
Que importa que ao fulgir da rubida manhã
a fronte se requeime ao solitario Pan!

Que importa? Da alvorada ao declinar do dia,
passára triumphal a audaz cavallaria.
Por sobre o bosque em ruina a noite veio emfim,
a noite, mãe de Job, madrasta de Caim,
e o ar, até então repleto de perfumes,
se foi a pouco e pouco enchendo de queixumes.
Alguma espada occulta abria o coração
á deusa que abrigava aquella solidão.

Sahiam dos covis os trémulos gemidos...
era o côro fatal dos faunos perseguidos.

II

«Eia, ó rei, os clarins da victoria
hão-de ouvir-se ao final do combate,
e ha-de o manto de fino escarlate
em teus hombros altivos brilhar.
Os poetas das lyras eburneas
hão-de erguer-te em viris epopeias,
e, ao beijar as doiradas cadeias,
hão-de os reis teus vencidos cantar!

Eia, ávante! o rebanho dos homens
a teus olhos submisso perpassa.
D'onde vens? de que entranhas? que raça
os teus dias de infancia embalou?
Quem te pôz n'esses labios queimados
toda a chamma das iras do Averno?
Se nasceste da mente do Eterno,
és a furia que o Eterno gerou!

Vae, caminha! Não temas a noite.
As estrellas dão luz egualmente
á avesinha que canta innocente
ou ao tigre que ruge feroz.

Tu encerras na olympica fronte
a potencia dos deuses tyrannos...
Calça aos pés os direitos humanos,
só se escute na terra uma voz!

Do teu carro de bronze e de sandalo
fez-se o altar do triumpho sangrento.
No ruido sonoro do vento
acclamou-te a victoria immortal.
És o deus das pelejas homericas,
um bandido adorado do mundo,
mas a gloria, esse abysmo profundo,
ha-de ser-te o sepulchro fatal.

Vae, caminha! Que importam lamentos?
que te importam os rostos sombrios?
Tu esmagas as urnas dos rios,
ao nitrir do fogoso andaluz.
Tu não sabes que os troncos têm alma,
e que as almas têm dôres sublimes?
Se tu tens o direito dos crimes,
que te importa ou a sombra ou a luz?

Mas um dia estas vozes perdidas,
o murmurio que apenas se escuta,
o ruido longinquo da lucta,
que insensivel se fere a teus pés,

hão-de entrar, como um bando d'abutres,
no teu peito coberto de horrores,
e esse canto, oceano de dôres,
te dirá quem has sido e quem és!

Nós limpamos os olhos magoados
das cavernas ao musgo virente,
e tu limpas a espada fremente
aos cabellos das tuas houris.
Nós beijamos a terra sagrada,
e tu és duas vezes insano,
porque passas sobre ella, profano,
e profanas os seios gentis.

Vae, caminha! que a lua scintille
no atro ferro brunido da lança.
Nós cedemos da nossa vingança,
e ha-de a terra seus filhos vingar.
Quem confia na mãe-Natureza,
tem por si o direito invencivel...
Passe a fera outra vez irascivel
e sobre ella hão-de os corvos pairar!»

III

A guerra terminou após horriveis luctas.
Os tigres e os leões, abandonando as grutas,
tiveram lauta bôda. O sólo humedeceu
no sangue juvenil que em ondas se verteu.

Era o despojo opimo. Abrira-se o thesouro
das fadas do Oriente. As perolas, o ouro,
o bronze, a porcellana, as joias, os coraes,
os idolos de prata, os vasos festivaes,
tudo surgira a flux. As artes e a riqueza
deram fecundo abraço ao monstro da grandeza.

Só era triste e pobre e esfarrapado e nú
o bando prisioneiro, a quem o olhar mais crú
lançava o seu desdem. As miseras captivas
viam cahir aos pés as rosas sempre vivas
da pudicicia morta; ás crinas dos corceis
prendiam-se sem mágoa as cômas em anneis,
e o corpo, balouçando, era o tropheu dourado
de quem prostituira um seio immaculado.

Tremem d'orgulho os seus, só elle, o vencedor,
suppõe que inda é mesquinho o immenso resplendor.
Emquanto que existir rebelde ao seu alfange
um dos povos sequer que a terra inteira abrange,
não beberá contente o vinho triumphal.
Quer que a terra se envolva em manto imperial!

Conservava-se, á volta, o solo descoberto;
onde florira o bosque, alarga-se o deserto,
seccara sem verdura o rio dos crystaes,
brotavam, longe a longe, apenas matagaes.

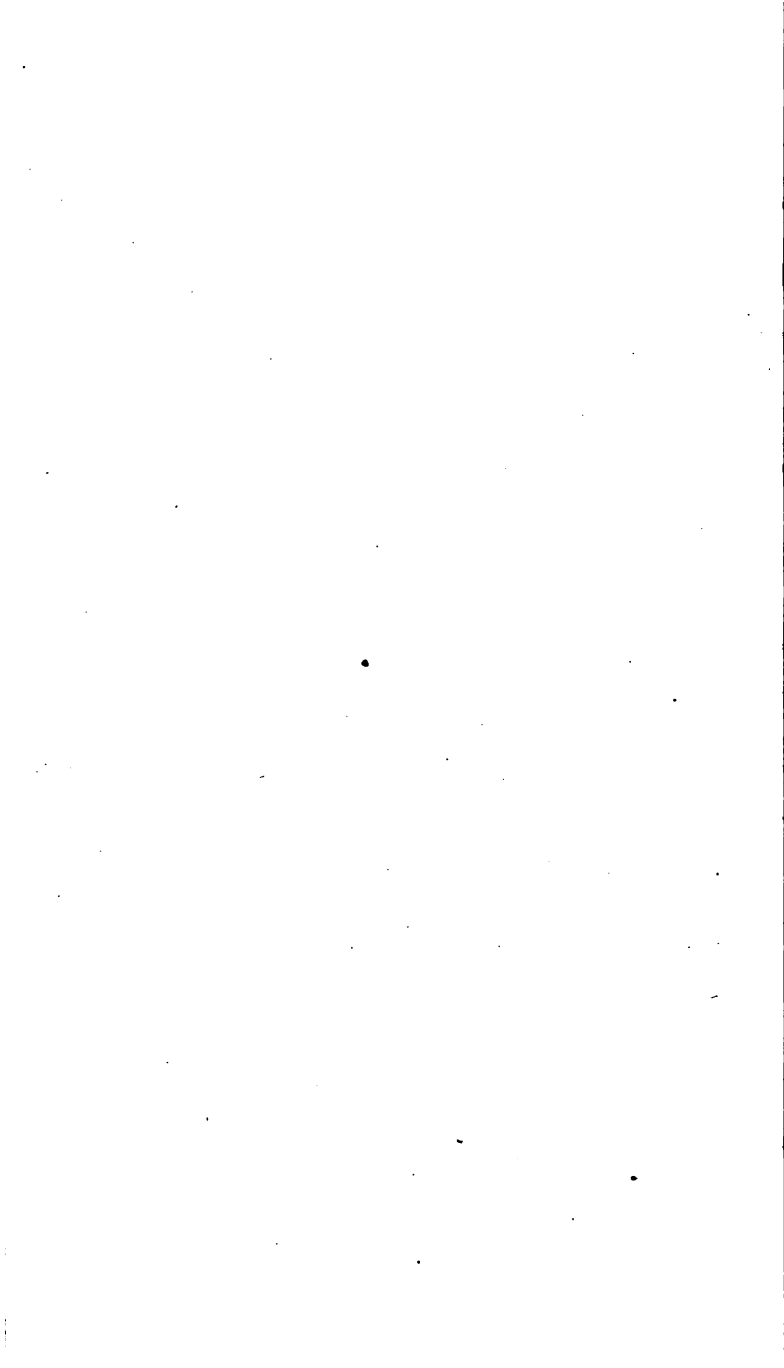
Foi passando o cortejo. Ia meditativo
o Cesar, o gigante, o semi-deus lascivo.
Em que pensava o monstro? Acaso era infeliz
no throno e mais no altar, no leito das houris,
no banho perfumado em voluptuaria sesta?
Não lhe sorria o mundo em delirante festa?
Não tinha obediente o céo, a terra, o mar?
Quem lhe fazia sombra? A entrada no pomar
quem lh'a póde vedar, se o paraiso é feito
para lhe encher de aroma o solitario peito?

Se quem desobedece ás ordens d'um visir
sente a cabeça aos pés com impeto cahir,
quem é que tentará contra a realeza enorme?

Apenas a consciencia, o cão que ás vezes dorme.

Quem sabe se acordado elle estaria então!

De repente escutou-se, a modo d'um volcão
que ao longe rebentasse, um rebramir soturno.
Tremeu no palanquim a imagem de Saturno!
Do solo, oh maravilha! os troncos colossaes
começam de surgir aos mil e mil! e mais
se embrenha a ramaria! As folhas viridentes
parece que ao roçar estão rangendo dentes.

resce o delirio, cresce! ás negras maldições
sponde o céo cantando o côro dos trovões.
ez-se noite cerrada, augmenta o labyrintho,
issera-se que a selva a embriagou o absintho.
'ormou-se vasta rede, o altivo vencedor
emeu com toda a raiva em tão tremendo horror,
las n'esse abraço hostil dos viridos colossos
uvia-se o ranger dos troncos e dos ossos.

III

O CACHIMBO DO SULTÃO

A RANGEL DE LIMA

Tinha o sultão uma escrava,
que era o lyrio virginal,
que mais aroma exhalava
no seu palacio real.

—«Vem, formosa entre as formosas,
alva flor d'alvas manhãs,
encher a fronte de rosas,
cobrir de beijos as cãs.

Não sabes, timida filha
da velha Jerusalem,
quem é que a teus pés se humilha,
quem te dá todo este harem?

És escrava, tens escravas
que te hão-de perfumar,
e a essencia em que tu te lavas
hei-de bebel-a a fartar.

Como os teus olhos dão sêde!
que sêde de amor sem fim!..
Dormirás na minha rede,
á sombra do meu jardim!

A agua que sahe da bôca
de meus marmoreos leões
não me apaga a paixão louca,
não me esfria as sensações.

Conheci toda a belleza
do norte aos confins do sul,
mas só tu és a princeza
de Damasco e de Stambul.

Preparem-lhe as aureas sêdas,
preparem-lhe os para-soes;
nós vamos ás alamedas
escutar os rouxinoes.

Para as almas inquietas,
que têm o sangue em rumor,
não ha mais doces poetas,
mais doces cantos d'amor.»

Mas a formosa captiva
não tinha na sua voz
a melodia lasciva
das filhas dos Pharaós.

Tinha a face côr de rosa
coberta de pallidez,
e tinha na fronte airosa
um raio d'intrepidez.

—«Não, não quero, disse ella,
rasgando o véo de setim,
beijar-lhe a fronte amarella,
sentar-me em seu palanquim.

Tenho a carne prateada,
e tenho o meu sangue azul,
não quero ser comparada
á meretriz de Stambul.

Não quero apertar no braço,
á luz do sol oriental,
n'um coração feito d'aço,
o remorso sensual.

Não quero em meus roseos sonhos,
em meus sonhos virginaes,
tremer aos gritos medonhos
d'algum côro de punhaes.

Não quero em seu triste leito,
ao despertar da manhã,
encontrar banhado o peito
no sangue de minha irmã.»

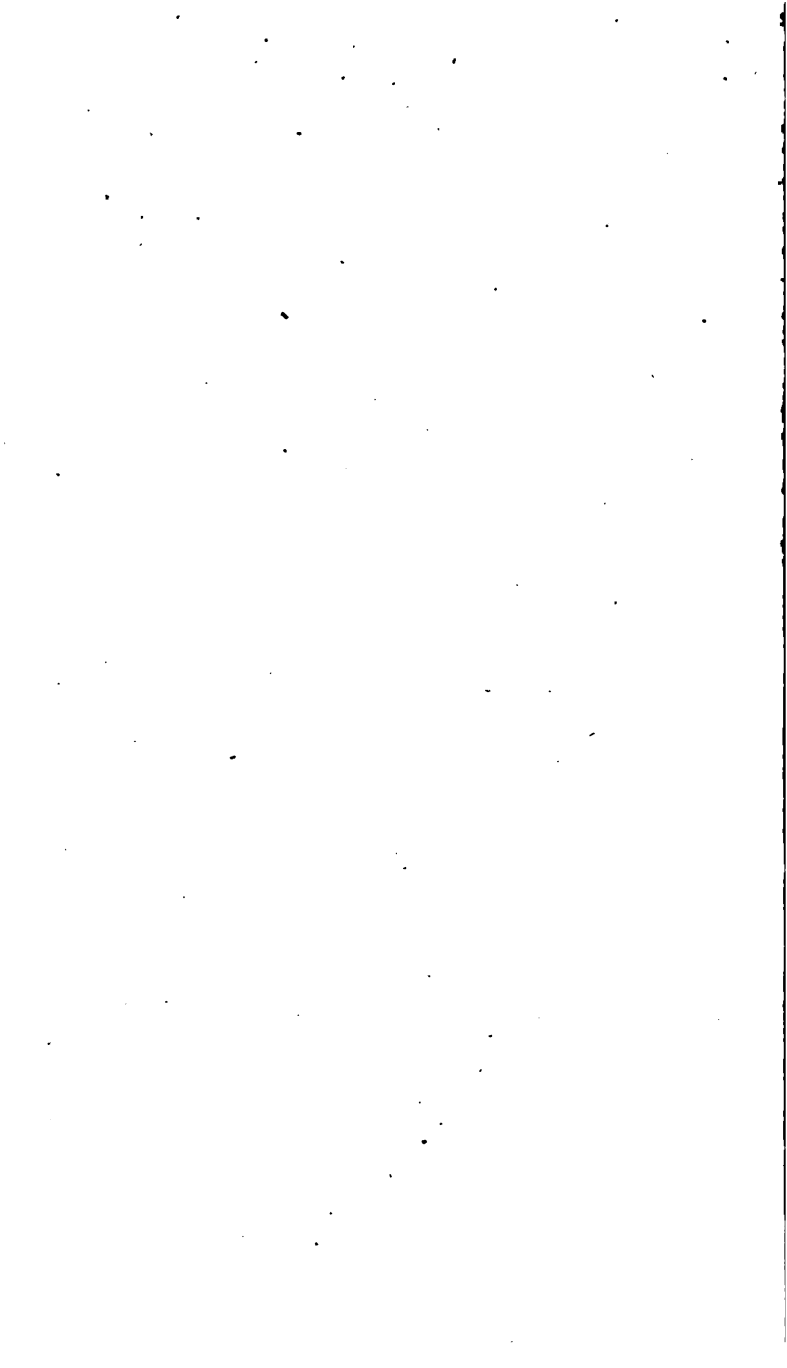
Volveu o sultão iroso,
sob fingido desdem:
—«É este um dia de goso
nas festas do meu harem!

Minha perola estimada,
que eu tanto queria amar,
serás outra vez lançada
ao fundo leito do mar.

Abri-lhe o nevado seio
mais bello que a luz do sol.
Ninguem mais ouça o gorgeio
d'este gentil rouxinol.

Em mil porções retalhado,
ha-de arder seu coração
no cachimbo calcinado
do calcinado sultão.»

Disse, e o cachimbo cahindo
no pavimento em xadrez,
bem como o sonho mais lindo,
em mil bocados se fez.

E nunca mais ao sol posto,
depois do ardente café,
o sultão do bronzeo rosto
fumou no seu *nargilé*.

IV

UMA LICÇÃO DE ANATOMIA

A J. T. DE SOUSA MARTINS

Anoitecêra ha muito. Entrei na velha sé.
As legiões de Deus puzeram-se de pé.
Ajoelhei no altar da Virgem dolorida,
mas foi-se a pouco e pouco esvaecendo a vida.
Desfalleci, cahi; supponho que sonhei.
Seria sonho ou febre? inspiração? Não sei.
Parece que bebi um philtro de tristesa.
Vi levantar-se a morte e preparar a mesa,
onde a sciencia austera enterra os bisturís
nas tristes podridões dos que morreram vis
no leito do hospital. O templo sacrosanto,
onde a *Virgem* envolve o *Filho* no seu manto,
convertêra-se, oh Deus! oh Deus das maldições!
na sala glacial das rubras dissecções!

Depois eu vi a morte, a morte horrenda e bella,
arrancar um a um dos nichos da capella
os santos de pau rosa envoltos em setim
e atiral-os á mesa e dizer para mim,
na phrase, Rabelais, no riso, Sganarello:
— «faze essa anatomia, ahi tens o escalpello,
vê que cellula entrou na etherea formação
d'esses servos de Deus feitos de devoção!»

Automato, sereno, obedeci-lhe; o aço
exhalava um clarão illuminando o espaço,
mas, ao cravar na carne o bisturí sem dó,
tudo se desfazia em nevoento pó.

Olhei então a morte e riu-se ferozmente,
depois pôz-se a scismar; scismou; e de repente,
como sentindo em si inspiração melhor,
subiu vertiginosa as pedras do altar-mór,
e despregou o Christo, o Christo macilento,
tostado pelo sol, batido pelo vento,
mirrado pela dôr, queimado pelo fel.
Que contraste, meu Deus! Fantastico painel!..
Infamia d'um atheu! e roubo d'um coveiro!..
A morte era um traidor, trahindo sem dinheiro!

Depois, saboreando estupido prazer,
disse-me a rude morte: — «ajuda-me a estender

este pesado corpo, este heroe d'agonia,
e vê como te sahe agora a anatomia!»

Cravei, tremendo, o ferro, e ao golpe, d'esta vez,
um jorro me inundou de sangue a pallidez
do rosto macilento...

«Ó Christo, por ventura,
foi tua cruel morte um sonho? uma impostura?
um crime legendario? e essa pesada cruz
era feita de pau ou de divina luz?
Ás mãos de novo algoz, de novo, ó Christo, acordas,
ou eram ideaes as miseraveis cordas,
com que alguem te açoitou, ó Filho do Senhor?
O justo era Caiphaz, tu eras o impostor!
Enganáste, illudiste a pobre Magdalena!
É justo esse martyrio atroz que te condemna!
Eras indigno até de ter um Cyrineu!..
E foi por ti que a fé queimou tanto judeu!»

Um raio me prostrou. Um grito gemebundo,
um grito de titães ao desabar d'um mundo,
encheu d'enorme assombro as solidões da sé.
Então, á luz do raio, eu vi o Christo em pé
ir-se pregar de novo aos braços do madeiro;
no olhar a mansidão da pomba e do cordeiro!

O argenteo candelabro abria as flores de luz
e os cantos de piedade ouviam-se na cruz,
e a bôca sacrosanta, a bôca do propheta,
respondia suave á minha mente inquieta:

« Eu só hei-de expirar, já quando extincta fôr,
no coração humano, a derradeira dôr! »

V

LAGRIMAS DO HAREM

A ALFREDO RIBEIRO

I

Ó triste Pan, ó velho solitario,
não te lamentes mais!
Não penses que a tragedia do Calvario
lançou por terra os deuses immortaes.

Do calice das rosas matutinas,
diamantes do val,
brotam as deusas, pallidas, fransinas,
envoltas n'um perfume sideral.

Em cada primavera, em cada aurora,
que purpureia o mar,
um novo templo, um novo altar se enflora
e um novo deus expande-se no ar.

Mesmo nas sombras do soturno inverno,
na noite humida e só,
se reconhece a gestação do Eterno
e os deuses rompem do gelado pó.

Na solidão augusta das florestas,
das folhas no rumor,
existe um ecco das antigas festas
e a seiva espalha o seu caudal d'amor.

Os ribeiros, os troncos, as areias,
os limos da maré,
ouvem ainda o côro das sereias,
vêem passar o deus da sua fé.

No mais rude e somenos organismo
murmura a grande voz:
« Não morre, não morreu o paganismo,
na Natureza não ficamos sós! »

Nas tuas proprias lagrimas sombrias,
ó lastimoso Pan,
has-de vêr renascer todos os dias
a deusa da tristeza, tua irmã.

Eu conheço uma nova divindade,
filha da onda azul...
Ouvi-lhe o canto a respirar saudade,
ó sensuaes escravas d'Stambul!

Ó velho Pan, ó triste solitario,
não te lamentes mais,
acompanha este canto imaginario
na doce flauta a suspirar teus ais!

II

«Eu tinha um palacio d'ouro
no estreito de Dardanellos;
mysteriosos castellos,
onde abriguei meu amor.
Os delfins enamorados
e as sereias côr de prata
vinham dar-me serenata
nas noites de mais calor.

«Em noites de lua cheia
subia á tona dos mares
a ouvir mais perto os cantares
das minhas irmãs do céo.

E as estrellas pensativas,
douradas, harmoniosas,
deitavam luzentes rosas
sobre os lyrios do meu véo.

«D'entre as folhagens metallicas,
rendadas, luxuriantes,
vinham-me queixas d'amantes,
hymnos de mágoa sem fim.
Sois vós, ó aves dolentes?
sois vós, rouxinoes trahidos?
Ou sois então os gemidos
dos corações de marfim?

«Ramagens da côr do oceano,
flores feitas d'uma aurora,
dizei-me quem tanto chora?
d'onde é que vem tantos ais?
Ó musical Primavera,
principio alegre da vida,
és tu que jazes ferida
na sombra dos laranjaes?

«Ai! se és tu, ó minha amada,
vae findar toda a belleza;
tem rasão a natureza
de se carpir na viuvez.

Rosas, cahi para sempre
no seu perfumado leito;
ó lua, envolve-lhe o peito
na mais doce pallidez!

«Mas não, as dôres que aspiro
na corrente dos perfumes
são os doridos queixumes
das molles filhas do harem.
Queimaram a virgindade
na plumagem dos turbantes;
são sultanas, são amantes,
mas são escravas tambem.

«Desde então senti no Bosphoro
cahir as bagas do pranto,
e o tributo sacrosanto
perdia-se em todo o mar.
E o sultão voluptuoso
no seu harem não sabia
que era eu quem convertia
cada baga em nenuphar.

«E cada noite as estrellas
viam nascer fluctuantes
essas rosas soluçantes,
essas lagrimas d'amor.

E o festim continuava,
só o eunucho taciturno
via no goso nocturno
passar as sombras da dôr.

«Teci crystallina rêde,
n'ella prendi uma a uma
essas rosas como a espuma
reflectindo estrellas mil.
D'esse tapete de flores
fiz eu a ilha onde habito;
meu berço alegre e bemdito,
patria azul d'eterno abril.

«E desde então eu vagueio
pelos mares aziaticos,
e os céos perguntam-me extaticos:
«ó ilha errante, quem és?»
E eu respondo socegada,
n'um sorriso d'esperança:
«sou a nodoa da vingança
na crença dos Mahomets!»

VI

A MULHER DE CESAR

AO DOUTOR THOMAZ DE CARVALHO

I

«Meu pae envelheceu em prelios de gigantes.
Ao flammejar da espada, um côro de bacchantes
cantava-lhe uma hossana: o desgrenhado amor
beijava os pés tremente ao semi-deus terror.

Nasci ao fero som das marciaes trombetas;
não me embalou menino o canto das Julietas.
Foi-me patria a montanha, e berço meu curul
as selvas onde uivava o furioso sul.

*

Sou forte como a terra; o silvo das serpentes,
o grito dos chacaes, a quéda das torrentes,
os córos de delirio a revolver o mar,
tudo me disse — és grande! O filho do luar,
o filho da montanha, amou a tempestade
e tudo é bello e heroico em sua magestade!

Bem sei, o mundo é meu! Sinto-lhe estremecer
o coração de pedra; o ponto é eu querer,
e tudo se transforma e tudo se aquilata
pela vontade minha. É louca? é insensata?..
O rei é sempre rei; a sua embriaguez
é grande como o genio, inda é maior talvez!

Quem fez a noite e o sol? Quem fez a primavera
Quem pôz nos labios meus os labios da cratera?
Quem me queimou o sangue em fogo de volcão?
Quem disse — faz do peito um peito de leão?

Eu sou como David; eu tenho a grande sêde.
Ide ao campo inimigo, ide depressa, vêde
que sinto o proprio inferno em ondas a rugir!
Bebei em taças d'ouro as pérolas d'Ophir,
o vinho que inebria á hora do combate,
o vinho que se pisa em marmore escarlate,
o nectar consagrado aos deuses de metal,
bebei, emquanto eu bebo o pranto sensual,
emquanto no delirio eu vejo a mocidade
fugir-me como foge um sonho de saudade,

emquanto em meu olhar as aguias do Thabor
reflectem no seu vôo as sombras do pavor.

Ide, correi, é noite; ide ao fundo dos mares,
onde a sereia ostenta os lubricos bazares,
onde as nymphas de jaspe em flaccidos coxins
afagam com ternura as crinas dos delfins;
ide ao rio dormente, aos lagos crystallinos,
onde, á noite, ao luar, os banhos são divinos;
ide á floresta negra, aos fundos carvalhaes,
onde em virido toldo e leito de rosaes
o velho Pan sorri da Natureza nua,
e beija reflectido o doce alvor da lua.

Ide de serra em serra, ide de val em val
colher a flor que incense o thalamo real.
Perdei-vos no verdor das solitarias ilhas,
onde a terra se expande em floreas maravilhas,
onde a mulher enrosca aos seios virginaes
a cobra que annuncia os grandes vendavaes...

Fosse eu tambem serpente ou drago sibilante,
e a terra me negasse a appetecida amante,
havia de atroar as negras solidões,
enchêra de pavor a fauce dos leões,
havia de rugir na cholera dos ventos,
havia de insultar o mar, os elementos,
havia de torcer os troncos semi-nus,
e, erguendo o collo ao céo, devoraria a luz!

Ás vezes, ao passar da selva nos caminhos,
ouvindo apaixonado a musica dos ninhos,
vejo de tronco a tronco as trepadeiras mil
subir, descer, cruzar-se em confusão febril,
e, eguaes ao labyrintho, eu ergo os meus desejos,
queimados no calor d'imaginarios beijos.

Eu goso, dia e noite, o aroma dos harens,
eu tenho o meu rosal, meus lyrios e cecens,
mas quero um lyrio só, quero uma flor enorme,
que nos envolva a alma, emquanto o corpo dorme.
Eu tenho repartida a minha embriaguez;
quero sempre acordar na mesma flaccidez,
quero n'um só perfume as igneas ambrosias,
n'um unico sorriso as louras alegrias,
nos élos d'um só braço as veias represar,
d'um só cabello a alma, ó Venus, pendurar,
n'um só olhar celeste os sóes de mil fulgores,
n'um só botão de musgo o germen dos amores!

Umas são como a luz dos astros da manhã,
têm apenas no labio o fogo da romã,
demais, em todo o corpo, em todo o seu semblante,
ha como a piedade a provocar o amante.
Outras são como o sol brilhante que reluz
nos gelos do Himalaya; o seu olhar produz,
não sei que ignoto mar em corações audazes.
Umas são como deusa envolta em aureas gazes,

escondem no mysterio a flor da tentação;
outras são como deus, deixam cahir da mão
o raio que fulmina, o raio que nos mata,
quando se bebe a vida em corações de prata.

Umas são côr de lyrio e lyrio aberto já,
outras são neve e rosa, outras são rosa-chá;
algumas, da Ethiopia, egualam a tulipa,
ninguem, se acaso as beija, aos beijos se emancipa...
ó viboras, mordei, deixae-me o sangue a arder
em ondas de delicia, em ondas de prazer!

Algumas têm no labio os eccos da elegia,
são como os rouxinoes cantando ao fim do dia.
Que magica tristeza em sua etherea voz!..
Ouvil-as, julga a gente entrar n'um templo a sós
e receber do céo a inspiração divina.
Outras têm a palavra energica, argentina,
como que sahe da bôca o hymno dos heroes,
o hymno consagrado ao creador dos soes...
Mas eu não quero ouvir partido o meu poema,
eu quero uma só joia em todo o meu diadema,
não quero que minha alma ande a voar no pó...
Preciso concentrar n'um pensamento só
tudo o que houver formoso e fulgido e sereno...
a morrer por morrer, mate-me um só veneno!

Ide, correi, é noite, antes do novo sol
que eu sinta, em vez da fera, o meigo rouxinol!

Ide, correi, buscae; em toda a natureza
ha-de existir decerto um raio de belleza,
que um dia crystallise o pranto sensual.
Do templo ou da cabana, ou Venus ou vestal,
filha de nobre ou rei, filha de negro parea,
do solo a referver surja a mulher cesarea! »

II

Correram todo o imperio os aulicos, os nobres.
Tremeu o coração dos ricos e dos pobres!
Tremeu a mocidade, o mundo dos amantes!
As mães, ao oscular as filhas offegantes,
choravam o fulgor da sua formosura!..
Tornou-se a fealdade o premio da ventura!

Abriu-se em toda a parte a bôca d'um abysmo
cavado pela mão do negro despotismo.
O fogo da volupia, abraseando a terra,
enchia todo o val, subia até á serra;
na languida torrente ondeam as formosas
como na lympha errante as desfolhadas rosas.

Chegam de quando em quando á côrte as caravanas.
Trazem solto o cabello a modo de lianas
em ondas sobre o collo... esbelta galeria
de estatuas virginaes, formosas como o dia,

se vae desenrolando á vista famulenta
de quem em throno d'ouro os membros adormenta...
Desde a mimosa planta á fronte alabastrina,
tudo commove, enleva, endeusa e nos fascina.
Não se apaga um momento a luz das maravilhas.
Serão da terra escrava ou são acaso filhas
d'um astro que perdeu seu curso nos espaços,
deixando-as resvalar de seus enormes braços?

Mas elle, o imperador, que sente? que alvoroço
lhe faz estremecer o seio de colosso?
Não tem onde escolher em tanta primavera?
Já canta o rouxinol ou inda ruge a fera?

O pômo appetecido, o pômo saboroso,
se acaso o delicía, é momentaneo o goso.
Nenhum tem o sabor da tentação profunda!
Vae elle a entrar no banho e o banho não o inunda!

Ás vezes — caso extranho! — a perfumada orgia
prolonga-se uma noite; ao despontar do dia,
descontente de si, estupido, aborrido,
expelle de seu peito o lyrio confrangido,
e entrega o doce mimo — atroz munificencia! —
a quem melhor apague os beijos da innocencia.

III

A terra sacudiu seu avental de flores
e tudo se exhaurira. Os mil exploradores
não tinham encontrado em toda a natureza
aquella extranha, ardente, e feminil belleza,
aquelle raio azul que illuminasse a mente
do Cesar triumphal, soberbo, omnipotente!

Ai d'elle! em densa mágoa a fronte mergulhada,
feria-o cruelmente a luz da madrugada.
Na onda a refulgir tudo passou risonho;
só não desabrochou a aurora do seu sonho,
só elle entristecido ao ver que a sua ideia
ficára esteril, secca e nua como a areia
queimada do simum! E a dôr a devoral-o!
e o desejo a crescer — indomito cavallo!
e a musica plangente, em seus harens faustosos,
a provocar de noite a sêde de mais gosos!

Por fim alguem lhe disse — « Eu sou a tua escrava;
sê tu o meu volcão, serei a tua lava!
Subamos hombro a hombro aos astros opulentos,
ao sol offertarei os nossos pensamentos...
Não temas abrazar-te: eu sou o refrigerio!
Quem sou eu? D'onde vim? Perguntas um mysterio.

Ninguem me revelou a luz da minha origem:
sou filha do silencio e filha da vertigem.
Arranca-me do corpo o véo que me enclausura,
e deixa-te cegar na minha formosura.
Eu sinto que me escalda o fogo da belleza,
dissipa em meu olhar a noite da tristeza.
Tu és o grande abysmo e eu julgo-me nascida,
na minha pequenez, para te encher de vida.

Repara bem, repara! O teu melhor artista
não lavra em teu collar mais fulgida amethysta.
Manda arrancar do jaspe um seio palpitante
como este, em que virás morrer, ó meu amante!
E os meus braços, senhor! que o teu estatuario
esmague o seu modelo. Entrei no sanctuario
e as deusas de marfim tremeram na roupagem
ao verem-me ondulante a seductora imagem.

Eu sou como o oceano, eu sou como a floresta;
eu tenho a tempestade e as musicas da festa.
Tenho na mão de neve os trémulos carinhos,
como em florído tronco os mais mimosos ninhos,
mas esta mão tambem, abrindo-se tremente,
póde deixar cahir a lamina, a serpente,
o veneno, o punhal. Meus olhos dizem tudo!
Queres-me triste? humilde? Eu sou como o veludo,
que fórra o palanquim dos dias principescos.
A minha phantasia é cheia de arabescos.

Meus sonhos, ao voar, espalham no seu rasto
aroma que enlanguesce o coração mais casto.

A nuvem que me envolve é como um instrumento
vibrando harmonioso ao mais ligeiro vento.
Eu sinto dentro em mim a onda que extasia,
atira-te á corrente, afoga-te em poesia...
Eu sou todo o poema, o idylio e mais o drama...
Venha morrer-me ao seio o seio que não ama!»

IV

Sentiu-se allucinado e trémulo d'amor
o satyro real, o grande imperador.
Ouvia ardente e viva, em mellicos sorrisos,
a voz que lhe fallava, á noite, em paraizos.
Bastava levantar as sedas d'esse véo,
e tinha sob a renda o desejado céo.
Ergueu-a!.. a seducção—inebriante aroma—
brincava nos anneis da luminosa côma
e dava um outro véo aos hombros de crystal.

«És tu, anjo do bem? És tu, anjo do mal?
Que importa! exclamou elle, eu quero o meu resgate...
tu trázel-o a pender da bôca d'escarlate.
Sê pois a minha estrella; eu sigo, como vês,
um vulto que se esvae em triste pallidez.

Já basta andar errante, andar como um bandido,
tremer a cada passo ao mais subtil gemido,
erguer a mêdo a fronte, a fronte dos laureis,
a fronte que domou a cholera dos reis!

Poetas, celebrae o esplendido noivado,
cantae em derredor do thalamo sagrado!
Que os filhos da nobreza escolham os rubins
que devem estrellar seus aureos camarins!
De joias adornae seu lucido turbante;
que pague esse tributo o mar altisonante!
Que seja a terra um templo e tenha um só altar,
d'onde possa, adorada, a terra dominar!
Para onde quer que vá, que em todo o seu ambiente
respire com delicia aromas do Oriente.
Que quando ella descer ás moutas do jardim
encontre preparada a rêde de setim.
Que o pagem mais gentil com frouxidão a emballe...
Ninguem perturbe a sésta ao lyrio do convalle!

Que a sua sombra imprima egual veneração
áquella que o seu rosto inspira ao coração.
Que puxem o seu carro os braços das formosas,
que estendam a seus pés as tranças luminosas,
e que eu, pisando assim o flaccido matiz,
proclame, erguendo ao collo, a minha imperatriz!»

V

Passára longo tempo e á mesa esponsalicia
corria em ondas d'ouro o vinho da delicia...
Qual cysne que formou seu leito de ventura
em ilha solitaria, em ramaria escura,
e bebe d'entre o musgo—asceta dos amores—
o orvalho que distilla o calice das flores,
assim o imperador tambem formou seu ninho
nas pòmas divinaes. Não quer sahir do arminho,
não quer outros coxins, não quer outra ottomana.
Quem é que dita a lei? Os olhos da sultana!
Ella é como o Coran: da bôca purpurina
toda a phrase que sahe, é phrase que domina!

Certo dia disse elle:—Eu vou para a caçada.
Não quero que te inveje a luz da madrugada.
Ó minha esbelta amada, ó urna, onde o poeta
podéra saciar a phantasia inquieta,
ó balsamo que sara a dôr da consciencia,
ó rosa de crystal, não chores minha ausencia,
ó iman amoroso, eu voltarei em breve
para oscular de novo a tua mão de neve!

Partiu para a floresta: em todo aquelle dia
nem um só javali desceu da serrania.

Quando a noite cahiu, formou-se o acampamento
ao trémulo clarão do baço firmamento.
E o Cesar cada vez mais cheio de saudade!..
«Não armem minha tenda! eu volto p'ra cidade,
quem tem alli a alma, alli é que descança
em braços de ventura, em seios de bonança!»

Chegou: era alta noite: o seu harem estava
silencioso e triste, imagem d'uma escrava,
que teme do senhor. Entrou: nas longas salas
murmuram na indolencia as seductoras galas.
Ninguem lhe levantou os aureos reposteiros,
ninguem a recebel-o: os eccos mais ligeiros
tremem aos passos seus. Entrou nos aposentos
e a voz da meiga esposa é muda aos seus accentos.
Começa de tremer-lhe o suspeitoso peito,
confrange a sua ira, abeira-se do leito,
e vê-a adormecida ao lado d'um lacaio!..

. . . .

Fulmine-os todos tres a luz do mesmo raio!

VII

O CHRISTO DA INQUISIÇÃO

A CLAUDIO JOSÉ NUNES

Era frade e pintor. Em sua vasta cella
extatico admirava a derradeira tela,
embebecido o olhar na côr dos seus pinceis,
afeitos a estampar a devoção dos reis,
os martyres da fé, as maceradas freiras,
os monges assoprando á cinza das fogueiras,
onde ás vezes ardia o sangue dos judeus,
—incenso glorioso e digno só de Deus!

Havia em todo o quadro a negra formosura
dos sonhos, das visões da pallida clausura;
uma alma de gigante, um coração de Anteu,
um Fausto monachal decerto o concebeu.

Era um soberbo Christo, uma cabeça altiva,
morta no morto olhar, mas d'expressão tão viva,
que no marfim da bôca ouvia-se passar
a voz que enchia á noite as solidões do mar.

Não era um Christo meigo, o Christo das crianças,
um rosto de saudade, um riso d'esperanças,
o deus, que tem nas mãos a curva de dois céos;
era o duro juiz aniquilando os réos,
era a visão dos reis em dias de batalha,
o deus que implanta a fé ás vozes da metralha,
que vive do esplendor dos raios do Sinai,
que morre sem dizer—perdôo; perdoae!

Era o Christo que vê do cimo da bandeira
formar de carne humana as achas da fogueira.

Vinha descendo a noite; havia pouca luz
e o frade contemplava o tétrico Jesus.
De repente—oh milagre!—um dos sangrentos braços
despregou-se da cruz e ouviu-se nos espaços
um latego ferindo o rosto monachal.
Ao bofetão de Deus, o claustro sepulchral

estremeceu. Depois ouviu-se um brado austero;
a voz que condemnou os colisseus de Nero,
a voz que perdoou á Magdalena — flor,
que um dia perfumou o Golgotha d'amor.

Dizia a voz do Eterno alli representado
no Cordeiro fiel, no Filho immaculado:

«Não devo inda outra vez sacrificar-me — não!
Não me ha-de ser algoz a santa Inquisição!
Não profanes assim, pintor, a tua arte!
Não posso ser emblema ao horrido estandarte,
a cuja sombra infame, infames como tu
martyrisam sem mágoa o corpo inerme e nú
das victimas da fé...

Lançae ao precipicio,
ó histriões de Deus, o vosso *Santo Officio*,
e nunca me arranqueis das velhas cathedraes
para vir presidir aos vossos tribunaes,
nem me lanceis ao hombro as tunicas brilhantes
para vir applaudir os dramas lancinantes,
como se fôra um Deus armado de punhal
ou como a fera-rei da jaula Escurial.

Ah! eu não posso ser o Christo de Hildebrando!
Eu sou o Nazareno, o casto, o meigo, o brando,
eu sou a dôr de Job e as lagrimas d'Esther,
as lagrimas do céo n'um peito de mulher,

*

a benção que serena a grande tempestade.
O meu ceruleo nome é feito de piedade,
meu corpo de paciencia, o meu olhar de luz,
eu transformei a morte e transformei a cruz!

Ah! eu não posso ser o Christo carcereiro,
o Christo que redime as almas a dinheiro,
o piedoso algoz que aos moribundos dá
o mais subtil veneno occulto no maná,
o Christo que reclina a fronte ensanguentada
no torpe coração do infame Torquemada,
que santifica a mão que rasga a cicatriz,
e o punhal Ravaillac envolto em flor de líz,
e a perfida dobrez do santo Luiz XI,
e os papas marciaes feitos de ferro e bronze,
e os Borgias sem pudor, manes de Balthazar,
bebendo o seu prazer nos calices do altar!

Não posso ser o Christo, olympico, tyranno,
esse Christo Stentor do excelso Vaticano,
o Christo que moldura o ferro das prisões,
o Christo que fulmina eternas maldições,
o Christo da vingança, o Christo dos *in-pace!*»

. . . .

E o artista sentiu arder-lhe a outra face!

VIII

O BANQUETE DOS DEUSES

A J. D. DE OLIVEIRA JUNIOR

Evohé! evohé! O firmamento
era todo suave melodia,
era um mar de prazer em movimento.

Quando Venus o cinto desprendia,
quando mostrava os seios palpitantes,
rescendendo finissima ambrosia,

todos então saudavam delirantes
essa filha da vaga gemedora,
a formosura que os fazia amantes.

«Evohé! evohé! Ó tentadora,
«tu que vences na alvura as mais formosas,
«sempre bella, apesar de peccadora,

«permitte que o licor das frescas rosas,
«no jardim das Hesperides colhidas,
«te perfume essas tranças preciosas.

«Vê como em ti concentras nossas vidas!..
«Teu collo é como um templo luminoso,
«onde as pombas se acolhem doloridas!

«Quando soltas o manto vaporoso,
«descem teus raios ao soturno Averno,
«e o mundo acordas embalado em goso.

«Evohé! evohé! O meu phalerno
«é para ti, que sorridente passas,
«ó prazer novo no prazer eterno!

«Embriaga-te, irmã das doces Graças,
«embriaga-te, ó mãe dos nús amores,
«ao crystallino retimtim das taças!»

Assim dizia Baccho, entre os ardores
do solemne festim, embriagado
no perfume dos vinhos e das flores.

Marte acudiu ao brinde alvoroçado,
mas, esgotando a taça, ia bebendo
o ciume que o faz desesperado.

Venus que o via pallido, tremendo,
encheu-lhe o coração de confiança,
como quem vae a pedra amollecendo.

Disse elle então, brandindo a dura lança,
«— Eu tenho no meu seio a heroicidade,
«eu levo a morte, onde o meu braço alcança.

«Eu tenho no meu sangue a mocidade;
«a minha voz, no meio do combate,
«chega a fazer tremer uma cidade.

«A minha espada é como um raio, abate
«as legiões impavidas; o solo
«fica sempre tingido d'escarlate.

«Canta-me, pois, eloquente Apollo;
«ó Orpheu d'este olympico banquete,
«onda de luz que vaes de polo a polo.

«A teus pés arremesso o capacete,
«como dama que aos pés da divindade
«vem depôr os rubis do bracelete.

«Vê-te no meu escudo: a magestade
«das épicas façanhas se revela
«n'esta quasi infinita variedade.

«Eia, Homero, que Illiada tão bella!
«que grandiloqua serie de poemas,
«a desenhar-se no esplendor da tela!

«—Nunca! Marte, recolhe as tuas gêmas:
«eu nunca venderei a minha lyra,
«a troco de brilhantes diademas.

«Bem vês, a minha musa não delira
«n'essas cruentas bacchanaes da guerra;
«sobre as rosas dos tumulos suspira.

«O que ella tem lá dentro, o que ella encerra,
«a minha branda cythara plangente,
«é um perfume que não ha na terra,

«nem no céo, nem no enxame refulgente
«das estrellas que bordam meu caminho,
«nem no fundo do mar sonoro e ingente.

«Eu não desejo a viuvez do ninho,
«nem quero ver que o cysne moribundo
«leve ensopado em sangue o seu arminho.

«Quando eu de luz e de calor inundo
«a terra loirejante das cearas,
«tudo são hymnos no prazer do mundo!

«Não queimarei incenso em tuas aras:
«se eu te votára a cythara cadente,
«no sangue dos heroes a maculáras!

«Eu cantarei na inspiração fremente,
«Aquelle, cuja fronte geradora
«produziu a sciencia omnipotente.

«Elle é Deus, Elle é Pae, se assim não fôra
«o raio de Vulcano queimaria
«a sua mão mimosa e protectora.

«Jupiter tutelar, quem me diria
«que nos aureos festins do paraiso
«te faltassem os raios da alegria?!

«D'onde vem a tristeza que diviso?
«Nem o calor do nectar opalino
«desabrocha em teus labios um sorriso!

«Tu não tens que tremer do teu destino,
«giram comtigo os orbes do futuro;
«tudo obedece ao teu querer divino!

«Porque baixas o olhar sereno e puro
«á filha do teu Genesis dilecta,
«á Terra envolta no seu manto escuro?

«Não temas confiar-te d'um poeta...
«Descobre-me essa mágoa, esse mysterio,
«que tanto te acabrunha e te inquieta.

«Bem sei eu que as saudades têm imperio
«tanto nos peitos frageis e humanos
«como n'um coração todo sidereo.

«Penetrei, descobri os teus arcanos:
«teu inquieto espirito vagueia,
«como a espuma que cobre os oceanos.

«Sobem de quando em quando á tua idéa
«aquellas ruidosas aventuras,
«em que sorriu mais d'uma Galathéa.

«Quantas, ó Deus, oh! quantas formosuras,
«quantas cabeças scintillantes d'oiro,
«acarinhaste em languidas ternuras!

«Era a terra um vergel, era um thesoiro...
«Umas vezes, qual cysne mavioso,
«e outras inda, imaginario toiro,

«has sorvido, o licor de todo o goso!..
«Tu, Deus, inda mais Deus te imaginaste
«n'esse sonhar febril, voluptuoso!

«Hoje o lyrio pendeu na sua haste...
« Debalde n'essa lyra inda dedilhas,
« se as cordas uma a uma lhe quebraste!

«Hoje a terra não tem as maravilhas:
«a minha luz apenas alumia
«a triste pallidez das suas filhas.

«Aquelle harem de divinal magia
«abriu as suas portas marchetadas
«á turba que em redor se revolvia.

«Já se não podem escolher as fadas,
«as virgens do sorriso d'innocencia,
«para os thóros celestes destinadas.

« E quando inda existira essa opulencia,
«um qualquer D. Juan te provaria
«que vae além da tua experiencia.

«Ó Deus, não desesperes, todavia!
«Novos mundos de goso embryonario
«hão-de surgir esplendidos um dia!

«Olha em roda de ti! O estatuario
«ha-de animar da chamma sacrosanta
«o seu museu inerte e solitario!

« Em cada sol, que a vista nos encanta,
« a vida nova, em nova primavera,
« n'um turbilhão purpureo se levanta!

« Tu terás um banquete em cada esphera,
« tu terás o noivado do infinito,
« em cada mundo um templo de Cythera.

« Fita, Senhor, os olhos onde eu fito,
« e verás que, entre as massas luminosas,
« a Terra era um mesquinho aerolitho.

«Com a cabeça engrinaldada em rosas,
« percorrerás, como insoffrido amante,
« uma a uma as immensas Nebulosas.

« Qual cometa de nucleo coruscante,
« has-de fazer tremer os seios lassos
« no fogo de teu rosto deslumbrante.

« Depois de percorridos os espaços,
« quando voltes ao throno das auroras,
« cançado emfim de beijos e d'abraços,

« coração de gigante que não choras,
« como chuva de fogo, hão-de banhar-te
« do pudor santo as lagrimas sonoras! »

Assim cantára Apollo. O proprio Marte,
chéio d'enthusiasmo, obedecia
áquelle influxo divinal da Arte.

E o prazer borbulhava! Estremecia
todo o azul dos ethereos pavimentos
n'esse crescente delirar da orgia!

Cambaleando, os deuses vinolentos
abraçavam-se ás deusas fatigadas,
e dormiam nos seios opulentos.

Mas no emtanto, nas sombras condemnadas,
ouvia-se um ruido ensurdescente,
a musica febril das gargalhadas.

Era um cantico audaz, voz inclemente,
era um hymno de guerras implacaveis,
um grito de vingança omnipotente.

Eram filhos da terra, miseraveis,
que sahiam das lobregas ruinas,
sem ter do lar os gosos ineffaveis.

Tinham no rosto a escuridão das minas,
sorriam ferozmente, como escravos
pisados pelas duras Messalinas.

Vertiam sangue as mãos, como se os cravos
lh'as tivessem varado, n'um calvario,
em frente de juizes, vís, ignavos!

Cada qual vinha envolto n'um sudario:
eram mumias sahidas da caverna,
era a raça maldita, O PROLETARIO!

Tinham na fronte escripta a raiva interna;
sabiam que era a divida tremenda,
pediam contas da injustiça eterna.

Tinham rasgado emfim a crua venda!
Quem é que os ensinava, todavia?
Quem lhes marcava a luminosa senda?

Vinham da noite, a noite os envolvia...
Cada bôca trazia a sua ameaça,
e a blasphemia cruel assim dizia:

« — Desafio de raça para raça!..
« Somos a onda immensa de dous mares,
« os mares da vergonha e da desgraça.

« Haveis descido, ó deuses, dos altares
« para encher de luxuria o peito humano,
« para vir profanar os nossos lares.

« Haveis queimado em vosso ardor insano
« o que havia de timida candura,
« ó corações de sangue de tyranno.

« Haveis lançado á terra a desventura,
« ensinastes ás virgens mais modestas
« a desfazer o véo da formosura.

« E nós que atravessamos as florestas
« atraz do vil destino da existencia,
« á luz da aurora annunciando festas,

« encontramos o sangue da innocencia
« manchando as grandes folhas do arvoredo,
« dando ao sólo uma rubra florescencia.

« E quando a aurora amanheceu mais cêdo,
« ao vêr nossas irmãs quasi choramos,
« e ao fitar nossas mães tivemos mêdo.

« É por isso que nós vos odeiamos
« e erguemos o machado parricida
« para cortar-vos, venenosos ramos.

« Nós vos fizemos, deuses, a guarida
« do que havia de puro em cada gruta,
« do que havia de nobre em nossa vida.

« E vós, na grande festa dissoluta,
« com o prestigio dos amores divinos,
« creastes na familia a prostituta.

« Por isso é que jogamos os destinos...
« Deu-nos a dôr um braço de gigante...
« Derrubemos os deuses libertinos! »

Assim rugiu o côro altisonante,
mais forte e procelloso de que o vento
— côro do inferno ao receber o Dante.

Ouviu-se estremecer o firmamento,
e, ao sinistro clarão da tempestade,
ficou senhor do eterno o Pensamento,
e throno d'esse deus — a Liberdade.

IX

O PERDÃO DE SATANAZ

A JOAQUIM THEOTONIO DA SILVA

I

Era junto do mar; as vagas e os rochedos
diziam entre si mysterios e segredos.
Na praia humedecida, um gigantesco vulto,
como um cetaceo enorme, immobil, insepulto,
jazia derrubado. O somno do cansaço
havia-lhe abatido os longos membros d'aço.
Alta noite, porém, por entre a nevoa espessa
ergueu a pouco e pouco a rutila cabeça.

Na vasta cabelleira, em turbilhões luzentes,
vieram-se enlaçar as caudas das serpentes.
Nos olhos como lava, altivos, iracundos,
havia a luz talvez dos apagados mundos,
havia o crepitar da maldição primeira.
D'aquelles soes do mal fizera-se a fogueira
catholica, sinistra, aonde o Vaticano
queimára com prazer a pelle d'um lutherano.

Ergueu-se, ergueu-se; assim decerto se ergueria
a materia ao formar a creação sombria.
Lançou em derredor o seu olhar tyranno,
interrogou o vento, as rochas, o oceano,
os astros que elle amou no antigo amor fraterno,
a noite, que possue a côr do seu inferno,
da solidão austera os perfidos rumores,
a lua sem amante, as nuvens sem fulgores,
e tudo o contemplava indifferentemente
como se fôra um sêr brutal, inconsciente,
como se elle estivesse inteiramente fóra
da noite, ó grande abysmo, onde se cria a aurora,
como se os céos, o mar, emfim, a natureza,
julgassem vêr alli a unica impureza
de toda a creação — molecula nojenta,
que não se lavaria em mares de agua benta.

E todavia elle era o semi-deus gerado
no ventre da malicia, o archanjo do peccado.

Enchêra outr'ora os céos, azues e transparentes,
das nodoas do seu mal, da raiva de seus dentes;
fizera conspirar o cahos ignorante
contra a soberania eterna, deslumbrante;
chamára a desafio a propria omnipotencia;
invejoso de Deus, irado da innocencia,
tomou nas mãos o fogo e imaginou que a chamma
seria a espada augusta, o gladio que derrama
em pó, por sobre a terra, a flôr da divindade;
seria a luz queimando a propria claridade!
O fogo era, porém, o seu maior tormento,
não lhe queimava as mãos, queimava o pensamento.
Era a condemnação entrando-lhe nas veias...
Cada faisca nova um peso de cadeias!
E elle luctou, luctou; na fronte o olhar divino
marcou-lhe para sempre o seu cruel destino...
Cahiram juntamente as hostes rebelladas,
famintas, devorando as laminas vergadas;
malditas do Senhor, encheram todo o abysmo,
louvando a Satanaz — o deus do antagonismo!

E é elle quem se prostra agora de joelhos
e em prantos humedece os olhos já vermelhos
de tanto se carpir:

II

—«Senhor, Senhor, exclama,
ó Baobab do céo, abriga a esteril rama,
colosso de bondade, espelho da grandeza,
concentração do amor, do bem e da belleza,
torrente impetuosa, onde pullula a vida,
existencia em si propria armada e concebida,
universo que encerra os outros universos,
olhos, em cuja luz vejo nadar submersos
os anjos meus irmãos, risonhos e felizes,
attende-me, Senhor! decepa-me as raizes!..
Sou tronco sem vigor, não sei porque estou prezo,
cheio de podridão, coberto de desprezo,
sem flôr, sem rouxinoes, na esqualida folhagem,
maldito em toda a bôca e em toda a linguagem!..
Filho da natureza, a natureza expelle
o réprobo primeiro, a venenosa pelle
da serpente do mal!.. A morte que consola
negou-me a sua mão, negou-me a sua esmola;
temeu despedaçar esta immortalidade
feita de inveja e odio, aborto da maldade.

«Porque? Porque pequei? Sahiu da consciencia
o grito que atirei á tua omnisciencia?

Corrente ambiciosa, onda do orgulho insano,
deixei de obedecer ás leis do teu oceano?
Fui eu quem perturbei a regularidade
do immutavel farol chamado eternidade?
Porque? pergunto eu: porque senti tão fundo
o primeiro desgosto a soluçar do mundo,
a primeira agonia a rebellar-se altiva,
o primeiro estertor da creação captiva,
a primeira ameaça, insolita, gigante,
do mal a germinar, titubiando infante?

« Sei que era bello e grande, e em todo o firmamento
em nuvens de fulgor nadava o pensamento;
o bem era o meu leito, o sol era o meu guia,
seguiam-me, ao voar, as auras da harmonia,
das azas côr da aurora, infindas, transparentes,
cahiam os anneis dos astros sorridentes;
as mil constellações formavam meu diadema,
na minha bôca havia os cantos d'um poema;
em tudo o resplendor da eterna formosura,
e todavia eu disse: — « onde estás tu, ventura?
onde é que hei-de beber-te, ó fonte da alegria? »
Uma grandeza assim cançava-me, opprimia
o seio palpitante, o espirito altaneiro;
queria viajar, intrepido romeiro,
vêr novas seducções, vêr novos panoramas,
queimar-me ou aquecer-me em variadas chammas,
perder-me no imprevisto, entrar pelas devezas,
colher em cada tronco a rosa das surprezas;

achar em cada mundo um mundo de paisagens,
apagar de repente as lucidas imagens,
lançal-as outra vez aos ventos creadores;
morrer e renascer no fogo dos amores!

«Fui eu quem descobri primeiro, no meu peito,
na vida o dissabor, a sombra do defeito.
Na tua creação, soberba, grandiosa,
faltava alguma coisa, essencial, preciosa,
faltava o movimento... A infinda beatitude
não póde ser um bem, não póde ser virtude;
na extrema adoração, no eterno mysticismo,
não ha as seducções que existem n'um abysmo.
É só no movimento, é só na variedade,
que póde residir vital felicidade.

«Ah! podésse eu, dizia, expôr o meu systema,
em factos resolver o meu ideal problema,
traduzir o que sinto a arder imaginario,
dilatar o meu peito, esplendido sacrario,
encher a vastidão, silenciosa e pura,
tornar-me em esculptor de cada creatura,
e a cada creatura abrir um paraiso;
a lei das attracções formal-a n'um sorriso;
encher o mar e o céo, os ventos e as cavernas,
das côres mais azues, das musicas mais ternas;
abrir de instante a instante o cofre dos encantos
e ouvir a creação agradecida em cantos,

e lêr no casto sol, como em fulmineo muro,
em lettras côr do céo, a historia do futuro!..

«Ah! podésse eu, dizia, e os élos da existencia,
formados do metal mais puro da innocencia,
haviam de brilhar, cadeia immensuravel,
em derredor de ti, ó Deus, potente e affavel!
A vida existiria em tudo auri-luzente,
o átomo seria um sêr completo, ingente.
Uma alma universal, partida em bocadinhos,
cahira, como anil em chuva, sobre os ninhos,
das rochas na aridez, nos montes altaneiros,
nas rosas a florir, nos prados, nos ribeiros,
no mastodonte hostil, no humilde entozoario,
no seio dos reptis, no mundo planetario,
e tudo sentiria a aveludar-lhe a face
a mão do Creador que a creatura amasse!

«Repara! A vida assim que bella não seria,
cheia de turbilhões e cheia de harmonia,
sem nunca se cançar na orbita incessante,
constante no gosar, nos modos inconstante,
conforme no seu fim, e sempre variada,
ora luz, ora som; agora madrugada,
mais tarde scintillar de fogos vespertinos,
ora voz da torrente, ora suaves hymnos,
a lucta pelo espaço, o espaço sempre ameno,
os anjos sem tristeza e Deus sempre sereno!

«Em tudo uma alma egual intrepida existira,
nos dentes do leão, nas cordas d'uma lyra,
nas pombas a arrulhar, nas garras da panthera.
Em tudo a mocidade, em tudo a primavera!
Não fôra necessaria a lei da decadencia
para se transformar em nova a velha essencia.
Em tudo existiria a consciencia innata,
nas tranças côr do sol, nos seios côr de prata,
nas vagas côr do azul, no azul do firmamento.
A vida não seria um aniquilamento.
Na vasta successão, indefinida, etherea,
não perdêra memoria a racional materia.
Os átomos subtís teriam na lembrança
gravada a sua vida, estrella da esperança,
e cada qual diria: — eu hontem fui a aurora,
já fui pranto gentil que a natureza chora,
já fui o azul do lyrio, o branco da camelia,
já fui a bôca amante, a que beijou Ophelia,
fui fogo nos rubins, ouro nas borboletas,
fui nucleo chammejante em roda dos cometas,
no leite maternal fui gôta assucarada,
fui na criança ingenua a fronte assetinada,
nos astros fui a luz, nos anjos a bondade,
e em Deus hei-de ser sempre á sua divindade!

«Vê tu! este o volcão que tanto me escaldava!
Não pude, emfim, conter em seu delirio a lava,
não pude supportar o pezo das cadeias,
mais tempo reprimir o choque das ideias.

Custava-me assistir ao desabar medonho
do meu formoso ideal, do meu dourado sonho,
e, como a natureza austera sonegasse
o poder creador ao sol da minha face,
no desespero audaz da minha phantasia
julguei que o teu poder só era tyrannia,
que a tua intelligencia absorvia insana
o espirito do mundo, a intelligencia humana,
o eterno labutar dos anjos pensadores —
sol que não deixa abrir as purpurinas flores,
rochedo que esmagou as frontes luminosas,
cometa que queimou as aguias alterosas.
Então eu perturbei teus doces pensamentos,
iracundo açulei a voz dos elementos,
fiz gemer minha raiva em teus ouvidos castos,
disse á revolução: — basta de andar de rastos!
transformei em orgulho a vil passividade,
a humilde submissão era uma indignidade,
e, como os animaes que rabidos se mordem,
fui eu o inspirador da trémula desordem...
Perdão, Senhor, perdão! Bem sei que sou um ente
que merece viver anonymo, inconsciente,
estupido, brutal, inhospito, asqueroso,
sem resplendor do bem, sem resplendor do goso!
Fulmina-me, Senhor! mas que o teu raio eterno
me prostre d'uma vez na escuridão do inferno!»

III

Calou-se Satanaz, como que tendo medo
do silencio mortal dos lichens do rochedo,
imaginando ouvir nas vagas mais sombrias
um grito de sarcasmo, um riso d'ironias,
receando talvez que toda a natureza
lhe estivesse escutando o grito de fraqueza,
a triste confissão do seu peccado antigo...
E no mar e no céo já via um inimigo,
e a sombra do seu crime, erguendo-se altaneira,
como que lhe arrancava a rubra cabelleira.

Mas tudo era silencio; o mar, o céo e o vento
ouviram com tristeza esse voraz lamento;
sabiam que o perdão cahido sobre o expulso
tambem lhes quebraria a algema do seu pulso.

Passou-se longo espaço, e Satanaz, já certo
de que tudo era sombra e tudo era deserto,
levantou novamente a fronte envelhecida,
supplicando perdão ao Arbitro da vida.

IV

« Senhor, proseguiu elle, esplende em toda a graça
ao martyr da miseria, ao filho da desgraça!
Quando cahi na terra, imaginei que tudo
me viria apanhar o manto de veludo;
que a minha amaldiçoada e vil celebridade
me daria direito á gloria, á magestade;
que tudo o que ha de ingrato e d'invejoso e rude,
que tudo o que é veneno á candida virtude,
que as morbidas paixões, sonoras, elegantes,
que os vicios a brotar do seio das amantes,
que os vicios a beber á porta das tabernas,
que as mil devassidões antigas e modernas,
me haviam de queimar no fogo de seus beijos,
me dariam um throno e lucidos cortejos,
me fariam o deus mais grato á sua imagem,
sacrilego, mordaz, titanico, selvagem!

« Achei-me só, porém; os crimes mais discretos
sorriam-me com medo, olhavam-me inquietos,
queriam ser tambem uns deuses nos altares,
não queriam servir-me e ser familiares;
tinham o seu orgulho, agreste, vinolento,
— malditos como eu, sem ter no pensamento
a chamma que levanta, a chamma que despenha;
vasios como o ar e brutos como a penha.

«Então busquei em mim a indomita coragem,
desesperado, louco, ancioso de carnagem.
Enchia-me os pulmões o grito dos horrores,
e á dôr correspondi abrindo novas dores.

«Ávante! Desalento, esconde-te no abysmo!
Eu sou a negação, eu sou o despotismo:
hei-de negar na terra o que neguei no espaço.
O que sinto na fronte ha-de vencel-o o braço.
Ha-de fazer-me grande esta impureza ardente...
O mal vae começar a ter o seu Oriente!

«E comecei então a lucta verdadeira!
Como quem lança a arder um oleo na caveira
e o oleo se derrama atravessando as fendas,
assim eu derramei o fogo das contendas
no craneo do universo. A gula do peccado
enchia de prazer meu ventre condemnado.
Queria demonstrar quanta felicidade
contém em seu perfume a flor carnalidade,
o quanto ha de sabor no fructo da malicia,
o quanto o meu inferno é cheio de delicia.

«Eu via em ti, Senhor, como um centauro ingente:
tu a fronte pensante, eu a cauda inclemente;
tu a divina essencia, eu a materia impura,
a mancha que cahiu na tua formosura.
Pois bem! eu só queria a mancha dilatada.
Tu inundando em luz a rosea madrugada

e eu a cobrir de sombra o livro do destino,
banhando na luxuria, amavel libertino,
os frageis corações das crystallinas Evas!
Queria-te arrastar ao lar das minhas trevas,
pôr um giganteo medo em tua consciencia,
a duvida fatal na tua omnisciencia,
dar-te a beber risonho em taça colorida
o desespero atroz de toda a minha vida.

«Senti-me renascer no meio da vertigem;
tinha esquecido o céo, tinha esquecido a origem
da minha grande mágoa; apenas devorante
o instincto vingador me dava impulso;—ávante!

«Vingar-me era um prazer athletico, inaudito.
Tornei-me accusador, tu eras o delicto;
fiz a Babel do crime, ergui-me sobre ella,
saboreei contente os raios da procella:
a soberba era um sol, a culpa uma harmonia;
dei azas colossaes á minha fantazia
e tudo apresentou phenomenaes aspectos.
Eu era como a flor abrindo sob os fetos;
era a potencia occulta a dominar a vida.
Puz mascara de Fausto, e a bella Margarida,
o symbolo gentil do amor e da ternura,
exhalou para sempre o aroma da candura.
Meu riso era um punhal, brilhante como a aurora,
deixava o seu veneno onde o prazer se enflora.

Entrei cantando e rindo, em toda a mocidade,
no humano coração cheio de virgindade;
depois o que cantei foi a canção do crime.
Fiz d'elle quanto quiz, dobrei-o como o vime...
a blasphemia, a raiva a arder na bôca humana,
era a minha blasphemia indomita, tyranna.

« Fui o licor da noite, o vinho da impureza
na bôca popular, na bôca da realeza;
a sombra que assassina em leitos de mysterio,
nos seios de rainha eu fui o adulterio,
no coração dos reis a lei da tyrannia;
a tudo fascinei no brilho d'uma orgia,
a todos attrahi n'um circulo funesto.
Nos braços sensuaes dos Papas fui o incesto.
Fui eu quem extrahi das bacchanaes da Grecia,
das saturnaes de Roma, os philtros de Lucrecia.
Fui eu quem fiz saltar como um reptil a inveja,
fui eu a tentação da jejuada egreja.
Como o vento que dobra o louro das searas,
assim tambem dobrei os sceptros e as thearas.
A propria Theologia, a macerada asceta,
me incensou como deus e me julgou propheta!

« E todavia, ó Deus, achei-me descontente!..
Eu sempre a avolumar as aguas da corrente
e a corrente mesquinha e sempre escuro o leito
e a mesma anciedade a devorar-me o peito!

Vê que consolação tirei do mal odiento!
O meu poder é sombra, ergueu-se de momento,
mas depressa cahiu. O crime ajunto ao crime,
mas dentro de meu peito uma potencia opprime
o sangue gerador da hediondez ignava...
O bem é sempre livre, a malvadez escrava.
Eu vivo a devorar o mal que eu proprio gero.
Quem foi Caim? Sómente o antecessor de Nero.
O mal nunca progride; está na sua infancia.
Póde chamar-se crime? Apenas ignorancia!
O parricida é sempre o mesmo parricida...
Altera-se a sciencia e não se altera a vida!

«Foi louco o meu orgulho; eu a suppôr que o mundo
na minha podridão se tornaria immundo,
que tu, ó grande Deus, serias empestado,
que a minha insensatez seria o teu peccado,
que poderia emfim, na mente pervertida,
fazer regenerar a minha e a tua vida,
a vida universal. Tu arrancaste ao nada
o azul do firmamento, a luz da madrugada;
pois bem, eu transformára as sombras criminosas
em brancas legiões, immensas, luminosas,
e, emancipado emfim do tragador averno,
daria no teu rosto um osculo fraterno.

«Mas vês! o meu orgulho está desanimado,
nunca se fez dragão a vibora peccado.

A esperança do mal, asperrima esperança,
não póde consolar-me; é ella quem me cança.
Quem sabe o que ficou dos raios da tormenta?
O bem é que progride, o amor é que alimenta!..
O bem é como um deus montado n'um cavallo;
esmaga, sob os pés, Caim, Sardanapalo:
o bem é como um sol brilhando em toda a parte;
queima no mesmo raio Atila e Bonaparte!

«Queima-me tu tambem, olympica bondade!..
Ah! não me dês de novo o imperio da maldade;
não queiras temperar o ferro do meu crime;
não seja a minha lingua a lingua em que se exprime
a torpeza, a miseria, a ingratidão maldita.
Diz á minha alma vil — levanta-te, precíta!
Reduz-me á negridão do inconcebivel nada;
não lances sobre mim sarcastica risada;
sê brando como Christo, o filho teu dilecto;
reduz-me á pequenez; transforma n'um insecto
meu vulto gigantesco. Ah! se não me aniquilas,
se mandas que eu não morra em seio de Dalilas,
Sansão da rebeldia; então, Senhor, levanta
na tua mão de neve a lagrima mais santa
que se chorou na vida: então, Senhor, oscula
a minha fria bôca onde sorriu a gula,
a fronte onde se enruga esta soberba extincta:
que eu te palpe de novo e que outra vez eu sinta
a voz que me dirá, como afagando a fera:
entra de novo, ó sol, na eterna Primavera!»

V

Fez-se um grande silencio; o espaço scismador
preparava-se a ouvir as musicas do amor.
Vinha rompendo o sol; no fogo matutino
havia a irradiação d'um grande olhar divino.
Era effectivamente a voz celestial,
a doce voz do Eterno, orgão da cathedral
chamada firmamento—uma harmonia etherea,
um vago balbuciar de fulgida materia,
um cantico do sol amando os outros soes,
n'um éden sublunar bando de rouxinoes—
depois esse rumor, torrente de brandura,
indistincto clarim do archanjo da ventura,
foi crescendo, crescendo, e a voz do Creador
volveu a Satanaz, curvado pela dor:

VI

«Dizes: *porque pequei?* Eu pergunto egualmente
como é que tu cahiste, ó anjo, na torrente,
como é que tu queimaste as azas virginaes,
mais bellas de que o céo, mais fortes que os metaes,

*

como o teu niveo corpo, em equilibrio santo,
turbado pela dôr, turbado pelo espánto,
se despenhou no abysmo!.. E eu, sem te suspender,
deixei-te resvalar, cahir, gritar, morrer!
Como que me alegrava o vêr-te na desgraça,
ó meu irmão no amor, ó meu irmão na graça,
ó seio do meu seio, ó luz da minha luz,
meu gemeo no existir, meu primeiro Jesus!
Eu é que tive a culpa, eu é que me arrependo;
tù não me offendes,não; eu proprio é quem me offendo.
Chamaste-me Centauro; é certo: a creação
tem na fronte o valor, na cauda a imperfeição,
como um sol, cujo nucleo é feito de bondade
e cujos raios têm na fria extremidade
um veneno subtil que mata os vegetaes,
que encerram na corolla aromas e crystaes!

«Quiz-te salvar, se quiz! Uma enorme anciedade
me perturbou ao vêr-te a vã temeridade.
Ao segurar-te a côma, o braço estremeceu,
teu pavido tremor se confundiu no meu,
e então reconheci que em minha essencia bella,
magnifica, sublime, havia uma parcella
onde as notas do amor deixaram de cantar,
onde os raios do bem perderam seu luar,
onde ficára occulto o germen do egoismo,
e minha alma desceu em parte ao teu abysmo,
e o grito que soltaste era o clamor tambem
da minha divindade a repetir-se além.

«E eu a julgar-te bello, harmonico, impeccavel,
a fonte onde bebesse o teu sorriso amavel,
o ouro com que um dia houvesse de dourar
a cupula do céo e o tumulo do mar,
o orvalho que cobríra o Éden de frescura,
a ideia que encheria o mundo de ventura,
o globo onde sonhasse o sonho mais feliz,
e tinhas a final o verme na raiz,
a sombra no esplendor que tanto me cegava,
o delirante orgulho em tua fronte escrava.

«Eras o meu espelho, espelho da manhã;
na frente estava Deus, por traz Leviathan;
aureola encobrindo o fundo da voragem,
eu via unicamente em ti a minha imagem,
em teu bondoso rosto a minha limpidez.
O corpo da justiça em magica nudez
nunca teria assim delicadeza tanta;
eras a luz que vôa, eras a luz que canta!

«Enganei-me ao soltar o *Fiat;* enganei:
foi um esquecimento:—ao decretar a lei,
não vi que ella devia, equitativa e justa,
abranger a grandeza, a omnipotencia augusta,
os átomos subtis, e o orbe roteador:
a lei nunca foi lei se esquece o dictador.
Eu puz por condição a toda a natureza
o progredir no bem, no amor e na belleza,

o ir-se transformando, até que a perfeição
chegasse a estar commigo em plena equação,
e a vida me egualasse esplendida, impolluta!

«E eu a assistir sereno á disputada lucta!

«Foi um engano, um erro. Eu impassivel, só,
e tudo a revolver-se, a combater no pó,
a garra contra a garra, o dente contra o dente,
a vida contra a vida, e eu sempre independente
a ver passar no azul myriadas de soes
presos á sua esphera, athleticos heroes
cançados da peleja. A onda do infinito
bateu em mim tambem, e tu soltaste um grito.
Tu foste o meu impulso, a corda que vibrou,
a alma que em minha alma indomita luctou;
não foste a culpa, não; foste a fatalidade,
o sêr que redimiu a minha eternidade;
se foste o meu peccado, has sido a expiação!
Teu pranto quem o chora é sempre o coração
do deus que obedeceu em ti ao movimento,
que geme no teu corpo o universal lamento,
que espera depurar, no alvor de pleno abril,
na tua renascença, a imperfeição servil.

«E pedes-me perdão! Não vês que o soffrimento
é a lei que preside ao aperfeiçoamento,
a condição fatal que a tudo se estendeu,
á terra, ao firmamento, o vasto colisseu

feito da luz dos soes?! Ha-de soffrer comtigo
o Deus que é teu irmão, o teu sagrado amigo,
o Deus que vive em lucta e que deseja a paz,
que se adora a si proprio, amando Satanaz!

«Não chores mais, socega; anime-te a esperança!
Tirar-te-hei do peito o ferro d'essa lança
e o ferro ha-de raiar como o clarão final
do soffrimento vil, do rebellado mal.
E em breve has-de voltar a ser a minha aurora,
a face do teu Deus, a face que não chora,
a face onde a pureza ostenta os seus rubins,
e rapido, qual som que expellem os clarins,
virás fundir-te em mim, bem como um aerolitho
lançado pelo sol á massa do infinito!»

FOZ DO DOURO,
10 DE SETEMBRO DE 1875.

FIM.

INDICE

LIVRO I

LENDAS DO CORAÇÃO

LIVRO II

LENDAS SOCIAES

LIVRO III

LENDAS DOS REIS E DOS DEUSES

ERRATAS

Pag. 40, linha 1, onde se lê:

Ó ondas que passaes, onda do mar dourado,

Leia-se:

Ó ondas que passaes, ondas do mar dourado,

Pag. 124, linha 15, onde se lê:

Não fique Isaac a jubilar co'a bençâo,

Leia-se:

Quando Jacob rejubilar co'a bençâo,